

LUÍS ANTÔNIO ALVES MEIRA

**INFILTRADO NO CHAN: ECONOMIA E LINGUAGEM DO ÓDIO**

CAMPINAS  
2021

LUÍS ANTÔNIO ALVES MEIRA

## **INFILTRADO NO CHAN: ECONOMIA E LINGUAGEM DO ÓDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguagens, Mídia e Arte, linha de pesquisa Sujeito e Mídia, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Zanotti

CAMPINAS  
2021

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Rizziolli Pires CRB 8/6920 Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

302.231  
M514i

Meira, Luís Antônio

Infiltrado no Chan: economia e linguagem do ódio / Luís Antônio Meira. -Campinas: PUC-Campinas, 2021.

100 f.: il.

Orientador: Carlos Alberto Zanotti.

Dissertação (Mestrado em Linguagens, Mídia e Arte) - Programa de Pós- Graduação em Linguagens, Mídia e Arte, Centro de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2021.

Inclui bibliografia.

1. Mídia digital. 2. Internet - Análise do discurso. 3. Ódio. I. Zanotti, Carlos Alberto. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Linguagem e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte. III. Título.

CDD - 22. ed. 302.231

LUÍS ANTÔNIO ALVES MEIRA

“INFILTRADO NO CHAN: ECONOMIA E LINGUAGEM DO ÓDIO”

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado em Linguagens, Mídia e Arte da PUC-Campinas, e aprovada pela Banca Examinadora.

APROVADA: 26 de fevereiro de 2021.



---

Prof. Dr. Carlos Alberto Zanotti  
(ORIENTADOR – PUC-CAMPINAS)



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Righi de Andrade  
(PUC-CAMPINAS)



---

Prof. Dr. Sérgio Amadeu da Silveira  
(UFABC)

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho aos meus irmãos; Marco Aurélio e Maria Luiza, e a todas as outras crianças embasbacadas com a tecnologia.*

## AGRADECIMENTOS

É com muito orgulho que entrego esta pesquisa no Brasil de 2021. Espero que, no futuro, olhemos para este período com ares de uma lembrança distante, de alívio, para que assim possamos agradecer a todo corpo acadêmico deste país que, mesmo castigado pelo obscurantismo e anticientificismo, resistiu de pé diante da erosão da razão. É aos acadêmicos e pesquisadores brasileiros do fim da década de 2010 e início da década de 2020 que agradeço primeiramente.

Agradeço pela solidariedade em momentos aparentemente difíceis, agradeço pela resiliência de manter a cabeça erguida e os pensamentos claros para que se trabalhe com base no método científico e no compromisso com o coletivo.

Agradeço também aos meus amigos e familiares que me apoiaram em momentos em que o trabalho cognitivo pareceu tão pesado.

Agradeço a meus amigos; ao Rafael forte, ao Pedro careca, ao Pedro magro, ao Rafael “normal”, a Erick, a Gabriel, à Talita, à Malu, à Thalita, à Duda, e a Lazzaroto por todas as conversas que, sem as quais, este trabalho não seria possível.

Agradeço aos meus familiares, tanto àqueles que viram neste trabalho um esforço legítimo, quanto àqueles que me perguntam se eu “trabalho também” ou se “só estudo”.

Agradeço aos meus pais por nunca duvidarem do esforço feito por mim nas mais diversas áreas de atuação.

E agradeço principalmente pelos meus irmãos, Marco Aurélio e Maria Luiza. É para eles que direciono todo o esforço desta pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## RESUMO

Este trabalho procura demonstrar como a chamada economia da atenção (WILLIAMS, 2018) e o extrativismo de dados (MOROZOV, 2017) atuam na subjetivação do indivíduo, que, em última instância, sofre um enfraquecimento da coletividade da língua e suas implicações simbólicas. Direcionamos esta pesquisa em torno do Dogolachan como ambiente de onde extraímos excertos de manifestações de discurso de ódio, entendendo que o fórum, uma vez anônimo e de difícil acesso, possui caráter confessional para seus sujeitos. Para tanto, nos aprofundamos na conceituação de um sujeito conhecido como incel e como suas frustrações são agenciadas pelos algoritmos de recomendação das redes sociais, afiliando-se assim a outros sujeitos com dores comuns. Utilizamos a simbologia da “Red Pill”, uma metáfora para uma série de discursos misóginos compartilhados pelos incels e pela Alt-Right, para exemplificar como funcionam os mecanismos de recomendação de conteúdo que grandes empresas de tecnologia como Google, Facebook e Twitter atuam. Conceituamos um percurso epistemológico chamado de “solipsismo linguístico” para apontar a exclusão sistemática do outro por vias da língua. Este percurso metodológico nos levou à Análise de Discurso de tradição pècheuxtiana, que considera seu objeto, o discurso, como “o lugar teórico em que se imbricam todas suas grandes questões sobre a língua, a história e o sujeito” (MALDIDIER, 2003, p.15). Ao final do trabalho, apontamos que o atual modelo de extração de dados e de recomendação de publicidade direcionada adotados pelas grandes empresas de tecnologia têm contribuído para dificultar a efetiva inserção dos sujeitos na cotidianidade, segundo os termos de Agnes Heller (2011).

**Palavras-chave:** Chan; Capitalismo de dados; Língua; Alt-Right; Ódio.

## ABSTRACT

This work demonstrates how the so-called Economics of attention (WILLIAMS, 2018) and Data extraction (MOROZOV, 2017) act on the subjectivity of the individual, who, in the end, suffers a weakening of the collectivity of language and its symbolic implications. We directed this research around Dogolachan as an environment from which we extracted excerpts from hate speech manifestations, understanding that the forum, once anonymous and difficult to access, has a confessional character for its subjects. For this, we delve deeper into the conceptualization of a subject known as incel and how his frustrations are managed by the recommendation algorithms of social networks, thus joining other subjects with common pain. We use the symbolism of the "Red Pill", a metaphor for a series of misogynistic speeches shared by the incels, to exemplify how the mechanisms for recommending content that major technology companies such as Google, Facebook and Twitter operate. We conceptualized an epistemological path called "linguistic solipsism" to point out the systematic exclusion of the other through language. This methodological path led us to Discourse Analysis of the Pêcheuxian tradition, which considers its object, the discourse, as "the theoretical place in which all its great questions about language, history, the subject are intricate" (MALDIDIER, 2003, p.15). At the end of this research, we conclude that the current model of data extraction and recommendation of targeted advertising adopted by large technology companies has contributed to hinder the effective insertion of subjects in daily life, according to the terms of Agnes Heller (2011).

**Keywords:** Chan; Data Capitalism; Language; Alt-Right; Hate.

## SUMÁRIO

Memorial .....	10
Introdução .....	12
<b>1. OS CHANS E A CULTURA DA TRANSGRESSÃO .....</b>	<b>20</b>
1.1 Chans e ativismo online .....	20
1.2 4chan, memes e devires. ....	24
1.3 A estrutura dos chans .....	27
1.4 A ética dos chans .....	31
<b>2. ECONOMIA DO ÓDIO.....</b>	<b>37</b>
2.1 O fim do “Fim da história”.....	37
2.2 Sociedades de controle e o Capitalismo de dados .....	43
2.3 A lógica das comunicações online: Economia da atenção .....	47
2.4 Instâncias e ataques à atenção .....	52
<b>3. LINGUAGEM DO ÓDIO .....</b>	<b>56</b>
3.1 Solipsismo linguístico.....	56
3.2 Infantilização da política: Aceleração e Mdiatização.....	59
3.3 Política da infantilização.....	62
<b>4 INFILTRADO NO CHAN.....</b>	<b>69</b>
4.1 Engolindo pílulas vermelhas .....	69
4.2 Método de pesquisa .....	73
4.3 Formação discursiva da Transgressão .....	75
4.4 Formação discursiva do Ressentimento.....	80
4.5 Formação discursiva da Eliminação do outro abjeto.....	85
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>90</b>
<b>Referências .....</b>	<b>94</b>

## MEMORIAL

Ombudsman é como é chamado o profissional contratado por uma empresa ou instituição sob a função de receber críticas, sugestões e reclamações de usuários e consumidores de um serviço. O cargo exige ação imparcial para mediar conflitos entre as partes envolvidas. Em um jornal, por exemplo, este cumpre a função de intermediário entre o leitor e a publicação. É do ombudsman de um veículo de comunicação que se espera a autocrítica quanto às decisões editoriais que chegam ao leitor.

Nesta pesquisa tive a oportunidade de encarnar num duplo papel de ombudsman. Formado em publicidade e com certa familiaridade com chans – que não eram associados à extrema-direita estadunidense no passado –, tive o prazer de ver esta pesquisa se desenvolver de forma natural em direção ao problema de pesquisa aqui abordado. Enquanto que na faculdade de publicidade aprender sobre estratégias de persuasão comunicativa se apresentaram a mim como produto de uma moral levemente “cinzenta”, as liberdades dos fóruns da internet, por mais que me trouxessem momentos de alegria e de riso, sempre traziam consigo a mesma percepção dúbia de moralidade.

Não estou aqui para cuspir no prato que como e maldizer o curso que eu mesmo escolhi fazer, mas, como se verá nesta pesquisa, as estratégias persuasão e coação da publicidade – quando invasiva – minam diretamente as liberdades epistemológicas de seu objeto: seu público alvo. É neste aspecto que este trabalho representa uma conquista pessoal para mim: a de servir de ombudsman das estratégias de coação da publicidade direcionada, algo que tanto me gerou interesse no passado (e ainda gera, caso contrário este não seria o tema desta pesquisa).

Obviamente que os estudos da comunicação com foco na publicidade e propaganda não se resumem a “vender o que alguém não precisa para que se compre com o dinheiro que não tem para agradar a quem não gosta”, como era piada recorrente na graduação. No entanto, trazer as estratégias de persuasão que a prática carrega consigo ao escrutínio da crítica neoliberal me parece hoje essencial para entender o mundo intermediado pela comunicação digital, que encontra na publicidade sua principal base de monetização. Naturalmente, estar ciente da atual conjuntura da comunicação e, conseqüentemente, das relações sociais mediadas por ela me colocaram sem muito esforço na condição que me encontro ao escrever

estas palavras: a de mediador de conflitos entre as partes envolvidas; como ombudsman da publicidade e de seu sujeito.

O mesmo pode ser dito com os chans. De 2011 para 2014 (e até hoje) era comum ver memes na internet “*mainstream*” e saber que eles tinham se originado no 4chan. Nos grupos do Facebook era onipresente a referência ao site. Seja nas gírias, no interdiscurso, ou até mesmo na tradução e reapropriação direta de memes do site, a cultura “*channer*” fez parte de um período da minha adolescência em uma época que alguns chamam de “era de ouro da internet” – quando adolescentes não mostravam interesse em políticas fascistas.

Foi em 2014 que percebi uma certa partição dentro da cultura “zueira” da internet. Cheguei a esta conclusão quando, em grupo no Facebook, fiz uma piada com um certo político que havia perdido as eleições daquele ano. Fui alvo de alguns perfis vindo até mim e mandando comentários pouco agradáveis. De 2014 em diante percebi cada vez mais o crescimento da toxicidade da cultura de internet. Minha preocupação era e ainda é, precisamente, a onipresença de jovens e adolescentes neste meio. Criou-se então uma cultura em que “piadas” racistas, misóginas e xenofóbicas são apresentadas sobre o verniz da “ironia”, em que nada deve ser levado a sério. Mas o que separa a piada da seriedade quando tudo se torna piada?

Tenho dois irmãos. Marco Aurélio, de 13 anos; e Maria Luiza, de 9. Esta pesquisa é a materialização do meu medo quanto às forças nas quais estas duas crianças encontrarão um dia: as forças da publicidade e propaganda desenfreadas e as forças do ódio, do fascismo, cuja retórica soube muito bem (como se verá mais à frente) se apropriar da cultura da internet. Talvez esta pesquisa seja motivada por um desejo nostálgico de trazer de volta os velhos dias da internet, livre de hierarquizações raciais ou de gênero. Talvez isto seja pedir demais. Não sei.

O que sei é que me vi na oportunidade de me colocar como mediador destes dois conhecimentos: os conhecimentos da publicidade e os conhecimentos a respeito da cultura dos chans. É neste aspecto que entendo esta pesquisa como uma enorme realização pessoal e, talvez, como um pequeno passo em direção ao fim desta cultura de ódio que toma conta da comunicação digital intermediada por grandes empresas de tecnologia. Mas tenhamos paciência e sigamos o caminho um passo de cada vez. Esta pesquisa carrega a esperança de que o ódio não faça parte do “novo normal”.

## INTRODUÇÃO

Na manhã do dia 13 de março de 2019, Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos, e Luiz Henrique de Castro, de 25, entraram encapuzados na Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano (SP) e mataram sete pessoas, sendo cinco alunos e duas funcionárias do colégio. Em seguida, um dos assassinos atirou no comparsa e, então, se suicidou. Pouco antes do massacre, a dupla havia matado o proprietário de uma locadora de carros da região, que era tio de um dos assassinos. Um total de oito vítimas.

O que chama atenção para este episódio e o que justifica sua escolha para ilustrar nosso objeto de pesquisa, **o discurso de ódio como objeto de agenciamento de subjetividades**, é a natureza da motivação dos crimes e sua execução. Pode-se dizer, a partir de postagens – supostamente publicadas pelos próprios autores no fórum anônimo Dogolachan (DECLERQ, 2019) –, que os crimes de Suzano foram premeditados e com alvos comuns a outros casos de *mass shooting* (tiroteio em massa) em escolas norte americanas.

Tanto no caso ocorrido em Suzano, quanto em outros ocorridos nos EUA, os atentados foram previamente anunciados e enunciados por seus protagonistas como símbolo de “retribuição”, como resposta a algum mal-estar que motiva os episódios de violência. Foi o caso de Elliot Rodger, protagonista do massacre de Isla Vista, em Santa Barbara, na Califórnia (EUA), em 2014. Um dia antes de cometer o atentado que mataria seis pessoas e tirar sua própria vida, Rodger publicou um vídeo no Youtube intitulado “Elliot Rodger’s Retribution” (GARVEY, 2014) onde manifesta em tom de desabafo:

Oi, Elliot Rodger aqui. Bem, este é o meu último vídeo. Tudo convergiu para isto. Amanhã será o dia da retribuição, o dia em que terei minha vingança contra a humanidade, contra todos vocês. Pelos últimos oito anos da minha vida, desde a puberdade, eu fui obrigado a suportar uma existência de solidão, rejeição e desejos não realizados, tudo porque as garotas nunca se sentiram atraídas por mim. As garotas deram sua afeição e sexo para outros homens, nunca para mim. Eu tenho 22 anos e ainda sou virgem, nunca sequer beijei uma garota. E na faculdade, dois anos e meio, mais que isso na verdade, e eu ainda sou virgem. Isto tem sido bem tortuoso. A faculdade é o período em que todo mundo experiencia aquelas coisas como sexo e diversão e prazer. Todos estes anos eu tive que apodrecer na solidão, e isso não é justo.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Transcrição do último discurso de Eliot Roger. Tradução livre para “Hi, Elliot Rodger here. Well, this is my last video. It all has to come to this. Tomorrow is the day of retribution, the day I will have my revenge against humanity, against all of you. For the last eight years of my life, since I hit puberty, I’ve been forced to endure an existence of loneliness, rejection and unfulfilled desires, all because girls have never been attracted to me. Girls gave their affection and sex and love to other men, never to me. I’m 22 years old and still a virgin, never

Elliot Rodger, então, se dirigiu a sororidade mais famosa do campus de sua universidade com o objetivo vitimar mulheres. Ao não conseguir entrar, atirou nas pessoas que passavam pela rua. Não se pode afirmar com certeza a motivação do atentado de Suzano tal como o de Isla Vista, uma vez que não há um manifesto tão esclarecedor quanto o de Elliot Rodger. Mas os dois atentados, bem como o de Realengo em 2011 – quando Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, invadiu a escola Tasso da Silveira, em Realengo, no Rio de Janeiro, armado com dois revólveres e matou doze alunos, com idade entre 13 e 15 anos – chamam atenção pelas semelhanças do alvo da violência: alunos da escola/faculdade, colegas de classe dos autores dos crimes.

No caso do atentado de Realengo, em que o atirador não estudava na escola, os alunos, que não eram seus colegas, assumem também o papel simbólico – e portanto semelhante aos outros casos aqui citados – de colegas de classe, de personagens marcados pela relação de antagonismo, onde se esperaria a relação de convivência. Outro ponto importante que relaciona o atentado de Isla Vista com o de Realengo, e que, portanto, fundamentamos a analogia, é o fato de que, das 12 vítimas de Wellington Menezes, 10 foram meninas. Aprofundaremos esta relação mais adiante.

Em comum com os casos de violência aqui citados, bem como o caso do atentado de Christchurch, em 2018 na Nova Zelândia – onde foram mortos 51 muçulmanos por um supremacista branco –, está o fato de que a violência em questão não encontra um fim em si. A violência gerada não acaba com ato de sua efetivação, tampouco é feita com este objetivo. A partir da observação e percepção dos padrões comuns em tais atos, pode-se dizer que este tipo de crime tem função simbólica para aqueles que partilham dos mesmos discursos que motivam seus sujeitos à prática da violência e para os alvos do ódio em questão: muçulmanos, no caso do ataque de Christchurch; colegas de escola/faculdade, no caso dos outros ataques aqui citados e, especificamente, mulheres, no caso do atentado de Isla Vista e de Realengo.

Tais episódios têm em comum a elaboração de algum manifesto do pensamento que os motivou, quando não – como no caso de Suzano –, cria-se a expectativa para este tipo de violência, sugerindo que um atentado nos moldes de Columbine, em 1999, esteja na

---

even kissed a girl. And through college, 2 1/2 years, more than that actually, I'm still a virgin. It has been very torturous. College is the time when everyone experiences those things such as sex and fun and pleasure. In those years I've had to rot in loneliness, it's not fair".

iminência de acontecer. Segundo reportagem do portal de notícias R7 (SIQUEIRA; GUIMARÃES, 2019), os jovens recorreram ao fórum digital Dogolachan para pedir dicas sobre como executar o atentado. No dia 7 de março, um dos atiradores teria publicado uma mensagem de agradecimento ao administrador do fórum, conhecido como DPR. "Muito obrigado pelos conselhos e orientações, DPR. Esperamos do fundo dos nossos corações não cometer esse ato em vão" (DECLERQ, 2019).

Ou seja, tratava-se de uma violência feita para ser vista. Tais manifestações que precedem os atos de violência são veiculadas em subdivisões de fóruns anônimos conhecidos como *chans*. Explicaremos mais adiante o que é um *chan* e como eles funcionam. Este ato nebuloso de propagação do medo tem nome: terrorismo estocástico, que na definição de Jonathon Keats (2019) são “atos de violência praticados por extremistas aleatórios engatilhados pela demagogia política”<sup>2</sup> ou, como descreve a antropóloga Debora Diniz, o terrorismo estocástico é como jogar dados: “os resultados possíveis são conhecidos, porém não previsíveis a cada lance. No terrorismo, são as ameaças difusas, a insistência da perseguição sem rosto ou biografia” (DINIZ, 2019,n.p.). Ou seja, trata-se de um terrorismo descentralizado, onde os atos de violência emergem através dos discursos, do incentivo indireto, não das ordens diretas, e que podem vir de qualquer lugar.

Esta dissertação classifica estes episódios de terrorismo estocástico como os de Suzano (SP), Isla Vista (CA) e de Christchurch (NZ) como a última instância da manifestação do discurso de ódio veiculado pelos pares dos autores dos crimes. Não se tem informação a respeito dos sites que Wellington Menezes frequentava e, portanto, não se pode dizer que se trata de terrorismo estocástico, no entanto, as características de suas ações podem ser comparadas a de outros episódios de terrorismo estocástico movidos por motivações similares: ressentimento.

Episódios como estes são tanto estruturados quanto estruturantes de um *habitus* (BOURDIEU, 1996), de um espaço social, que os forma e posteriormente os simboliza como formadores da subjetividade neste dito espaço. No caso dos autores do atentado de Suzano, a premeditação do episódio e sua consequente repercussão (DECLERQ, 2019) no fórum anônimo Dogolachan deixa claro que a efetivação do ato da violência (como ocorrida) permeia os discursos e o imaginário daqueles que o frequentam e que, portanto, suas

---

<sup>2</sup> Em tradução livre para “Acts of violence by random extremists, triggered by political demagoguery”.

enunciações, não estão descoladas da realidade fora do ambiente virtual, mas se formam a partir dela. Aprofundaremos esta relação posteriormente. No caso do episódio de Isla Vista, na Califórnia, a glorificação dos atos de Elliot Rodger (BBC, 2018) nos dão também indícios de discursos preexistentes ao atentado que entram em concordância com seu teor simbólico. Em todos os casos aqui citados existiam condições para que o terrorismo estocástico se efetivasse a partir dos discursos enunciados pelos pares de seus autores.

Em comum com os casos de violência aqui citados há a percepção, o entendimento, de que o grupo do qual os sujeitos fazem parte encontram-se de alguma forma vitimados pelo grupo a quem se direciona sua violência. No caso do atirador de Christchurch, na Nova Zelândia, um manifesto carregado de 87 páginas (HOLCOMBE, 2019) foi publicado no fórum 8chan contendo manifestações de ódio direcionado a imigrantes e muçulmanos, argumentando que estes seriam uma ameaça à raça ariana e à “cultura ocidental”. Similarmente, em comum com os ataques de Santa Barbara, Califórnia, e de Suzano, São Paulo, o alvo de seus ataques parecia ter a ver com algum tipo de mal-estar prévio de seus sujeitos.

Elliot Rodger efetuou o massacre de Santa Barbara motivado pelo seu celibato; segundo gravação de um manifesto onde declarava que seus alvos seriam mulheres, anteriormente seus objetos de desejo inalcançados. Entendendo que este tipo de violência tem padrões e características em comum, partiremos do pressuposto de que, assim como nos outros atentados citados, os atiradores de Suzano compartilhavam de mal-estares, de ressentimentos, comuns com outros usuários do Dogolachan, fórum virtual em que se organizaram e que será aqui analisado.

Permeará neste trabalho o pressuposto de que os discursos de ódio manifestos em espaços dedicados à sua enunciação tanto formaram sujeitos, como os citados autores dos citados crimes, quanto se apropriaram de suas imagens, nomes e simbologias em geral para reestruturar discursos que já circulavam por estes espaços. Chama a atenção o fato de que os discursos dos ambientes que circulam em espaços dedicados à livre enunciação amparada pelo anonimato, ou seja, fóruns anônimos como o *4chan*, *8chan* e o já citado Dogolachan, trazem características do que Rosane Leal da Silva *et tal* (2011) classifica como discurso de ódio:

O discurso de ódio compõe-se de dois elementos básicos: discriminação e externalidade. É uma manifestação segregacionista, baseada na dicotomia superior (emissor) e inferior (atingido) e, como manifestação que é, passa a existir quando é dada a conhecer por outrem que não o próprio autor. A fim de formar um conceito

satisfatório, devem ser aprofundados esses dois aspectos, começando pela externalidade. A existência do discurso de ódio, assim como toda expressão discursiva, exige a transposição de ideias do plano mental (abstrato) para o plano fático (concreto). Discurso não externado é pensamento, emoção, o ódio sem o discurso; e não causa dano algum a quem porventura possa ser seu alvo, já que a ideia permanece na mente de seu autor. Para esse caso, é inconcebível a intervenção jurídica, pois a todos é livre o pensar. (SILVA, 2011, p. 443)

É a partir desta definição de discurso de ódio que delimitamos o objeto e o problema da pesquisa: uso instrumentalizado do discurso de ódio como vínculo comum para a construção da identidade do indivíduo, como objeto de seus agenciamentos, seja como enunciador ou enunciatário. Quem diz e a quem se dirige, respectivamente. No caso desta pesquisa, por medida de delimitação teórica, elucidaremos os discursos de um grupo frequentemente ligado a episódios de terrorismo estocástico a partir destes espaços de enunciação de *hate speech* conhecidos como “incel”, contração de “*involuntary celibate*” (celibatário involuntário).

Os “incels”, como proponentes, como autores, do objeto desta pesquisa, se identificam e se unem em torno do ressentimento trazido pelo o celibato e suas implicações. Esta identidade criada a partir de mal-estares comuns não lhes é exclusiva, no entanto. Não se pode afirmar que o atentado de Christchurch foi motivado por mal-estares provenientes do celibato, mas é possível afirmar que se trata de crime de racismo. Entendendo que o sentimento de vitimização dos incels perante às conquistas igualitárias do feminismo se compara ao ressentimento de grupos dominantes que se veem obrigados a dividir cidadania com grupos minoritários, associamos os dois com a retórica de filiação da Alt-Right estadunidense.

O filósofo estadunidense Jason Stanley, em seu livro *Como Funciona o Fascismo: A Política do ‘Nós’ e ‘Eles’* (2018), escreve que

Esse sentimento de ameaça pode ser manobrado politicamente para servir de apoio aos movimentos de direita. Essa dialética está longe de ser exclusiva dos Estados Unidos; é, antes, uma característica geral da psicologia de grupo. A exploração do sofrimento de vitimização de grupos dominantes frente à perspectiva de ter que dividir cidadania com grupos minoritários é um elemento universal da política fascista internacional contemporânea. (STANLEY, 2018, p. 78).

Em nosso trabalho, então, observamos os recentes episódios de terrorismo estocástico como braços da retórica fascista que se enuncia na internet na forma de discursos de ressentimento. Focamos aqui no ressentimento que culmina na enunciação de discurso de ódio direcionado a mulheres. Os incels encontram na metáfora da “redpill” um agenciador comum para seus discursos. A “redpill” é uma expressão utilizada para significar a efetiva

inclusão de um sujeito em uma série de discursos que entendem que os homens estão sendo vítimas das conquistas das políticas progressistas (NAGLE, 2017).

O subforum ‘The Red Pill’, no Reddit, tem sido central para o desenvolvimento e ressurgimento desta política anti-feminista online. Ao mesmo tempo em que estes anti-feministas estavam usando o termo para descrever seu despertar da alegre prisão mental do liberalismo<sup>3</sup> dentro da realidade crua da misandria societal, o núcleo duro da alt-right estava abraçando o termo para descrever seu equivalente ao despertar racial [do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos]. (NAGLE, 2017, p. 77)<sup>4</sup>

A metáfora da “red pill” vem do filme Matrix (1999), das irmãs Wachowski. Em uma cena ao início da obra, o protagonista Neo é confrontado com a escolha de tomar uma pílula azul, que lhe faria permanecer em um estado de fantasia, de ilusão, proporcionado pela simulação da Matrix; ou tomar uma pílula vermelha, que lhe faria “despertar” do simulacro de realidade em que vive e enxergaria a “verdade inconveniente”. A “red pill” se apresenta, em nosso trabalho, como o objeto de intermediação comum de diversos discursos de ódio em relação a mulheres e políticas progressistas que agenciam subjetividades a partir daí.

Este trabalho se apoia na Análise de Discurso de linha francesa, onde o discurso é entendido como “o lugar teórico em que se intrincam todas suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito” (MALDIDIER, 2003, p. 15) para chegar às formações discursivas (FOUCAULT, 2017) que possibilitam a enunciação do tipo de discurso que culmina nos citados episódios de violência.

No caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* [...]. Chamaremos de *regras de formação* as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidades de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). (FOUCAULT, 2017, p. 47, grifos do autor)

Espera-se que o caminho criado a partir de análise de discurso (AD) dos enunciados pelos sujeitos aqui estudados sirva de dispositivo analítico a outros sujeitos que se subjetivam

---

<sup>3</sup> No léxico estadunidense, os termos “liberalismo”, a qualidade de “liberal”, é usada para se referir à políticas progressistas.

<sup>4</sup> Tradução livre para “The Reddit subforum The Red Pill has been central to the online development and resurgence of this anti-feminist politics online. At the same time as these anti-feminists were using the term to describe their awakening from the blissful mind prison of liberalism into the unplugged reality of societal misandry, the hard alt-right was embracing the term to describe their equivalent racial awakening”.

a partir da enunciação alheia de discurso de ódio, nos quais a propaganda fascista se configura em sua apresentação pela retórica da Alt-Right.

Buscamos delimitar o corpus da pesquisa em postagens do Dogolachan por três razões: sua infâmia e exposição recentes graças ao ocorrido em Suzano; pelo caráter confessional que o fórum carrega, uma vez que é hospedado na Deep Web – na região da internet não indexada por buscadores comuns como o Google – e seus participantes gozam do anonimato; e pelo *ethos*, pela caracterização, que o próprio site emana. O fórum se autointitula “O maior fórum Alt-Right do Brasil” (ALESSI, 2019). Portanto, explicar o funcionamento da retórica do Dogolachan implica, necessariamente, explicar a retórica da Alt-Right estadunidense e seus eventuais efeitos de agenciamento através dela. Os recortes do corpus da pesquisa foram feitos entre os dias 19 de agosto e 1º de dezembro de 2019. Trata-se aqui de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa e exploratória (GIL, 2008) na intenção de proporcionar maior familiaridade com o problema aqui apresentado.

Buscando entender como estes sujeitos se formam e como suas mensagens de intolerância são propagadas, conceituaremos aqui a materialidade comunicacional dos mesmos, ou seja, no que se apoiam seus discursos para sua efetiva propagação: estratégias de recomendação de conteúdo personalizado das plataformas digitais de informação. É de suma importância explicitar a correlação das estratégias de publicidade e o funcionamento dos algoritmos de recomendação de conteúdo das redes sociais com a emissão de propaganda fascista na forma de discurso de ódio dentro da lógica de mercado da chamada economia da atenção (WILLIAMS, 2018), que é alimentada pelo que Morozov (2017) classifica como “extrativismo de dados”.

Como objetivo geral, procuramos rastrear os caminhos epistemológicos pelos quais os sujeitos aqui analisados, os incels, criam sua identidade a partir de objetos de suas angústias. Estes objetos são entendidos pelos algoritmos de recomendação de sites, como Youtube e Reddit, para criar um perfil de recomendação a partir de intermediações de interesses comuns entre outros usuários de perfis similares.

Compreender a lógica pela qual estes perfis atuam dentro da chamada “economia da atenção” (WILLIAMS, 2019) constitui um dos objetivos específicos, bem como a contextualização histórica dos Chans para o ativismo digital, e a teorização da produção de efeitos de sentido que a dinâmica comunicacional descrita traz para o sujeito incel.

Nosso trabalho se divide em 4 capítulos. No primeiro, observamos e procuramos entender a evolução dos *chans* e sua participação nos embates políticos da última década, bem como suas implicações para o ativismo digital, que gerou conflitos entre usuários de diferentes espectros políticos: de esquerda e de direita.

No segundo, entenderemos o papel das estratégias de publicidade e recomendação de conteúdo para a mediação da percepção de realidade a partir das redes digitais e suas relações sociais com o “enfraquecimento da coletividade da língua” (LAZZARATO, 2014), dos discursos e entendimentos de convivência no atual paradigma de comunicação da chamada “economia da atenção”.

No terceiro capítulo nos aprofundaremos nos efeitos da lógica da economia da atenção para a interpretação da cotidianidade – nos termos de Agnes Heller (2011) – pelo sujeito da distração epistêmica (WILLIAMS, 2019), produto da economia da atenção e do extrativismo de dados (MOROZOV, 2017), apresentados no capítulo anterior. Neste capítulo, conceituamos a ideia de “Solipsismo Linguístico” para teorizar a condição epistemológica na qual o sujeito da propaganda fascista constitui sua identidade.

No quarto e último capítulo, realizaremos a análise de discurso do corpus da pesquisa, relacionando-a com os dispositivos de análise previamente estabelecidos para se elucidar o processo de subjetivação dos sujeitos aqui estudados. Como propomos aqui, este agenciamento se dá pela relação dos algoritmos de recomendação pelo conjunto de discursos entendidos como pertencentes ao objeto simbólico chamado “redpill”. Neste ponto traçamos a relação do que aqui chamaremos de “economia do ódio” com a “linguagem do ódio”, observando como se dá o agenciamento de seus sujeitos e discursos

Ao final deste trabalho, espera-se que o leitor entenda melhor como a tecnologia e o modelo de negócio de grandes empresas de dados como o Google e Facebook atuam a favor da propaganda fascista atual e quais suas responsabilidades diante da criação de um sujeito que busca espaços como o Dogolachan, que, em última instância, culmina em episódios de terrorismo estocástico.

# 1. OS CHANS E A CULTURA DA TRANSGRESSÃO

## 1.1 Chans e ativismo online

Voltemos ao início dos anos 2000 para observar a crescente influência dos chans para a cultura da internet e, conseqüentemente, sua instrumentalização por meio da propaganda fascista da Alt-Right. Para esta discussão, o contexto histórico do início do século se torna a condição base para olhar para o mundo 20 anos depois destes desdobramentos canônicos para a cultura mundial e principalmente da internet. O marco zero histórico desta pesquisa é o dia 11 de setembro de 2001.

A partir de análise baseada em conceitos baumanianos, Velho (2018) argumenta, a respeito do mundo pós 11 de setembro, que o medo e constante sensação de vigilância ativada pela luta contra o terrorismo criaram a compreensão da internet, do ciberespaço, como “o verdadeiro lar” (VELHO apud SOUZA, 2019, p. 22), contrapondo-se, como espaço criador de identidades, ao “off-line”. É neste contexto que se encontra o sujeito contemporâneo, produto da modernidade tardia (HALL, 2006), deslocado e fragmentado perante sua subjetividade.

Partindo de diferentes fontes e maneiras de produção de regimes de verdade (SOUZA, 2019, p. 23) vindos de veículos jornalísticos alternativos e da popularização das redes sociais como o MySpace, Orkut e, mais recentemente, o Facebook, começaram a surgir indícios de que o ambiente online se tornaria o palco dos embates políticos da década. A novidade gerada pela possibilidade de se compartilhar e debater – mesmo que pelo puro intuito de choque – fitas cassetes de material de divulgação terrorista divulgados pela Al Qaeda e outras discussões a respeito das consequências da guerra do Iraque, consolidou no espírito do tempo da primeira década do novo milênio o terreno que semearia os embates aqui tratados.

Estes novos mecanismos de comunicação online se colocariam o terreno fértil para a organização de movimentos políticos e ativismos online (LORENA, 2005). Esta ética ativista inaugurada pelas culturas e movimentos anti-guerra do Iraque culminariam, no final da década, em movimentos como a Primavera Árabe e o Occupy Wall Street. Configura-se então uma nova hermenêutica de ativismo online, o contexto ideal para a emergência da cultura ciberativista, que encontrou terreno fértil no anonimato volátil do 4chan.

O potencial de articulação do 4chan mostrou-se tanto instável quanto imprevisível, partindo do site movimentos como o de usuários que coletivamente fizeram Chris Poole, criador do site, a pessoa do ano pela revista Time em uma votação online (TIME, 2009)<sup>5</sup> e o *bullying online* coletivo de ‘Jessi Slaughter’<sup>6</sup> (CANNING, et al, 2010), de 11 anos, em 2010. A partir de um vídeo que a garota fez e publicou online, em que falava imitando o dialeto “rapper”<sup>7</sup> (UDOBANG, 2016), ela foi alvo de diversos tipos de ataques virtuais, incluindo a divulgação de seu nome completo e endereço residencial, uma prática conhecida como *doxing*, além de ameaças de morte e de assédio. Sua situação não foi suavizada quando seu pai, indignado com o ocorrido, gravou um vídeo ameaçando os usuários do 4chan com uma chamada à “cyberpolícia” (OPPENHEIM, 2016).

No entanto, esta hermenêutica de aleatoriedade, de plena liberdade e de potencial ainda desconhecido que predominavam no site e tanto impressionava seus usuários, serviu como força motora também para a articulação de grupos ativistas que Angela Nagle, em seu livro *Kill All Normies* (2017) classificaria como “ciberutópicos” (p. 14). São movimentos ciberutópicos aqueles atribuídos ao “surgimento das mídias sociais e caracterizados como novas formas de revolução digital sem líderes” (NAGLE, 2017, p. 14), inaugurando uma forma descentralizada de ativismo digital, onde a “dispensabilidade de lideranças era usada como tática de resistência à criminalização dos movimentos” (SOUZA, 2019 p.24).

Foi a partir deste contexto que ganhou fama o coletivo hacker *Anonymous*, que a partir da aproximação dos usuários do 4chan com movimentos de esquerda – principalmente na defesa das pautas referentes à liberdade de expressão e contrárias ao controle estatal da informação – inauguravam o chamado *hackerativismo* (SOUZA, 2019, p.25).

O anonimato das redes e o engajamento de seus usuários nos sub-fóruns direcionados à política, como o */pol/*, dentro do *4chan*, trouxeram ares esperançosos quanto ao uso da internet na manutenção das democracias ao redor do mundo. O início dos anos 2010 teria sido, então, marcado pelo *cyberutopianismo* (NAGLE, 2017, p. 12); um sentimento de confiança plena na sociedade midiaticizada que emergia como resposta às imagens dos

---

<sup>7</sup> Dialeto de teor decolonial de grupos afro-americanos que misturam a língua inglesa com termos e sotaques de seus lugares de origem.

movimentos políticos do início da década, como a Primavera Árabe, *Occupy Wall Street* e os recém politizados movimentos hackers como o *Wikileaks* e o *Anonymous*.

No Brasil, as manifestações de 2013 contra o aumento da passagem de ônibus em São Paulo também seguiram esta tendência de movimento, apartidário, espontâneo e articulado pelas mídias digitais. Esta onda de otimismo nas articulações políticas apartidárias e sem pautas claras foi vista com preocupação por Nagle (2017) e Slavoj Žižek (2013). Sobre a onda de ciberutopianismo, Nagle comenta:

A hipérbole e a arrogância dos momentos deveriam ter sido suficientes para deixar qualquer um cético, mas a maioria da esquerda foi envolvida com entusiasmo, enquanto imagens de vastas multidões em praças públicas apareciam nas mídias sociais e depois na mídia tradicional.<sup>8</sup> (NAGLE, 2017, p. 12)

Sobre a mesma onda de protestos do início dos anos 2010, Žižek escreve:

Devemos evitar o essencialismo aqui: não existe um único objetivo “real” perseguido pelos manifestantes, algo capaz de, uma vez concretizado, reduzir a sensação geral de mal-estar. [...] O que a maioria das pessoas que participaram dos protestos compartilha é um sentimento fluido de desconforto e descontentamento que sustenta e une demandas particulares. (ŽIŽEK, 2013)

Nagle lembra que o fervor das manifestações esfriou em poucos anos. A revolução egípcia de 2011 abriu caminho para que a irmandade muçulmana, grupo fundamentalista opositor ao governo Mubarak, chegasse ao poder. Em 2013, movimentos similares tomaram as ruas da Ucrânia. Começaram com movimentos romantizados de tomada do poder pelo povo, mas a essa altura, os movimentos populares ciberutópicos se apresentavam de forma menos convincente e se abriu espaço para a emergência de movimentos reacionários e até mesmo neonazistas, como o Exército Insurgente Ucrâniano (UPA, na sigla ucraniana).

Os movimentos do *Occupy Wall Street* foram logo desmantelados, e os manifestantes expulsos de suas ocupações em locais públicos. Estes coletivos que se reuniam em torno da narrativa de movimentos sem líderes, que adotaram a máscara de Guy Fawkes, precisamente em sua representação no filme *V de Vingança*, como símbolo do ciberativismo em referência ao *Anonymous* – e sua ética contrária ao culto de personalidade – perderam sua força gradualmente até 2016, antes da eleição de Donald Trump.

---

<sup>8</sup> Em tradução livre para “The hyperbole and hubris of the moment should have been enough to make anyone skeptical, but most on the left were swept up in the excitement as images of vast crowds in public squares appeared on social media and then in the mainstream media”.

No Brasil, os protestos contra o aumento da passagem de ônibus em São Paulo abriram caminho para o impeachment da então presidenta Dilma Rousseff e o eventual crescimento da retórica “anti-politicamente correto”, encarnada na figura de políticos populistas de direita, como o futuramente eleito presidente Jair Bolsonaro.

Com brigas internas no 4chan e crescente sentimento de desesperança no ciberativismo depois da prisão do hacker Sabu, apelido de Hector Monsegur – abordado pelo FBI em 7 de junho de 2011, que trabalhou em cooperação com o governo estadunidense para encontrar outros ativistas (ITO, 2018) –, a cultura chaner se direciona gradualmente à direita, fruto das discussões no sub-fórum /pol/, destinado à política. Sobre esta divisão, Nagle (2017) escreve:

Ao longo do caminho, os ‘chatos moralistas’ de esquerda que se direcionaram ao AnonOps IRCs sofreram com um grau de espionagem do estado e repressão durante o auge do perfil público do Anonymous de 2010 a 2012. Essa ausência do elemento mais libertário inclinado à esquerda dentro da cultura chan criou um vácuo no fórum que seu o lado direitista foi capaz de preencher com seus memes de humor chocante e anti-politicamente correto.<sup>9</sup> (NAGLE, 2017, p. 7)

Na esquerda, pairava o sentimento de que a tão anunciada utopia digital, prometida desde os anos 80 com o surgimento dos computadores pessoais, havia falhado (NAGLE, 2017, p. 27). Na direita, a hegemonia territorial e discursiva recém conquistada nos ambientes online possibilitou a emergência de discursos cada vez mais extremados, amparados nas ideias de liberdade de expressão e valorizando a busca por cada vez mais espaços de transgressão.

É neste contexto que cresce a chamada Alt-right, termo cunhado pelo supremacista branco Richard Spencer (STANOVSKY, 2017, p.133) para tornar mais palatável uma partição do discurso conservador abertamente racista e anti-semita, ressignificando o superego libertário que uma vez fez parte da cultura “hacktivista”.

Sobre a Alt-right, Nagle explica que

O que chamamos agora de alt-right é na verdade essa coleção de várias tendências separadas que cresceram semi-independentemente mas que se

---

<sup>9</sup> Em tradução livre para “Along the way left-leaning ‘moral fags’ who had gravitated towards AnonOps IRCs suffered from a degree of state spying and repression during the height of Anonymous’s public profile from around 2010 to 2012. This absence of the more libertarian left-leaning element within chan culture created a vacuum in the image boards that the rightist side of the culture was able to fill with their expert style of anti-PC shock humor memes”.

juntaram sob a bandeira de um estouro de políticas culturais anti-politicamente correto através das guerras culturais dos anos recentes. O estilo irreverente de trolagem associado ao 4chan cresceu em popularidade em resposta à crescente política identitária de espaços mais femininos como o Tumblr. (NAGLE, 2017, p.21)<sup>10</sup>

Entende-se então que a Alt-right é, como escreve Nagle, “uma resposta a uma resposta a uma resposta”<sup>11</sup> (2017, p.11), um movimento essencialmente reacionário face às crescentes vozes da esquerda libertária na internet pós o 11 de setembro. Neste sentido pode-se entender que a Alt-right estadunidense – e, conseqüentemente, sua influência no Brasil por meio de sua ligação com os discursos dos incels – são produto das crescentes discussões progressistas que, percebidas então como normalizadas, integraram-se ao ambiente das discussões online como elemento dado, como norma, o que convidaria, então, à emergência da cultura da transgressão.

Como pontuamos na Introdução, os discursos dos incels, intermediados pela chamada “red pill” cresceram independentemente e se encontraram, fazendo parte do que chamamos hoje de Alt-Right. A cultura do 4chan inclui muito da cultura dos incels, da “red pill” e da Alt-Right, mas não exclusivamente. Entender a retórica da Alt-Right e dos incels pressupõe, necessariamente, entender a retórica e ética dos chans.

## 1.2 4chan e devir

Em busca de chegar ao entendimento da retórica online dos chans e seu papel para a criação de condições propícias à enunciação de discurso de ódio, abordaremos brevemente o que é um chan e sua dinâmica de interação entre usuários. Um chan se caracteriza por uma lógica específica de interação entre seus participantes: a lógica dos *imageboards*, onde cada usuário precisa postar uma imagem para a criação de cada *thread* (fio) de discussão, sem a

---

<sup>10</sup> Em tradução livre para “What we now call the alt-right is really this collection of lots of separate tendencies that grew semi-independently but which were joined under the banner of a bursting forth of anti-PC cultural politics through the culture wars of recent years. The irreverent trolling style associated with 4chan grew in popularity in response to the expanding identity politics of more feminine spaces like Tumblr”.

<sup>11</sup> Tradução livre para “a response to a response to a response”.

necessidade de registro prévio e com sua identidade preservada, sendo o criador da postagem exibido como “*anonymous*” (Figura 1).

Os fóruns em formato de *imageboard* possuem moderadores que adequam o fluxo de postagens às regras e éticas específicas de cada site, que formarão as características, estéticas, ideológicas e até mesmo epistemológicas de cada ambiente de acordo com os regimes de verdade (FOUCAULT, 1999) que permeiam aquele espaço. Segundo Foucault, um regime de verdade condiz com aquilo que “constrange os indivíduos a um certo número de atos de verdade” (p. 67), preestabelecendo, para tais atos, determinadas condições e efeitos específicos. Ou seja, um regime de verdade limita o que pode ser dito e entendido como “verdade”, como aceito, como canônico, em determinado espaço.

No caso dos chans, um quadro (*board*) com conteúdo focado em política, dentro de um *imageboard* de posicionamento político abertamente de direita, por exemplo, terá uma moderação que controlará postagens discrepantes ao tema proposto ou mesmo dos discursos aceitos pelo fórum. O conteúdo de um fórum segue, então, o regime de verdade que ali se dispõe. Retomaremos esta questão mais adiante. Segue-se agora a construção do entendimento dos chans a partir de seu expoente mais conhecido: o 4chan.

Figura 1 – Captura de um fio de discussão no quadro b/ (Random)



Fonte: <https://www.reddit.com/r/4chan/comments/9xfpyp/b/>. Acesso em 17/11/2020.

Tendo sido criado em outubro de 2003, o 4chan contava em 2011 com 750 milhões de visitas mensais (NAGLE, 2017, p. 17). O fórum foi altamente influente na cultura de internet, entre o público mais jovem, por seus memes, piadas e pegadinhas (*pranks*) organizadas online e realizadas no mundo real. O *4chan* foi um marco para a ética das

culturas na internet por estabelecer o que Nagle (2017, p. 29) chama de “política online da transgressão”.

Entendemos ética como o conjunto de valores de um grupo, indivíduo ou espaço. Sendo *4chan* o mais famoso dos *imageboards*, explicar seu funcionamento implica explicar o funcionamento de todos seus análogos, tanto na lógica técnica das discussões do site – com relação à volubilidade e anonimato das postagens – quanto na epistemologia, nos percursos cognitivos, pelos quais os usuários percorrem para se inserir nas discussões dentro deste formato de fórum.

É comum, inclusive, encontrar em outros *chans* um quadro dedicado à enunciação de conteúdo livre de qualquer categorização, análogo ao quadro mais famoso do *4chan*, o */b/ (Random)*. Entende-se então que a ética dos *chans* e, conseqüentemente, dos comportamentos online dentro de um determinado público inserido nesta cultura deve muito ao *4chan* pela inauguração deste território que emerge a partir de 2003.

Entendemos o *4chan* como um sistema (LUHMANN, 1977), uma vez que se encontra em seus discursos a diferenciação com o mundo off-line. A dicotomia sistema/ambiente, da teoria Luhmanniana, se faz presente nas subjetividades da cultura dos *chans*. A cultura da transgressão postulada por Nagle (2017) é entendida aqui como um destes símbolos de diferenciação uma vez que a “transgressão” se refere à superação de um superego do mundo off-line, portanto, que se diferencia da ética online dos *chans*.

Ao seguir os moldes do *4chan*, inclusive com seu famoso */b/*, pode-se levar a crer, então, que seja intrínseca à concepção dos *chans* e seu formato a cultura da aleatoriedade e da recusa do que for previamente consolidado – buscando diferenciar-se –, do puro devir (DELEUZE; GUATTARI, 1997), da vontade de potência (NIETZSCHE, 2002) que o ambiente de anonimato e aleatoriedade colocam como condição de sua existência.

Entendemos o devir como o estado de potência de onde partem os desejos, como o ponto de partida, sem destino certo, para as subjetividades. Deleuze e Guattari conceituam:

Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de devir, e através das quais devimos. **É nesse sentido que o devir é o processo do desejo** (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 64, grifo nosso)

Seria este então o devir, o processo do desejo, que busca a não interdição, uma das bases que permeiam as éticas entre os adeptos de fóruns no formato chan, porém, limitando-se aos regimes de verdade ali colocados. A popularização do 4chan e a dinâmica de sua partição dedicada às aleatoriedades – o /b/ – torna-se parte imanente da cultura dos *chans*, e, conseqüentemente, da cultura de internet que sofre sua influência, como argumentaremos mais adiante.

### 1.3 A estrutura dos chans

O potencial de articulação online somado à sensação onipresente de anonimato presentes neste modelo de fórum desperta em seus usuários os interesses e potências mais diversas dada à inovação do formato. Sendo todo este sistema social novo e, portanto, sem precedentes na história da comunicação, todo comportamento tido como “normal”, previamente estabelecido fora da internet, dos chans, carrega o potencial de se apresentar como “irritação sistêmica” (LUHMANN, 1977).

Entendemos que a liberdade e potencial contra-cultural convida à inserção neste, então, novo paradigma comunicacional. A ideia de que a cultura dos chans busca se diferenciar do ambiente no qual se insere (a realidade off-line de seus usuários) é aprofundada também pelo escritor estadunidense David Auerbach (apud NAGLE, 2017, p.88), que explica que uma das características definidoras da cultura dos chans é o

assédio constante de ‘n00bs’ [pessoas pouco familiares com a internet e suas dinâmicas] através de jargões específicos e convenções complexas e o conhecimento técnico elitizado que policia os limites da subcultura para inoculá-lo da massificação (AUERBACH apud NAGLE, 2017, p.88)<sup>12</sup>.

É crucial para a cultura dos chans que seu ambiente seja pouco convidativo para evitar a massificação e, conseqüentemente, a perda da condição de diferença do ambiente off-line. O *4chan*, como um espaço de discussão volátil e desregrada, tornou-se um território fértil para os mais diversos tipos de subjetividades e culturas, baseando-se na ideia de que o anonimato está relacionado à luta pela liberdade de expressão.

---

<sup>12</sup> Tradução livre para “American writer David Auerbach explained that one of the defining features of what he called A-culture, or anonymous chan culture, was ‘the constant hazing of n00bs through argot and complex conventions and elite technical knowledge polices the boundaries of the subculture to inoculate it from massification”.

Entende-se que a partir do momento em que um discurso é associado à determinada pessoa, certo grau de relevância do seu conteúdo é perdido em detrimento às associações que fazemos dele com o seu enunciador. (...) Ainda, a impossibilidade de reconhecer nos sujeitos a origem dos discursos permite um ambiente de certa proteção e garante que as suas opiniões possam ser expressas com uma menor preocupação em relação ao julgamento de terceiros. (PEREIRA apud SOUZA, 2019, p. 17).

A cultura dos chans se apresenta então através da simbologia libertária dos primeiros momentos da internet. Esta cultura libertária amplificada pelo 4chan inaugurou uma cultura online do “*for the lulz*” (pela zueira) responsável por momentos marcantes da internet nos anos 2000. Estes vão desde eventuais episódios de altruísmo e propagação de piadas nerds à disseminação de *revenge porn* (“pornografia de vingança”) – fotos que os usuários compartilhavam de suas ex-parceiras sem seu consentimento –, material autodepreciativo, racista, misógino, imagens de *gore* (mutilação), pensamentos incestuosos (NAGLE, 2017, p. 16) e outros tipos de comportamentos tidos como transgressores entre seus usuários. A transgressão emerge uma vez que o que se diz e faz no fórum não permeia os discursos e costumes aceitos em ambiente offline, alheios ao regime de verdade de pura potência nos quais o 4chan se insere.

Segundo Cole Stryker, autor dos livros *Epic Win For Anonymous* (2011) e *Hacking The Future* (2012), o 4chan é uma variação direta do 2channel e o Futaba – ou 2ch –, *imageboards* japoneses de cultura pop de onde o *script* (estrutura) da página e a interface foram diretamente influenciados (STRYKER, 2011, p. 93). O modelo de fórum faz parte da cultura popular do Japão, abordando diversos temas pautados nos princípios da variabilidade e modularidade (MANOVICH, 2005) de seu conteúdo, que impulsiona a hermenêutica de livre enunciação e criação de conteúdo colaborativo por seus usuários, o que viria a se tornar um padrão para os modelos seguintes de fóruns no mesmo formato.

O princípio da variabilidade pressupõe que um objeto cultural nas chamadas novas mídias (MANOVICH, 2005, p. 28) – nesse caso delimitando-se aos chans – possa existir em estados potencialmente infinitos, como acontece com os memes, que se apropriam de produção cultural prévia para criar algo novo e então ser apropriado posteriormente. É onipresente nos chans a cultura do remix, do *ready-made*, do pastiche.

A modularidade se aplica na dinâmica do modelo de *imageboard* pela forma como são distribuídos os fios de discussão; eles ficam indexados ao site enquanto tiverem participação dos usuários, formando uma volubilidade característica dos chans, onde nenhum objeto que tem origem nesta nova mídia necessita de seu contexto original para existir e fazer

sentido. O conteúdo volátil produzido por esta modularidade, aliado ao anonimato e à hermenêutica da pura vontade de potência e da diferença – da “distinção ao off-line” – contraestimula a propagação de conteúdo responsável uma vez que o conteúdo propagado terá vida curta nos fóruns. Nos chans, nada dura ou é feito para durar, e seu conteúdo se apoia na apropriação irrefreável da cultura.

É a partir destes princípios que emerge o potencial memético dos *chans*, que faz referência à ideia de “meme”, de Richard Dawkins (1976), uma entidade culturalmente transmissível, análoga à transmissão genética.

Exemplos de memes são músicas, ideias, frases de efeito, roupas de moda, maneiras de fazer panelas ou de construir arcos. Assim como os genes se propagam na piscina genética saltando de corpo para corpo através de espermatozoides ou óvulos, os memes se propagam na piscina memética saltando de cérebro em cérebro através de um processo que, no sentido amplo, pode ser chamado de imitação. (DAWKINS, 2006, p. 192)<sup>13</sup>

Os memes, produtos da hermenêutica do devir, foram por algum tempo o rosto de destaque da cultura *chan*, uma vez que sua produção é intrínseca à lógica volúvel de criação de conteúdo dos *imageboards*:

Imagine o 4chan como um fluxo em movimento de crianças colocando seus barquinhos feitos de jornais (estas são as temáticas das discussões), se um barquinho é mais interessante ele é mantido no fluxo, enquanto os demais são levados pela correnteza. (STRYKER, 2011, p. 76)<sup>14</sup>

Tornou-se tradicional para a cultura de internet que algum meme ou tendência que chegue ao *mainstream* tenha tido sua origem no fórum. Cole Stryker descreve o 4chan como

[...] um lugar seminal, imprevisível, onde pessoas têm completa liberdade para experimentar; para tentar novas ideias, identidades alternativas. O 4chan permite aos seus usuários dizer e fazer quase qualquer coisa que sejam capazes de pensar sem medo da vergonha ou retaliação. (STRYKER, 2011, p.4)<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> Em tradução livre para “Examples of memes are songs, ideas, catchphrases, fashion clothes, ways to make pots or build bows. Just as genes propagate in the gene pool by jumping from body to body through sperm or eggs, memes propagate in the memetic pool by jumping from brain to brain through a process that, in the broad sense, can be called imitation.

<sup>14</sup> Em tradução livre para “Picture 4chan like a moving stream with kids placing boats made out of newspaper (these are the discussion threads) in the water. When someone posts something uninteresting, the thread behaves like a boat that’s left to float down the stream until it eventually drops off a waterfall, never to be seen again”.

<sup>15</sup> Em tradução livre para “Its a seedy, unpredictable place, where people have complete freedom to experiment; try on new ideas, alternate identities. 4chan allows its users to say and do almost whatever they can think of without fear of shame or retribution”.

O fórum se subdivide em quadros (*boards*) específicos. Sobre seu quadro mais famoso e mais volátil, o já citado /b/, ou *random* – que certamente mais representa este simbolismo –, Stryker segue seu raciocínio:

Existem muitos quadros (*boards*) individuais que compõem o 4chan, e o mais estranho deles é o /b/, ou “aleatório” (*random*). Esta é a “mente coletiva” do site, onde quase qualquer coisa que a mente humana seja capaz de conceber está em tela, por melhor ou pior que isto seja. Alguns se referem [ao /b/] como o idiota da internet, mas alguns milhões se referem [a ele] como um lar. **O /b/ é particularmente especial pois quase não existem regras.** (STRYKER, 2011, p.4, grifo nosso)<sup>16</sup>

Stryker explica ainda que, apesar de seus usuários se apresentarem de forma anônima, o /b/ carrega consigo uma série de regras não formais, “metarregras” (2011, p.4), como ele descreve. Faz parte da cultura do fórum a onipresença destas regras não “institucionalizadas”. Apesar de não constar em uma seção específica do site, as regras do /b/ permeiam o imaginário da cultura dos chans como uma ética não escrita.

No entanto, é possível encontrar em blogs individuais referências às “regras da internet” (segundo o 4chan)<sup>17</sup>. Chamam atenção as duas primeiras destas “regras”, compondo uma espécie de “lei do silêncio”, em referência ao filme e livro *Clube da Luta*, de Chuck Palahniuk: “Regra 1: Você não fala sobre /b/. Regra 2: Você NÃO fala sobre o /b/” (STRYKER, 2011, p.5)<sup>18</sup>.

É perceptível, então, o simbolismo de catarse que o 4chan carrega, bem como sua influência nos produtos de sua cultura. Com isso há o esforço simbólico de manter novos usuários afastados, visando assim manter a liberdade discursiva e performativa dentro do espaço em questão. Usuários mais antigos do quadro em questão, ou “/b/tards”, como descreve Stryker, se referem a novos usuários, alheios à ética do site, como “câncer” (p.5). O ato de nomear novos usuários de “câncer” ou outras qualidades depreciativas, de forma a contraestimular a popularização do espaço de discussão do chan, também está presente na cultura *chan* brasileira.

---

<sup>16</sup> Em tradução livre para “There are many individual boards that make up 4chan, and the strangest one is called /b/, or *random*. This is the “hivemind” of the site, where nearly anything the human mind is capable of conceiving is on display, for better or for worse. Some have called it the Asshole of the internet, but a few million call it home. /b/ is particularly special because the board has almost no rules.” (grifos do autor).

<sup>17</sup> Disponível em <<https://rulesoftheinternet.com/>> Acesso em 17/11/2020.

<sup>18</sup> Tradução livre para “Rule 1: You do not talk about /b/. Rule 2: You DO NOT talk about /b/.”

#### 1.4 A ética dos chans

A similaridade entre o comportamento dos usuários do 4chan em seu mais conhecido expoente brasileiro, o 55chan, foi analisada por Souza (2019) em sua pesquisa a respeito das tecnologias contemporâneas de produção de ódio. Usuários do 55chan, por exemplo, se referem aos seus usuários como “anão” – em referência ao “anon” de “anonymous”, que é como outros usuários são comumente nomeados em suas postagens nos chans, a partir do estabelecido no 4chan (vide figura 1) –, sendo um “anão” recém chegado uma “novabicha”, em referência ao “*new fag*” (STRYKER, 2011, p.24), como os usuários do 4chan se referem aos novos usuários, e “velhabicha” (em referência a “*oldfag*”, do 4chan, como são chamados antigos usuários).

Aquele que não se insere nos discursos do fórum – no caso do brasileiro 55chan – não é entendido como “anão”, portanto, sua presença no fórum não é bem-vinda: é, assim como no 4chan, um “câncer”. É comum observar enunciações recorrentes promovendo um certo capital social (BOURDIEU, 1985, p. 248) elevado a usuários antigos, como o lema (por assim dizer) comum nas interações entre anônimos nos chans: “anão é irmão”.

A ideia de “capital social” foi postulada por Pierre Bourdieu para definir “o agregado dos recursos efetivos ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo” (idem). “Anão é irmão” evoca o senso de pertencimento à comunidade, uma vez que se possui os conhecimentos técnicos necessários para se ter a posse desta rede (pouco institucionalizada) de relações, integrando assim seus discursos.

O conhecimento técnico surge como um diferencial para se navegar pelas interfaces pouco intuitivas dos chans. Por exemplo, para se entrar em um fio de discussão, em muitos chans, é preciso procurar a opção de “responder” na postagem, para, então, ter acesso às demais respostas dos usuários e participar do fio; da *thread*. O conhecimento e integração nos discursos ali dispostos também são esperados pelos demais participantes.

Ou seja, o ganho de capital social possível dentro da cultura de anonimato dos chans vem do conhecimento que o usuário tem de suas regras e formas discursivas daquele espaço, o que se mostra apenas a partir de suas manifestações; do que o usuário escreve, e não de um perfil pré-estabelecido, de sua imagem. É a partir da participação nas discussões que ocorrem

nos chans, que o usuário se entende como pertencente àquela cultura e é assim entendido pelos pares.

Espera-se, na cultura dos chans, que o novo usuário observe as interações no fórum, entenda suas dinâmicas e só passe a interagir com o meio quando sua interação não estiver discrepante com os discursos ali propostos. A qualidade de observador em um fórum é denominada “lurker” (STRYKER, 2011, p. 24): aquele que “espreita”, mas não interage.

Apesar do consciente distanciamento de novos usuários e a eventual violência simbólica carregada pelos termos usados no 55chan, 4chan e Dogolachan, outros formatos de chans partilham da mesma lógica de capital social. É importante lembrar que não é a violência em si que determina o grau de pertencimento de um usuário a determinada cultura na lógica dos chans, mas seu grau de imersão e participação em determinado discurso, dentro de determinado regime de verdade, ligados por um determinado interesse comum. O 4chan, como citado anteriormente, cresceu a partir de discussões sobre animes e cultura nerd, de onde surgiram os mais diversos interesses a partir dos mais diversos devires e vontades de verdade que ali se permitiu dispor.

Espera-se então que, em um fórum pré-concebido para enunciação da violência, aquele que mais se manifesta sobre ela, que mais se mostra imerso em seu discurso (neste caso, de ódio) terá então maior capital social que os demais usuários. Outros chans, direcionados aos mais diversos temas, terão seus próprios indicadores de imersão em seus discursos. A cultura dos chans, no entanto, não está necessariamente ligada ao culto à violência, mas está ligada a uma cultura de transgressão e anonimato que permite a emergência deste culto. Ressaltamos também que o anonimato, embora estimulante, não é a condição *sine-qua-non*, a condição indispensável, para a propagação do discurso de ódio na propaganda fascista.

No caso dos citados fóruns brasileiros, – 55chan e Dogolachan – o que chama atenção é que o interesse que torna comum a participação de seus usuários difere dos interesses gerais de seus correlatos maiores, como o 4chan. Atribui-se aqui esta diferenciação ao potencial para a transgressão que cada fórum carrega consigo.

Considerando, primeiro, a delimitação geográfica: o 4chan é direcionado ao público internacional, não necessariamente estadunidense (apesar de serem a maioria). Portanto, não há espaço dedicado nele para a enunciação e projeção de transgressões de dentro do contexto

(ou ambiente) brasileiro, especificamente. Logo, não fará sentido para um usuário brasileiro em busca pelo gozo da transgressão buscá-lo em um espaço internacional.

Considerando em segundo lugar o nível de familiaridade que os fóruns carregam perante o público geral, *mainstream*, pode-se entender também que, quanto menos conhecido for o espaço virtual para enunciação de seus discursos, mais à vontade o usuário estará e maior será o potencial para transgredir sua realidade através dos discursos daquele dito espaço. Vejamos a seguir (Figura 2) um gráfico com as pesquisas no Brasil pelos termos “4chan” (azul), “Dogolachan” (vermelho) e “55chan” (amarelo), entre 01 de janeiro de 2019 e 18 de novembro de 2020.



Figura 2: Gráfico do Google Trends. Pesquisas pelos termos “4chan”, “Dogolachan” e “55chan” no Brasil entre 01 de janeiro de 2019 à 18 de novembro de 2020. Percebe-se no gráfico que o 4chan é o fórum mais pesquisado. Abaixo dele estão o 55chan e o Dogolachan.

Fonte: Captura feita pelo autor.

É possível supor – a partir do nível de conhecimento que os respectivos sites têm através das buscas por eles no Google, no Brasil – que quanto menos conhecido e acessível o fórum for, somado à sua eventual inserção num discurso hegemônico/ambiente (no caso do 55chan e Dogolachan estarem inseridos na realidade brasileira), maior será seu potencial de transgressão. Conseqüentemente, maior será também a probabilidade de se veicularem em

seu conteúdo ilícitos, comportamentos e atitudes ilegais. A enunciação de discurso de ódio encontra nestas condições um cenário ideal.

É o caso do Dogolachan, hospedado na *deepweb* – parte da internet não indexada por navegadores comerciais como Google Chrome e Firefox – de onde se organizou o atentado de Suzano. Percebe-se também, a partir do gráfico da Figura 2, que o Dogolachan teve um pico de popularidade entre 10 e 16 de março de 2019 devido ao atentado de Suzano mas depois voltou a ser tão pouco, ou menos pesquisado, que o 55chan, que é hospedado na *surface*, como é conhecida a região da internet acessível por navegadores comuns.

As razões que levam o usuário a acessar este ou aquele chan ou ambiente anônimo diferem-se, como propõe-se aqui, a partir de **Coefficientes de Transgressão (CT)** dentro de um mesmo regime de verdade. Imaginemos que dentro deste regime de verdade, os três fóruns aqui trazidos representem, cada um, um determinado Coeficiente de Transgressão (CT). No caso dos citados 4chan, 55chan e Dogolachan: um regime de livre enunciação, onde aquilo que se mostra como uma eventual interrupção deste devir, deste gozo que vem da liberdade desregrada, é visto, portanto, como ruído, como passivo de exclusão.

Esta exclusão se apresenta conforme o potencial de transgressão de cada ambiente, indo desde a qualificação negativa de novos usuários (como “câncer” ou quaisquer qualificações pejorativas) até o bullying e outras práticas de perseguição online. A reação dos usuários do fórum (especificamente, o Dogolachan) àquilo que ameaça seu regime de verdade será devidamente explorado no Capítulo 4.

Para que ocorra a diferenciação de um sistema notoriamente excludente com o ambiente no qual se insere – a saber, a realidade brasileira –, os sistemas aqui analisados irão se adequar aos seus discursos buscando o potencial de diferenciação que mais se adequa à irritação de seu sistema perante o ambiente. Ou seja, irão buscar a diferenciação com o meio a partir da possibilidade de diferenciar-se dele. Aqui sistematizamos este potencial de diferenciação por meio do Coeficiente de Transgressão (CT).

Sendo o 4chan o mais conhecido dos chans e alheio ao contexto brasileiro, podemos imaginar este como um fórum de baixo potencial, de baixo coeficiente de transgressão para o *chan* local. O 55chan, sendo menos conhecido que o correlato estadunidense, porém inserido na realidade, nos discursos e regimes de verdade do Brasil, terá um potencial maior para a transgressão, e conseqüentemente com um maior coeficiente de transgressão (CT),

que só não será maior que o do Dogolachan por este se encontrar em uma parte da internet de difícil acesso. Imaginemos que, para o frequentador brasileiro de chans que busca driblar as interdições do superego social, o 4chan carregue um hipotético Coeficiente de Transgressão de valor 1, enquanto o 55chan carregue um valor 2 e o Dogolachan carregue valor 3.

A mera colocação do Dogolachan como espaço altamente convidativo à transgressão, em contraponto a outros espaços dedicados ao mesmo objetivo porém com menos liberdade, somada à apresentação “o maior fórum Alt-Right do Brasil” (ALESSI, 2019), o apresenta como um sistema que pré-concebe os discursos que carrega: discursos de ódio que se tornam possíveis dentro dos discursos da Alt-Right. Neste aspecto, os discursos da Alt-Right agenciam os discursos dos incels. Esta relação também será devidamente explorada no capítulo 4. A concepção do coeficiente de transgressão (CT) para teorizar o que leva o usuário a acessar este ou aquele fórum, em busca de liberdade de expressão, emerge aqui como uma possível base narrativa para as disputas políticas travadas dentro do 4chan na última década.

A ideia de que os conflitos que levaram à emergência da Alt-right estadunidense se pauta na transgressão, na reação aos discursos de igualdade e ao politicamente correto justificaria uma base argumentativa para os discursos populistas, hierarquizantes e violentos que cresceram a partir de discussões no Twitter, Reddit e chans, exponenciadas pelos algoritmos de divulgação das mais diversas plataformas. Em nosso caso, dirigimos aqui nossa atenção para o Youtube. É precisamente o crescimento destes discursos que marcaria o fim do anteriormente denominado “utopismo digital” (NAGLE, 2017). Entramos agora em um momento de desconfiança e desilusão com a tecnologia, cuja influência mercadológica guia suas diretrizes éticas, afetando assim os nossos próprios sentidos de coletividade.

É possível afirmar que os discursos que, em última instância, são enunciados nos chans, só são possíveis com os sistemas de direcionamento da publicidade online – no qual se baseia a monetização de serviços grátis como Youtube, Twitter, Reddit e Facebook – que entendem que outros usuários possuem interesses comuns com base no que usuários com gostos parecidos consomem. Neste aspecto, os algoritmos de divulgação das maiores empresas de tecnologia do mundo intermediam usuários e conteúdos com base em um objeto de interesse comum: o discurso de ódio. É na associação com a metáfora da “Red Pill” que se agregam os discursos de ódio dos sujeitos que compõem o corpus desta pesquisa,

observados via análise de discurso (AD) de linha francesa. Esta relação, igualmente, será aprofundada no capítulo 4.

É a partir da percepção deste padrão de funcionamento da tecnologia e de suas implicações para a política mundial e, conseqüentemente, para as relações humanas, que chegamos ao fim dos anos 2010. É pela ingenuidade no uso da tecnologia que se permitiu que crescessem as mais diversas forças antidemocráticas sob a retórica da liberdade de expressão e encantamento com os novos rumos da comunicação digital. Os anos 2020 teriam seu início, então, marcados pela desilusão coletiva com a tecnologia, com a internet, tão alardeada em seu início como ferramenta de emancipação coletiva e que, por fim, teria sido dominada pelo mercado através da publicidade e sua lógica de colonização das vidas a partir de um aspecto fundamental para a liberdade cognitiva à qual pouco se presta atenção:

É assim que o século começou: com persuasão sofisticada aliada à tecnologia sofisticada em favor dos objetivos mais supérfluos de nossas vidas. Começou com a I.A. por trás do sistema que venceu o campeão mundial no jogo de tabuleiro ‘GO’ recomendando vídeos para me fazer **assistir ao youtube por mais tempo.**” (WILLIAMS, 2018, p. 29, grifo nosso)<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Tradução livre de “This is how the twenty-first century began: with sophisticated persuasion allying with sophisticated technology to advance the pettiest possible goals in our lives. It began with the AI behind the system that beat the world champion at the board game Go recommending videos to keep me watching YouTube longer.”

## 2. A ECONOMIA DO ÓDIO

### 2.1 O fim do “Fim da história”

A historiadora Lilia Schwarcz (2020), fazendo referência a Hobsbawm, teoriza em seu ensaio “Quando acaba o século XX” que a virada efetiva do século passado para o atual não teria se dado no momento que o calendário marcava 2001, mas estaria ainda por vir, justificada pelo desencantamento com a tecnologia da informação e pela pandemia de COVID-19. Lilia escreve:

O historiador britânico Eric Hobsbawm disse que o longo século XIX só terminou em 1918, com o fim da Primeira Guerra Mundial. Acreditava-se então no progresso e na evolução. (...) No entanto, a Primeira Guerra mostrou como esses mesmos povos estavam mais próximos da barbárie e da destruição, e o conflito retirou todo o lustro civilizatório da Belle Époque europeia. (...) Por isso Hobsbawm tem razão: **os séculos não terminam com o virar da folhinha do calendário, mas quando grandes crises colocam em questão verdades que já pareciam consolidadas.** A grande marca do século XX foi a tecnologia e a ideia de que ela nos emanciparia e libertaria. (SCHWARCZ, 2020, p.5, grifo nosso)

A hegemonia do discurso tecnocrata se pauta em cima desta ideia de emancipação consolidada por este “utopismo tecnológico”, anteriormente descrito por Nagle (2017) e citado também por Morozov (2017, p.173). A entrada para o século XXI seria marcada então pela superação do uso ingênuo e desregrado das tecnologias pela sociedade. Este momento de desilusão tecnológica se apresenta como contradição da retórica do fim da história (FUKUYAMA, 2006), popular na década de 1990, com o fim da União Soviética e a aparente noção de que não haveria outro sistema econômico mais eficaz que o modelo neoliberal.

Para Fukuyama (2006, p. 14), depois do fim das experiências do “socialismo real” no final da década de 1980, a democracia liberal passou a ser a “única aspiração política coerente que constitui o ponto de união entre diferentes regiões e culturas ao redor do mundo”<sup>20</sup>. Fukuyama (2006, p. 90), ao afirmar que o fim da história era marcado pela noção de liberdade, encarnado no liberalismo econômico, estaria afirmando que não existiria nenhum regime político que pudesse superar as democracias liberais, pois somente nelas seria

---

<sup>20</sup> Tradução livre para “liberal democracy (...) the only coherent political aspiration that constitutes the point of union between different regions and cultures around the world”.

possível alcançar-se a plena liberdade, pensamento que se espelha na hermenêutica do puro devir, dos chans.

É a partir desta concepção, a de que os conflitos ideológicos do século XX haviam sido superados, que a tecnocracia – a retórica da fé em uma suposta “objetividade” fria dos dados – ancora na vida cotidiana. Entendendo a hegemonia das empresas de tecnologia (Google, Facebook, Apple, Microsoft) como forças do neoliberalismo que cresceram durante as décadas de 1980 e 1990, postulamos que o utopismo tecnológico citado anteriormente seria fruto da hegemonia neoliberal dita “pós-ideológica” do suposto “fim da história”. O fim do utopismo tecnológico alardearia então o fim, também, do “fim da história”. É neste contexto que começa o século XXI, segundo o nosso entendimento a partir do ensaio de Scharwcs (2020).

Sustentar o discurso de liberdade econômica implicaria também, como veremos mais adiante, sustentar a liberdade para que empresas de tecnologias lutem pela atenção de seus usuários e, conseqüentemente, os afogue nos ruídos comunicacionais que a tecnologia pressupõe. Estes ruídos, incomunicações, desentendimentos, incapacidades de se conviver com o outro, quando repetidos constantemente pela “economia da atenção” (WILLIAMS, 2018) – que conceituaremos mais a diante – culminam em episódios de violência. A política fascista se apropria desta condição para semear sua ideologia.

Desde 2016, com a eleição de Donald Trump e a escalada nos episódios de violência orquestrados por seus apoiadores declarados nas redes sociais por novos braços do populismo de direita – como a Alt-Right, atuante no 4chan e 8chan, nos Estados Unidos –, a fé cega na tecnologia torna-se menos viável. Episódios de *mass shooting*, prática do chamado terrorismo estocástico, comumente associados a episódios em que o ator da violência a comete para chamar atenção para algum manifesto ideológico, denotam a impossibilidade de se olhar para as redes sociais com o otimismo pleno das últimas décadas. É o caso do tiroteio de El Paso, Texas – cidade de maioria populacional hispânica e latina – onde um atirador supremacista branco abre fogo em um mercado da rede Wal Mart, mata 20 pessoas e fere 26 (MAXOURIS *et al*, 2019) depois de postar um manifesto de 2.300 palavras no fórum anônimo 8chan carregado de linguagem supremacista insuflando ódio a imigrantes e latinos, se opondo à “mistura de raças”.

O atirador alertava a respeito de uma suposta “invasão hispânica”, encontrando consonância com o discurso anti-imigração da Alt-Right. A ascensão e conseqüente

entendimento da política marcada pela hierarquização, do populismo de direita é, entende-se aqui, um dos fatos, das irritações sistêmicas (LUHMANN, 1997), das mudanças paradigmáticas que nos levam à superação do utopismo tecnológico. Esta política é marcada pelo agenciamento comum a partir do que que Rosane Leal da Silva *et tal* (2011) classifica como discurso de ódio.

A partir da percepção de que as tecnologias amplificam discursos de ódio, que geram consequências no mundo off-line, a recente entrada no século XXI, nos termos de Schwarcs (2020), seria marcada, então, mas não apenas, pela superação das retóricas emancipatórias da tecnologia uma vez que se percebe que o efeito das tecnologias é o inverso, é o efeito da violência, da retaliação e do negacionismo.

Discordo da afirmação de que não estávamos globalizados no século XIX, mas foi apenas no século XX que a tecnologia ganhou escala mundial e acelerou o nosso tempo. Graças a ela, acreditávamos estar nos livrando das amarras geográficas, corpóreas, temporais. Não estávamos! Ao deixar evidente o nosso lado humano e vulnerável, a pandemia de COVID-19 marca o final do século XX. (SCHWARCS, 2020, p.6)

A pandemia de COVID-19 (doença) expôs as vulnerabilidades que a humanidade enfrenta com o uso da tecnologia ao deixar claro os conflitos a respeito de consensos coletivos, principalmente os científicos, em especial os relacionados à desinformação perante a pandemia do SARS-COV-2 (vírus). A crítica aqui não é apenas sobre *fake news* e polarização, mas sobre como as próprias redes sociais como Facebook, Twitter e Youtube são projetadas para “estimular nossas ansiedades e a nos levar sempre a clicar no botão ‘atualizar’ para obter a publicação mais recente” (MOROZOV, 2017, p. 29). A “obtenção desta publicação mais recente” quando associada a um ressentimento cria condições ideais para a propagação de discurso de ódio e, portanto, para a propaganda fascista.

Entendemos a partir do nosso referencial teórico que este design, a priori, das redes sociais interfere no entendimento simbólico do mundo pelo sujeito que a utiliza. Propomos que a intervenção na subjetividade do usuário das redes seja mediada por meio da publicidade direcionada, que age por meio da língua, de sua ressignificação, da colonização e territorialização da linguagem das infraestruturas, ou “linguagens da produção” (LAZZARATO, 2014, p.57): a colonização do capital sobre a linguagem.

As linguagens de “produção-consumo” produzem “um tipo de destituição da fala, ligado à deterioração das linguagens humanísticas das elites, que têm sido, até agora, as linguagens-guia” (PASOLINI, 1972, p. 65) da sociedade. Os centros de criação e significação

da língua “não são mais as universidades, mas as empresas” (ibid., p.11). Pasolini postula que a linguagem “inter-regional e internacional” do futuro será uma linguagem “sinal ética” de “um mundo unificado pela indústria e pela tecnocracia” (p.42), ou seja, “uma comunicação de homens que já não são mais homens” (p.47) posto que o que guia suas linguagens são a “aplicação integral da ciência à produção” (p.65).

Neste sentido a própria comunicação humana se torna produto do intermédio do capital, das forças das grandes empresas de comunicação. É nesta conjuntura que a influência do capital consolida a tecnocracia característica do “fim da história” (FUKUYAMA, 2006) e dos “movimentos ciberutópicos” (NAGLE, 2017). Isto influenciaria diretamente na construção de mundo de seus sujeitos uma vez que se enfraquecem as linguagens humanísticas e se amplificam os significados maquínicos (LAZZARATO, 2014, p.57) – os significados atribuídos à técnica da comunicação digital.

Este entendimento só é possível a partir da retórica da pós-história, do entendimento de que os conflitos de classe se encontram superados e que, caso contrário, contrapor-se ao avanço e desenvolvimento das tecnologias (mesmo que estas permitam a disseminação de discurso de ódio), seria contrapor-se também ao “progresso” (MOROZOV, 2017, p.29). Progresso (positivismo) este que marca o utopismo tecnológico e a pressuposição de objetividade plenamente racional da tecnologia.

O pesquisador bielorrusso de estudos políticos e das implicações sociais da tecnologia Evgeny Morozov argumenta que o motivo de o debate digital ter parecido tão inócua na esfera pública por tanto tempo é justamente por ter sido “definido como ‘digital’ em vez de ‘político’ e ‘econômico’” (MOROZOV, 2017, p. 29). O debate digital, segundo o autor, teria sempre sido conduzido e partido de pressupostos favoráveis às empresas de tecnologia.

Sem o conhecimento da maioria de nós, a natureza aparentemente excepcional das mercadorias em questão – desde a ‘informação’, passando pelas ‘redes’, até a ‘internet’ – **está codificada em nossa linguagem**. É essa excepcionalidade oculta que permite ao Vale do Silício descartar seus críticos, chamando-os de luditas<sup>21</sup>, os quais, ao se oporem à ‘tecnologia’, à ‘informação’ ou à ‘internet’ – não se usam plurais no Vale do Silício, pois toda nuance traz o risco de confundir seus cérebros –, também devem ser opositores do ‘progresso’ (MOROZOV, 2017, p.29-30, grifo nosso).

---

<sup>21</sup> Movimento de trabalhadores contra a precarização do trabalho que invadia indústrias para destruir máquinas no século XIX. Os luditas ficaram lembrados como "os quebradores de máquinas". O Movimento Ludista atinge seu ápice após o assalto noturno à manufatura de William Cartwright, no condado de York, em Abril de 1812.

Esta retórica de positivismo tecnológico, argumenta Morozov, tem sido o principal escudo argumentativo para a livre operação das empresas de tecnologia. No entanto, este positivismo tecnológico apoia-se na suposição de que as forças da tecnologia, e, conseqüentemente, os setores da indústria da tecnologia, não geram ruídos ou resistências com interesses públicos. Pauta-se o pressuposto de que a tecnologia se apresenta sempre como sendo a favor do usuário. Este pressuposto, recentemente enfraquecido, só pode ser levado em plena consideração se desconsiderarmos os conflitos de classe e dinâmicas discrepantes de poder.

O entendimento da tecnologia como inerentemente positiva a seu usuário precisa necessariamente desconsiderar a ideia de que o controle da vida dos usuários de tecnologia pelas grandes empresas do Vale do Silício seja um atentado à sua liberdade. Para isto, é preciso que o usuário entenda-se despido de outra alternativa que não a de capitular em direção aos difusos termos de uso dos serviços de comunicação. Neste sentido, o Vale do Silício toma as rédeas da biopolítica (FOUCAULT, 1999) no presente século XXI. A respeito desta suposição – a de vivermos num mundo emancipado das ideologias do século XX –, Žižek (2010) contra-argumenta dizendo que ela só faz sentido se nos ativermos ao conceito clássico do termo (ideologia), o de ilusão no âmbito do conhecimento:

[...] então a sociedade atual aparece como pós-ideológica: a ideologia dominante é a do cinismo; as pessoas não mais acreditam em uma verdade ideológica; não levam mais as proposições ideológicas a sério. O nível fundamental da ideologia, no entanto, não é o de uma ilusão que mascara o real estado de coisas, mas aquele de uma fantasia (inconsciente) que estrutura nossa realidade enquanto tal. E nesse nível, estamos claramente bem longe de uma sociedade pós-ideológica. O distanciamento cínico é só uma maneira (...) de fechar os olhos para o poder estrutural da fantasia ideológica: mesmo quando não levamos as coisas a sério, mesmo quanto mantemos um distanciamento irônico, *nós as continuamos fazendo*. (ŽIŽEK, 2010, p.63, grifo do autor)

Foi dentro da ideologia supostamente “pós-ideológica” – a de que estamos, justamente, *fora* de qualquer ilusão ideológica – que se estruturou, que se desenhou, os modelos de comunicação que hoje dominam a vida cotidiana. Seu perigo, no entanto, é o de que este suposto verniz de objetividade que a tecnocracia do Vale do Silício nos trouxe apague do debate público as buscas pelos consensos ao inferir que os entendimentos de mundo pautados por ideologia estejam ultrapassados. O perigo desta prática é a suposição de universalidade dos entendimentos individuais. É este solipsismo – ou seja, esta concepção filosófica de que, além de nós, só existem as nossas experiências – transformado em código, em algoritmo, que permeia as linguagens da comunicação digital.

Isto abriria condição para que um entendimento de mundo fora deste regime de verdade, portanto, desta ideologia “pós-ideológica”, se torne impossível de ser capturado pelo sujeito “pós-ideológico”, pois todo discurso alheio ao seu seria interditado a priori como “ideológico” e, portanto, como ilusão (sempre do outro). É o caso do sujeito incel.

Um indivíduo não pode vir a confiar nas mesmas referências de uma conversa se as referências do outro não se fazem presentes. O problema aqui é quando referências tidas como “dados universais” entram em cena numa tentativa de comunicação: a ausência destes dados no outro pode vir a causar estranhamento no sujeito, impedindo assim a efetivação da comunicação.

A comunicação digital pautada na lógica “pós-ideológica”, de que nossos entendimentos de mundo são construções sólidas e universais, é a força na qual se permitem os mais diversos conflitos de representação. Sobre estes conflitos, David Harvey, em seu livro *Condição Pós-Moderna* (1997) escreve:

Por vezes, o mundo parece encolher numa “aldeia global” de telecomunicações e numa ‘espaçonave terra’ de interdependências ecológicas e econômicas e, que os **horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe no presente** (o mundo do esquizofrênico), temos de aprender a lidar com um avassalador sentido de compressão dos nossos mundos espacial e temporal. (...) A experiência da compressão do tempo-espaço é um desafio, um estímulo, uma tensão, (...) capaz de provocar (...) uma diversidade de reações sociais, culturais e políticas. (HARVEY, 1993, p. 219-220, grifo nosso).

Se a tecnologia nos levaria à tão sonhada aldeia global, que McLuhan (1972) profetizou, tanto as preocupações com os rumos das democracias no planeta, quanto a disseminação desregrada de mentiras – informações objetivamente falsas – e a desinformação durante a pandemia da COVID-19 representaria um despertar anti-climático deste sonho. De acordo com McLuhan (1972), as novas tecnologias transformariam o mundo em uma aldeia, onde a interação seria constante e a os agenciamentos se dariam por meio de interesses em comum. Isto não pressuponha, no entanto, as (in)comunicações (WOLTON, 2010), os conflitos e ruídos que o contato simultâneo e neurótico de um mundo genuinamente conectado pela primeira vez em sua história traria.

Morozov (2017) escreve que “A aldeia global jamais se concretizou – em vez disso, acabamos em um domínio feudal, nitidamente partilhado entre as empresas de tecnologia e os serviços de inteligência” (p.15). A ideia de “aldeia global” como profetizada por McLuhan (1972) pressupunha a emancipação onipresente nos primórdios da internet, mas que perdeu

força passado o início da década de 2010, marcada pelo declínio do utopismo digital. Tão revolucionário em sua concepção, o ambiente digital aos poucos adaptou-se à ideologia do fim da história: à hegemonia do capital como universal e ontológica. À medida que a comunicação pela internet passava cada vez mais pelo escrutínio de grandes corporações, enfraquecia também sua concepção inicialmente libertária e potencialmente revolucionária.

Afinal, um mundo no qual as maiores empresas também são os principais provedores de segurança e bem-estar é um mundo que deixou de acreditar na existência de ideologias concorrentes ou na perspectiva de mudanças revolucionárias. (MOROZOV, 2017, p.172)

É neste cenário que se colocam as condições para que grandes empresas de tecnologia como a Alphabet (conglomerado multinacional do qual o Google faz parte), Amazon, Facebook e Apple, dominem os mais diversos setores da vida pública, incluindo – como é o foco desta pesquisa – a comunicação e a linguagem.

## **2.2 Sociedades de controle e Capitalismo de dados**

É neste paradigma supostamente pós-ideológico (ou pós-histórico, seguindo os termos de Fukuyama), de suposta objetividade trazida pela tecnologia, que é possível a rápida ascensão da Big Tech (MOROZOV, 2017), como são chamados pejorativamente os grandes grupos de tecnologia com interesses comuns. O mesmo prefixo é atribuído para as grandes companhias de petróleo (Big Oil) e alimentícias (Big Food).

A aldeia global, celebrada pelos entusiastas da internet no tempo de sua chegada, teria então dado espaço a “feudos” globais mediados pelas empresas de comunicação que, em última instância, nos libertariam de forças opressoras do poder disciplinar (FOUCAULT, 1999), não por emancipação, mas pela sua superação. Eis aqui o impasse, a armadilha, da aldeia global. A hegemonia do Big Tech, – fruto do fantasma da aldeia global – como propõe Morozov (2017, p.32), marca a concretização do que Gilles Deleuze chama de “sociedade de controle” (1992).

Deleuze (1992) alertaria com antecedência para o rumo que a sociedade se encaminhara com a proliferação dos computadores e das tecnologias da informação ao formular a ideia de sociedade de controle, inspirado no conceito foucaultiano de sociedade disciplinar. O conceito de sociedade disciplinar de Foucault (1999) vem para descrever a sociedade europeia no contexto da emergência do capitalismo, contraposto à queda do poder

monárquico. A sociedade disciplinar é marcada pelo poder normativo, hierárquico: o da disciplina.

Foucault ressalta que a principal função das instituições no estrato sócio-histórico da sociedade disciplinar é a de normalização, implementando práticas classificatórias hierarquizantes e distribuindo lugares. [...] O que um estabelecimento visa é controlar os desvios dos sujeitos enquanto indivíduos, esquadrihando seus comportamentos e efetuando sobre eles uma vigilância constante. (BENELLI, 2014, p.17-18)

Neste sentido, instituições como a escola, a igreja, o hospital e o sistema prisional são símbolos do poder disciplinar e sua hierarquização que circunda a vida e a subjetividade dentro de sua influência. A própria arquitetura – marca do espaço físico, material – das construções que simbolizam o poder disciplinar (como a igreja, os tribunais e escolas) impõem sua influência a partir de seu poder simbólico, imagético, que se apresenta como palpável, presente e, portanto, passível de confinamento. É no confinamento, no espaço fechado que opera a disciplina. A onipresença da disciplina – característica do controle –, no entanto, depende de abertura. É preciso que os fluxos de disciplina corram pelos diversos setores da sociedade, antes fechados.

A sociedade de controle não seria, então, um descarte do conceito de disciplina, mas uma superação uma vez que novas forças entrariam em jogo. A onipresença da comunicação é uma delas. O controle é marcado pela **não definição dos limites do poder das instituições**. As fronteiras do poder na sociedade de controle são difusas e abertas, alheias a qualquer confinamento, enquanto que na sociedade disciplinar são pontualmente marcadas e bem definidas, fechadas.

“As sociedades disciplinares são aquilo que estamos deixando pra trás, o que já não somos. Estamos entrando nas sociedades de controle, que funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea” (DELEUZE, 1992, p. 220). É neste sentido que a disciplina encontra a biopolítica, a gestão da vida enquanto pressupõe um poder hierárquico. Perto do início (literal) do século XXI, a crescente colonização dos computadores na vida cotidiana já se apresentava para Deleuze como novas forças que marcam a vida dentro da sociedade de controle.

A cada tipo de sociedade, evidentemente, pode-se fazer corresponder a um tipo de máquina: as máquinas simples ou dinâmicas para as sociedades de soberania, as máquinas energéticas para as de disciplina, as cibernéticas e os computadores para as sociedades de controle. Mas as máquinas não explicam nada, é preciso analisar os agenciamentos coletivos dos quais elas são apenas uma parte. (DELEUZE, 1992, p.2016)

Os computadores (máquinas cibernéticas) marcam, então, dentro da lógica da sociedade de controle, a porta para a colonização do mercado na vida pessoal na medida em que são agenciados pela economia do recurso mais importante do século XXI: dados. Este modelo econômico a que se submetem os computadores, celulares e os objetos da chamada “internet das coisas” são agenciados para vida cotidiana – e conseqüentemente, onipresentes, – pelo que Morozov (2017) chama de “extrativismo de dados” (p.165): “resíduo digital das inúmeras redes e relações sociais, econômicas e culturais que se entrecruzam em nossas vidas” (ibid.).

A premissa-chave do extrativismo de dados é a de que os usuários são estoques de informações valiosas. As empresas de tecnologia, por sua vez, concebem formas inteligentes de nos fazer abdicar destes dados, ou, pelo menos, de compartilhá-los voluntariamente. Para as empresas, tais dados são essenciais para viabilizar modelos de negócio baseados na publicidade – **com dados em mais quantidade e de melhor qualidade, elas conseguem gerar mais publicidade por usuário** – ou para desenvolver formas avançadas de inteligência artificial centradas no princípio do “aprendizado profundo”; neste caso, é útil sobretudo a diversidade das entradas de dados – e a capacidade de arregimentar milhões de usuários para ensinar diferentes comportamentos à máquina. (MOROZOV, 2017, p.165, grifo nosso)

O controle gerido pelo extrativismo de dados se contrapõe à ideia do poder disciplinar no que concerne à disposição do tempo e espaço. A Territorialização é a marca da disciplina enquanto a Desterritorialização é a marca do Controle. O extrativismo de dados opera na vida cotidiana sem barreiras ou fronteiras bem definidas. O mero ato de se assistir a um vídeo no Youtube ou curtir fotos dos amigos nas redes sociais são métricas comerciais para o extrativismo de dados, por onde o poder disciplinar perpassa as barreiras físicas das instituições e adentra na vida cotidiana, configurando assim a biopolítica na qual se baseia a sociedade de controle.

Como escreve Morozov (2017), o problema não está na tecnologia em si, mas no “atual regime político e econômico – uma combinação selvagem do complexo militar-industrial e dos descontrolados setores bancário e publicitário” (p. 30), que somam as forças da vigilância com a do mercado para tornar onipresente o controle, a difusão das forças disciplinares, na vida cotidiana. O extrativismo de dados apoia-se em métricas de sucesso comercial baseadas em comportamento.

O tempo que um usuário olha para uma tela em determinado aplicativo, por exemplo, funciona como métrica do extrativismo de dados. As partes de um vídeo que são assistidas e que são puladas são contabilizadas pelas métricas que definem o sucesso da publicidade direcionada. O quanto possível, o comportamento do usuário será computado no intuito de se minerar “dados em mais quantidade e de melhor qualidade” (MOROZOV, 2017, p.165) para se criar um perfil publicitário a quem será recomendado conteúdo com base em outros perfis com gostos similares. O extrativismo de dados é o trabalho motor da Sociedade de Controle.

No entanto, o extrativismo de dados é a camada mais profunda que tem na economia da atenção (WILLIAMS, 2018) sua fachada. James Williams descreve a economia da atenção como

O ambiente no qual produtos e serviços competem para capturar e explorar nossa atenção. Na economia da atenção, vencer significa ter o máximo de pessoas possível gastando o máximo de tempo possível com um produto ou serviço. No entanto, como se diz, na economia da atenção, o usuário é o produto. (WILLIAMS, 2018, p.33, grifo do autor)<sup>22</sup>

A economia da atenção é um termo recentemente cunhado por Williams (2018) para denominar a estratégia de retroalimentação do extrativismo de dados, em que o usuário precisa estar constantemente gerando informação. Na economia da atenção não há “produtos grátis”. Pagamos com atenção. Ou, pelo trabalho atencional (WILLIAMS, 2018).

O trabalho atencional funciona como motor do extrativismo de dados, que estimula o usuário a produzir/extrair dados que produz sobre si: fotos, áudios, vídeos, que são processados por sistemas de aprendizado profundo (*deep learning*); e metadados: informação a respeito do uso e produção dos dados online. Informações a respeito de localização, horário, paridade com relação a outros usuários, enfim, informações sobre as condições de produção de dados são chamadas de “metadados”. Os metadados de uma imagem (dado) gerada por um usuário são informações como a localização, horário de sua produção e seu contexto de

---

<sup>22</sup> Em tradução livre para “the environment in which digital products and services relentlessly compete to capture and exploit our attention. In the attention economy, winning means getting as many people as possible to spend as much time and attention as possible with one’s product or service. Although, as it’s often said, in the attention economy “the user *is* the product”.” Grifo do autor.

produção: se a foto foi tirada para ser enviada para alguém, se foi tirada pelo aplicativo proprietário do aparelho, etc.

Os dados e metadados são o produto do extrativismo de dados. Numa analogia ao extrativismo mineral, são o ouro da Sociedade de Controle. Num contexto de abundância de informação, a atenção – matéria prima da extração de dados – se torna o produto escasso pelo qual lutam as empresas de comunicação (WILLIAMS, 2018).

### **2.3 A lógica das comunicações online: Economia da atenção**

A publicidade digital é o modelo dominante para monetização da internet atualmente (WILLIAMS, 2018, p. 29) e, portanto, o meio pelo qual a economia da atenção e extrativismo de dados opera. Google, Facebook e Twitter são, em última instância, empresas de publicidade. O problema maior que esta pesquisa identifica é – não apenas o uso de discurso de ódio como objeto da economia da atenção, como instrumento para atrair a atenção de um usuário, mas – as forças pelas quais o capitalismo de dados mina a própria liberdade de atenção do sujeito, uma vez que

[...] muitos dos melhores engenheiros de software do mundo, designers, analistas e estatísticos agora gastam seus dias descobrindo como direcionar o pensamento das pessoas em direção a objetivos que não necessariamente estão alinhados com seus próprios. (WILLIAMS, 2018, p.30)<sup>23</sup>

Faz parte da “web semântica” (MOROZOV, 2017, p.39) do Big Data encontrar associações entre seus usuários para, assim, alimentar o sistema de aprendizado profundo e fazê-lo prever conteúdos de interesse de um usuário a partir de interesses comuns com outros usuários. Por exemplo, se um usuário X manifesta interesse em vídeos de cachorros, e o sistema de recomendação do Youtube entende que usuários que gostam de assistir a vídeos de cachorros podem gostar também de assistir a vídeos de gatos, o algoritmo do Youtube passará a recomendar vídeos de gatos para este usuário X.

---

<sup>23</sup> Tradução livre para “many of the world’s top software engineers, designers, analysts, and staticians now spend their days figuring out how to direct people’s thinking and behavior toward predefined goals that may not align with their own.”

A gravidade da situação começa a vir à tona quando os algoritmos entendem que um usuário Y, que tem interesse em dicas de namoro, como é o caso dos incels – com base nos gostos de outros usuários com o mesmo interesse –, começa a receber recomendações com vídeos com discursos mais extremos, eventualmente entrando em concordância com discursos pautados no ressentimento quanto às conquistas no processo de empoderamento feminino. Uma rápida pesquisa no Youtube por “pegar mulher” pode ser o termo inicial para que, dependendo do histórico de pesquisas do usuário, o algoritmo de recomendação passe a recomendar discursos mais e mais extremos, saindo do debate da autoestima até a categorização darwinista (NAGLE, 2017) de mulheres como subcategorias humanas e, enfim, propagação de discurso de ódio propriamente dita pelos círculos conhecidos como “Red Pill” e MGTOW<sup>24</sup>. No fim das contas, o usuário Y começará a receber recomendações de vídeos que defendem visões hierarquizantes de mulheres como sendo biologicamente inferiores e culpando as conquistas das políticas progressistas pelos problemas de autoestima do usuário. Aprofundaremos esta relação no capítulo 4.

É objetivo das plataformas de comunicação que o usuário passe o máximo de tempo possível utilizando o sistema para gerar o máximo de dados e metadados possíveis para alimentar ao máximo possível o mecanismo de aprendizado inteligente e gerar mais e melhores dados para venda de publicidade direcionada, de forma mais acurada. É nesta lógica que as identidades e discursos online têm se formado, mediadas pelos grandes conglomerados de comunicação como Facebook, Youtube e Twitter. É neste contexto que surge o problema da fadiga online, que pode ser entendida como consequência natural do modelo de extrativismo de dados adotados pelos provedores das plataformas:

[...] são eles que projetaram os sistemas para nos distrair ao máximo, pois é assim que maximizam a quantidade de vezes que clicamos nos sites – e, portanto, fornecemos nossos dados. Eles continuam escavando a nossa psiquê tal como as empresas de petróleo escavam o solo; e os dados seguem jorrando de nossos reservatórios emocionais. (MOROZOV, 2017, p.166)

A fadiga online engendra as condições cognitivas para que o usuário se distraia e se subjetive com base no ambiente publicitário online. Nesta lógica, o usuário, o sujeito produzido, logo um produto da economia da atenção, é análogo a uma fonte de mineração já esgotada, já explorada, e de recursos naturais já saqueados. O usuário, este produto da

---

<sup>24</sup> Sigla para “Men Going Their Own Way”.

reificação – da coisificação – por excelência, se compara a um rio poluído de mercúrio, produto do extrativismo mineral.

Enquanto a publicidade tem sido historicamente associada à exceção do meio em que se encontra, no contexto da economia da atenção são a norma através da lógica de criação de conteúdo: criar conteúdo que atraia um público Z para que seu vídeo esteja monetizado com produto direcionado para este público Z. Antes da internet, a lógica da publicidade era a de pontualidade excepcional quanto ao conteúdo que atrai o espectador: “São as propagandas no jornal, mas não os artigos; são os outdoors, mas não as placas de rua; são os comerciais de TV, mas não os programas”<sup>25</sup> (WILLIAMS, 2018, p. 30).

Era útil, no contexto de escassez de informação pré-internet, que a publicidade se apresentasse como uma fonte potencialmente confiável de informação para guiar a uma decisão de compra mais acertada. Atualmente, a publicidade assume a forma da Sociedade de Controle e se apresenta de forma difusa, tanto quanto suas métricas de sucesso. Se a escassez de informação direcionava a atenção de um potencial cliente (alvo) à publicidade, na abundância de informação a atenção do usuário, pelo contrário, foge da publicidade.

Então, para se manter eficiente e adequar-se à economia da atenção, a publicidade tornou-se cada vez mais difusa. Confunde-se hoje o conteúdo com o publiteditorial; publicidade com propaganda. Segundo Cathy O’Neil (2016) “os modelos algorítmicos são opiniões embutidas em código”. O’Neil explica o processo de organização de um hipotético algoritmo que guiará sua rotina alimentícia:

Aqui vemos que estes modelos [algorítmicos], apesar de sua reputação por imparcialidade, refletem objetivos e ideologias. Quando eu retiro a possibilidade de comer *Pop-Tarts* em toda refeição, eu estou impondo minha ideologia para os modelos [algorítmicos] alimentícios. É algo que fazemos sem pensar. Nossos próprios valores e desejos influenciam nossas escolhas, dos dados que escolhemos coletar para as questões que fazemos. **Modelos [algorítmicos] são opiniões embutidas em [códigos] matemáticos.**” (O’NEIL, 2016, p.21, grifo nosso)<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> Tradução livre para “It’s the newspaper ads, but not the articles; it’s the billboards, but not the street signs; it’s the TV commercials, but not the programs.”

<sup>26</sup> Tradução livre para “Here we see that models, despite their reputation for impartiality, reflect goals and ideology. When I removed the possibility of eating Pop-Tarts at every meal, I was imposing my ideology on

Na Sociedade de Controle, de fronteiras difusas, as fronteiras e linhas-guias pelas quais as mensagens se orientam também serão difusas. No caso de um modelo algorítmico, os vieses, opiniões e julgamentos – bem como a suposição de objetividade pós-ideológica – de quem os programas são refletidos em suas falhas e pontos cegos. No caso dos algoritmos de recomendação do Youtube, Facebook e Reddit, não parece ser um problema para seus criadores que conteúdo carregado de discurso de ódio seja recomendado a seus usuários se isto os fizer passar mais tempo na plataforma e, conseqüentemente, gerar mais dados e receita publicitária para a empresa. Entendemos que é a partir deste “ponto cego” que a política fascista se apropria da lógica da “economia da atenção” (WILLIAMS, 2018) e do “extrativismo de dados” (MOROZOV, 2017) e que acaba por, como vimos, produzir episódios de terrorismo estocástico.

Segundo reportagem do New York Times (FISCHER;TAUB, 2019) o Youtube tem tido grande responsabilidade em apresentar para adolescentes e indivíduos alheios a canais dedicados à propagação de ódio direcionado a personalidades de esquerda e teorias da conspiração. É o caso do canal do youtuber Bernardo Küster, com 750.000 inscritos até agora (FISCHER;TAUB, 2019). Seus vídeos sugeriram a possibilidade de que, durante o surto do Zika vírus, as mesmas pessoas empenhadas a ajudar famílias atingidas estavam por trás de sua proliferação. Uma das vítimas da campanha de difamação gerida por Küster é a antropóloga Débora Diniz, pesquisadora empenhada na pesquisa dos discursos da extrema-direita. “Ameaças de estupro e tortura encheram o telefone e email da Sra. Diniz. Alguns citam suas rotinas diárias. Muitos ecoam afirmações feitas nos vídeos do Sr. Küster, ela diz” (ibid.)<sup>27</sup>.

Na medida em que diversos canais de teorias da conspiração e discurso de ódio começam a citar uns aos outros, o Youtube entende que seus vídeos são relacionados, criando assim a impressão de universalidade em quem recebe o conteúdo, o que cria a impressão de que “tudo se conecta”. A partir da análise dos metadados, das relações dos usuários com outros de perfis similares, o Youtube passa a recomendar conteúdo conspiratório para quem o consome seus conteúdos. “As vezes eu estou assistindo a um vídeo sobre um jogo e de repente

---

the meals model. It’s something we do without a second thought. Our own values and desires influence our choices, from the data we choose to collect to the questions we ask. Models are opinions embedded in mathematics.”

<sup>27</sup> Tradução livre para “Threats of rape and torture filled Ms. Diniz’s phone and email. Some cited her daily routines. Many echoed claims from Mr. Küster’s videos, she said”.

é vídeo do Bolsonaro (sic)”<sup>28</sup> relatou o adolescente carioca Inzaghi D. (apud FISCHER;TAUB, 2019). O Youtube tem participado ativamente no intermédio de conteúdo desinformativo, como foi no caso da epidemia de Zika vírus e na pandemia de Coronavírus, e no intermédio de discurso de ódio em canais como o de Bernardo Küster. A mesma tendência é perceptível com a propagação de informações falsas sobre a COVID-19.

Acontece que o objeto do sucesso da publicidade direcionada – como é o caso da publicidade “clássica” – não é apenas o número de vendas de determinado produto, mas o entendimento de que o alvo da publicidade foi, de fato, persuadido, “fisgado” a partir de um “investimento” demonstrado por ele. Eyal (apud WILLIAMS, 2018, p.34) escreve que o “investimento” do usuário pode se dar por tempo ou dinheiro. A contabilização deste investimento do usuário, do sucesso da publicidade persuasiva, não é mais um mero “click” apenas, mas, também, pelo comportamento. É na mudança de comportamento que se tem a materialidade do sucesso da publicidade direcionada online. Entende-se então, a partir destas exposições, que o ataque direcionado a personalidades fora do Youtube possam ser entendidas como métricas da economia da atenção.

A coesão da publicidade online de caráter comportamental tem como objeto a subjetividade e, portanto, sua materialização se traduz na mudança comportamental como matéria prima da economia da atenção.

No capitalismo contemporâneo, a subjetividade é o produto de uma indústria de massa em escala global. Para Guattari, ela é até mesmo a primeira e mais importante das produções capitalistas, pois a subjetividade condiciona e participa da produção de todas as outras mercadorias. (LAZZARATO, 2014, p. 53)

Enquanto que no capitalismo a subjetividade sempre foi o produto principal de sua força, na economia da atenção esta relação atinge um patamar nunca antes alcançado graças a onipresença da comunicação e das forças da Sociedade de Controle. A subjetividade é diretamente moldada em instância cognitiva, por meio de distrações e discursos. Os meios pelos quais a publicidade luta por nossa atenção objetivam enfraquecer três tipos de atenção,

---

<sup>28</sup> Tradução livre para “Sometimes I’m watching videos about a game, and all of a sudden it’s a Bolsonaro video”.

como descreve Williams (2018, p. 50-68). Estas três atenções são as diretrizes pelas quais nos guiamos em nosso dia-a-dia: a atenção *spotlight*, a *starlight* e a *daylight*.

## 2.4 Instâncias e ataques à atenção

A atenção *spotlight* se refere à atenção que dispendemos quando fazemos uma atividade momentânea:

O holofote [spotlight] da atenção é o tipo de atenção que nos ajuda a fazer o que queremos fazer. Isso inclui a forma como eu seleciono certos pedaços de informação do meu fluxo sensorial enquanto escrevo isto: eu estou olhando para uma seção específica do meu computador; eu estou digitando uma tecla em particular no meu teclado. (WILLIAMS, 2018, p.42)<sup>29</sup>

O holofote de nossa atenção é enfraquecido quando, por exemplo, tentamos fazer algo e recebemos notificações no celular. Além das notificações de amigos em específico, os aplicativos podem também enviar estímulos quando passamos muito tempo sem os usar, nos convidando a usá-los novamente. O holofote (*spotlight*) de nossa atenção é o que nos permite “fazer o que queremos fazer” (WILLIAMS, 2018, p. 45). Neste sentido, nossa distração imediata configura a colonização do mercado em nossas vidas pessoais em uma instância superficial. Nossa *spotlight* pode ser afetada pelo vício, quando um serviço nos estimula a usá-lo em detrimento de outras atividades da vida. As outras instâncias da distração online nos afetam mais profundamente.

A atenção *starlight* se refere à capacidade de simbolizarmos narrativamente nossas vidas (WILLIAMS, 2018, p.56). É a nossa capacidade de nos “guiar”, de “navegar” sendo “guiados pelas estrelas” dos nossos valores e objetivos primordiais. Quando perdemos a história (narratividade) de nossas identidades, seja num nível coletivo ou individual, enfraquece-se o que chamamos de “brilho estelar” (*starlight*) de nossa atenção, nossa habilidade para navegar ‘pelas estrelas’ dos nossos valores maiores ou ‘fins existenciais’.

---

<sup>29</sup> Tradução livre para “The “spotlight” of attention is the sort of attention that helps us do what we want to do. It includes the way I’m selecting certain pieces of information from my sensory stream as I write this: I’m looking at a certain section of my computer screen; I’m typing a particular key on my keyboard.”

Quando nossa ‘*starlight*’ é escurecida, fica mais difícil ‘ser quem queremos ser’ (WILLIAMS, 2018, p.56)<sup>30</sup>.

O indivíduo de *starlight* escurecida, fruto desta distração existencial auto fragmentadora e auto divisória, se percebe incapaz de seguir os objetivos que quer seguir em troca de seguirmos os objetivos impostos pelas redes sociais, pelo like, pelo capital social de uma determinada rede de relações, mantida e estimulada visando a geração de dados. É como se o “GPS das nossas vidas” (WILLIAMS, 2018) nos guiasse para outro destino, o destino da manutenção da economia da atenção e suas métricas.

O obscurecimento das “estrelas que guiam nossa vida” se dá no momento em que passamos a priorizar prazeres a curto prazo, como interações online, resposta a um comentário com o qual não concordamos, consumo de um novo conteúdo de um influenciador que seguimos, em vez dos planos que fazemos a longo prazo: estudar, descansar, passar mais tempo com amigos e família etc.

A política trumpista, e conseqüentemente da Alt-Right, escreve Williams (2018, p.52), incorpora esta lógica como uma “distração estratégica”. A *starlight* de um indivíduo é entendida como escurecida no momento em que a mesquinhez (*pettiness*) [entendido aqui como um prazer] a curto prazo se torna o afeto dominante nas relações. Donald Trump incorpora esta política no momento que escreve algum tweet que causa reações nos mais diversos setores da sociedade, e toda internet passa o resto do dia comentando sobre. Suas métricas de sucesso são o número de retweets em suas postagens, comentários, vídeos de pessoas falando contra ou a favor, número de pessoas que comparecem aos seus comícios, todos são métricas da economia da atenção (p.58).

No Brasil é possível encontrar exemplos similares da política baseada na economia da atenção com a comunicação do presidente Jair Bolsonaro, assumidamente inspirada na comunicação trumpista. Em artigo para a Bloomberg (WITTENSTEIN, 2017), o analista da Monness Crespi Hardt & Co., James Cakmak, estima que Donald Trump vale – por meio do engajamento que seus tweet geram – US\$ 2 bilhões para o Twitter. Segundo James Williams (2018, p.58), este valor é um quinto do que a companhia vale. A comunicação de Trump e

---

<sup>30</sup> Tradução livre para “When we lose the story of our identities, whether on individual or collective levels, it undermines what we could call the “starlight” of our attention, or our ability to navigate “by the stars” of our higher values or “being goals.” When our “starlight” is obscured, it makes it harder to “be who we want to be”.

Bolsonaro – por mais nociva que sejam, como se percebe especialmente em tempos de COVID-19 – se apoia na manutenção do capital da Sociedade de Controle.

A terceira e última instância da atenção é o que Williams (2018, p. 68) chama de *daylight* (luz do dia). A metáfora aqui é de que a “luz do dia” de nossa atenção define, ilumina, nossas capacidades fundamentais como reflexão, metacognição, razão e inteligência, que nos permitem definir nossos objetivos e valores, que nos permitem “querer o que quisermos querer”<sup>31</sup>(p.68).

O obscurecimento da *daylight*, da luz que ilumina nossa atenção numa instância existencial e cognitiva, engendra o que Williams chama de “distração epistêmica”, que dificulta associações através de variadas experiências para detectar estruturas comuns através delas (p. 68). Nos aprofundaremos um pouco mais na ideia de distração epistêmica no capítulo seguinte. Estas estruturas comuns, escreve Williams, são responsáveis por formar abstrações e princípios gerais, conceitos e simbolismos que formam o entendimento do meio, do todo (*big-picture*) pelo qual se formam objetivos de longo prazo.

Os exemplos de como o uso de dispositivos e aparelhos têm impacto em formas de sociabilidade de pequena escala (refeições, concursos ou salas de aula) talvez tenham se tornado lugares-comuns, mas o dano acumulativo é, ainda assim, considerável. **Habitamos um mundo onde a ideia de experiência compartilhada atrofiou** e onde as gratificações ou recompensas prometidas pelas opções tecnológicas mais recentes, por sua vez, jamais são alcançados. (CRARY, p.29, grifo nosso)

Entendendo que as distrações de nossa atenção são produtos do positivismo algorítmico, produtos de uma ideologia dita “pós-ideológica” de suposta objetividade dos meios de comunicação, fica mais fácil a compreensão de como estas distrações atuam coletivamente. As distrações atuam na interpretação do mundo através da língua, produto da comunicação, portanto, da política.

Somos animais políticos na medida que somos animais da língua: “único entre os seres vivos, (...) na linguagem ele [o homem] pôs em jogo a sua própria natureza” (AGAMBEN, 2011, p. 79). A perda do senso de coletividade, fomentado pela economia da atenção, atinge as bases da democracia no momento em que nosso entendimento de coletividade é reduzido.

---

<sup>31</sup> Tradução livre para “want what we want to want”.

Finalmente, quando começamos a perder a história de nossa identidade compartilhada, isso tem uma enorme implicação em nossa política. Achamos mais difícil manter contato com coisas em comum com os outros em nossa própria sociedade. Sentimos dificuldade em imaginá-los habitando os mesmos espaços ou *demos* que nós, especialmente quando estamos cada vez mais fisicamente isolados deles. Divisão em si não é ruim, claro: isolamento é necessário para o desenvolvimento de visões e opiniões individuais. Diversidade requer divisão, de um tipo. Mas o tipo de divisão que remove o espaço no qual interesses comuns e vontades gerais podem ser encontradas podem ser do tipo extremamente problemático. (WILLIAMS, 2018, p.64, grifo do autor)<sup>32</sup>

Segundo Pascal Michon (apud LAZZARATO, 2014), “Temos sofrido um ‘esquecimento da especificidade da linguagem’. A crítica do capitalismo e uma política da arte verdadeiramente subversiva devem ser fundadas sobre a única força criativa da humanidade, sua única força utópica: a força da linguagem” (p.55).

---

<sup>32</sup> Tradução livre para “Finally, when we start to lose the story of our shared identity, it has major implications for politics. We find it harder to keep in view the commonalities we have with others in our own society. We struggle to imagine them inhabiting the same space or *demos* as us, especially when we’re increasingly physically isolated from them. Division itself is not bad, of course: isolation is necessary for the development of individual views and opinions. Diversity requires division, of a sort. But the sort of division that removes the space in which the common interest and general will may be found is the sort that is extremely problematic”.

### 3. A LINGUAGEM DO ÓDIO

#### 3.1 Solipsismo linguístico

O atual contexto de infinitas vozes mediadas pela comunicação digital nos impele a uma breve revisão teórica a respeito da língua e seu funcionamento como dispositivo de representação simbólica. É um postulado comum das obras *O Monolinguísmo do Outro*, de Jacques Derrida (2001), e *Tractatus Logico-Philosophicus* (1961), de Ludwig Wittgenstein, a ideia de que língua e, portanto, discurso são ambos representações a posteriori, carentes de uma universalidade que afeta a todos com igualdade. Respectivamente, as obras expressam este postulado pelos aforismos “Eu não tenho senão uma língua, e ela não é minha.” (DERRIDA, 2001, p. 13, 15, 35, 39, 41, 57) e “Os limites de minha linguagem denotam os limites de meu mundo.” (WITTGENSTEIN, 1968, p.111).

Partimos do princípio de que a dinâmica das comunicações online atualmente impele os sujeitos à impressão de universalidade linguística, entendendo que a linguagem de seu meio de filiação apresenta a realidade como “ela é”. No entanto, os autores aqui trazidos já previam este entendimento de mundo em suas teorias. Na obra de Derrida, o autor afirma que a pessoa, por mais que se conheça várias línguas, tende a eleger uma como sua principal, sua língua “mãe”. É esta sensação de “posse” de uma língua que lança o indivíduo à ilusão de completude com o que diz e fala. Este “ídioma absoluto”, no entanto, permanece inalcançável e, portanto, se apresenta apenas como “promessa” (DERRIDA, 2001, p. 100) uma vez que a língua não carrega a qualidade de imanência com o indivíduo e suas representações.

Ou seja, a língua não lhe é una, não é transparente. Logo, aquilo que dizemos e como dizemos não nos pertence, não são representações universais (ontológicas), mas fazem parte de um sistema de representações simbólicas previamente estabelecidas. É neste sistema que o sujeito se apoia para por em comunhão suas ideias. Trazendo o conceito de “vontade de verdade” postulado por Foucault (2002, p.17), relacionamos esta aparente universalidade da língua com a produção de um “consenso da verdade”, quando o sujeito ocupa uma posição de poder no interior de um espaço discursivo, colocando sua fala como “verdade absoluta”. Dentro da lógica da economia da atenção e da criação de perfis publicitários aos quais se direcionam conteúdos para seus sujeitos, esta produção de “vontade de verdade” eleger aquilo que o discurso não abrange como ruído, como outro.

Sobre a língua e os entendimentos de mundo, Wittgenstein (1968), na seção 5.6 de sua citada obra seminal, ao dizer que “os limites de minha linguagem denotam os limites de meu mundo” (p.111) acaba tocando também na questão da volatilidade dos sistemas de representação, aos quais o filósofo atribui abordagem lógica. Para Wittgenstein, a linguagem é composta por “proposições” que representam os “fatos” do mundo, assim como um mapa representa o mundo, e uma foto representa uma cena. Wittgenstein põe em xeque a ilusão de entendimento absoluto (ontológico) do mundo a partir da experiência individual:

Não podemos pensar o que não podemos pensar, por isso também não podemos dizer o que não podemos pensar. Esta observação dá a chave para decidir da questão: até onde o solipsismo é uma verdade. (...) Que o mundo é o *meu* mundo, isto se mostra porque os limites *da* linguagem (da linguagem que somente eu compreendo) denotam os limites do meu mundo. (WITTGENSTEIN, 1968, p.111, grifos do autor).

Entendemos, então, que é pela representação, pelos sistemas simbólicos, que se entende o mundo, que se lhes atribui simbologia: a posteriori. A representação do mundo passa pelo escrutínio da língua, de sua descrição lógica, que se coloca na comunicação como sua base substancial. Os consensos, como se pode entender a partir do exposto, nunca são gerais, absolutos, pois esbarram nos limites da língua. Ou seja, os consensos esbarram nos limites da compreensão da realidade empírica, o que implica a dificuldade da tarefa da comunicação: do tornar comum.

Eis o grande impasse da comunicação no século XXI, segundo o sociólogo francês Dominique Wolton,

[...] a revolução do século XXI não é a da informação, mas a da comunicação. Não é a da mensagem, mas a da relação. Não é a da produção e da distribuição da informação por meio de tecnologias sofisticadas, mas a das condições de sua aceitação ou de sua recusa. (WOLTON, 2010, p.15).

Dentre os conflitos, ruídos e irritações sistêmicas que a realidade do processo de comunicação do mundo contemporâneo nos coloca, o desafio de sua administração é o que mais se destaca como produto da ilusão de unicidade que a internet traz. “Ontem, comunicar era compartilhar e reunir, ou unir. Hoje, é mais conviver e administrar as descontinuidades” (WOLTON, 2010, p.27).

O impasse na “administração das descontinuidades”, ou seja, das diferenças de representações de mundo, é uma das consequências do que Morozov denomina “positivismo do consenso algorítmico” (MOROZOV, 2017, p.179), onde os sistemas de comunicação

formam consensos artificialmente excluindo a negatividade – aquilo que não lhes convém para mostrar ao usuário.

Entende-se que este seja um sintoma do paradigma da chamada “sociedade da transparência” (HAN, 2012), da plena positividade como característica do espírito do tempo da contemporaneidade, mediada pela tecnologia e pelo neoliberalismo. Morozov (2017) entende que a impossibilidade de se administrar as negatividades da comunicação são, em grande medida, resultado da percepção supostamente objetiva de que a comunicação digital está acima de qualquer viés e que, logo, a realidade apresentada pela tecnologia se apresenta como ontológica. É a partir desta produção de “vontades de verdade” mediada pela tecnologia que entendemos que a pós-verdade se apresenta como mediadora comum de subjetividades.

Segundo Santos e Spinelli (2017), a “pós-verdade” emerge no momento em que as pessoas buscam evitar verdades desconfortáveis. Na “pós-verdade”, rumores, boatos, fofocas e mentiras são compartilhadas com mais velocidade em um cenário formado por em redes cujos sujeitos confiam mais uns nos outros do que que em qualquer órgão tradicional de imprensa” (2017, p.2). No atual paradigma da comunicação digital, a premissa da “pós-verdade” se apoia na lógica da publicidade que amarra as dinâmicas da comunicação digital dentro do capitalismo de dados (MOROZOV, 2017). Dentro desta lógica, os algoritmos de recomendação, cuja função são entregar conteúdo e publicidade de maneira personalizada ao usuário, carregam consigo o potencial de “remodelar antigos vieses culturais, raciais e étnicos como verdades objetivas e empíricas” (MOROZOV, 2017, p.179).

O ser humano é um animal comunicativo, e o enfraquecimento de suas capacidades de comunicação trazidas pelo atual paradigma comunicacional denota, conseqüentemente, o enfraquecimento de suas habilidades políticas. Este enfraquecimento se daria pelos “efeitos de verdade” (CHARAUDEAU, 2006) conseqüentes da comunicação digital dentro de sua lógica de produção de valor: mostrar conteúdo personalizado que agrada o usuário para que o mesmo passe mais tempo na plataforma de produza mais dados. O “efeito de verdade” está na crença de que algo é verdadeiro.

É neste contexto que se encontra o atual paradigma do fazer político instrumentalizado pela comunicação da Alt-Right: uma comunicação mediada pela lógica da publicidade personalizada que, conseqüentemente, tornaria seu interlocutor incapaz de abarcar e lidar com as discontinuidades e negatividades do convívio em sociedade, dentro da chamada “sociedade da transparência” (HAN, 2012).

### 3.2 Infantilização da política: Aceleração e midiaticização

“Prove esta delícia. Experimente este sabor e esqueça-me, se for capaz. Um paraíso tropical ao se alcance. Gostoso como ele só. Uma festa para o seu paladar. Ele carrega você para onde quiser” (LEMINSKI, 2017). É com estes slogans tipicamente publicitários que Paulo Leminski (p. 37) abre seu texto-ninja “Vai uma mãe aí?”. E continua:

Publicidade, TV, cinema, todos os aparatos de comunicação de massa da nossa civilização parecem estar a serviço da tarefa, simples e complexa, de reduzir todo mundo à condição infantil. (...) O supermercado, o *shopping center* e até a própria cidade, sob certos aspectos, tendem a ser um equivalente do seio materno, do colo e do útero. (LEMINSKI, 2017, p. 37)

Leminski com seus “textos-ninja” mistura as poéticas da crônica com a emotividade da publicidade e a sobriedade da estratégia de docilização dos corpos, dos sujeitos, que a prática traz. A poesia de Leminski ilustra esta prática, o apagamento de negatividade comum à publicidade que Byung-Chul Han (2012) identifica nas relações do que chama de “sociedade da transparência”.

No contexto da crítica neoliberal que permeia a obra de Han, a ideia de negatividade — da interrupção de gozo pelo que quer que seja — se apresenta como o ruído que deve ser apagado. Para que a negatividade da interdição do gozo pelo ruído seja desarticulada, como propõe como máxima da ideologia do liso (HAN, 2019, p.7) – do que não se opõe ou oferece resistência – o ruído precisa ser eliminado. A publicidade, por exemplo, elimina toda negatividade do produto ou serviço que publiciza, como a foto da modelo com camadas de edição no Photoshop ou a “imagem meramente ilustrativa” das embalagens dos produtos, sempre na melhor aparência possível.

No entanto, a vivência plena da cotidianidade pressupõe a coexistência com o negativo, com a negatividade do outro que impede seu gozo pleno. Para Agnes Heller (2011), filósofa húngara, autora de *O cotidiano e a história* (2011) e aluna de György Lukács, é na vivência do espaço do dia a dia que se forma o sujeito adulto, uma vez que

O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade. (HELLER, 2011, p. 33).

A cotidianidade, segundo Heller (2011, p. 31), é onde homens e mulheres exteriorizam “suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias”, enfim, que vivem sua coletividade “por inteiro”. É neste cenário que se experiencia o que podemos chamar de “infantilização da política”: a política quando se oferece como eliminação da negatividade, do ruído de determinado discurso, contrapondo-se à ideia de convivência plena do indivíduo com a sociedade, nos termos de Heller (2011). A retórica da Alt-Right busca este fim.

A “infantilização da política” seria então a metáfora do acalanto do discurso institucional com um público cativo, como a mãe que diz ao filho que todos os males que o afligem não passam de frutos de sua imaginação. Esta condição hipotética se alcançaria, portanto, pelo apagamento do discurso do outro visando a continuidade plena de uma “vontade de verdade”, ou seja, por uma espécie de “solipsismo linguístico”, que pode ser percebido na materialidade discursiva dos discursos agenciados pela “Red Pill” e pelos incels, como se perceberá no capítulo seguinte.

Dentro da teoria wittgensteiniana, se “Os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo” (WITTGENSTEIN, 1968, p.111) pressupor-se-á que o discurso político que exclui o outro e direciona seus discursos — e, portanto, sua língua — a um grupo específico acabará por “docilizar” este interlocutor específico, apagando a negatividade de seu discurso, ao preço de deixar de fora aqueles cuja presença institui um “impedimento de gozo”, encarnando assim a própria negatividade que se busca eliminar.

Se os limites do mundo denotam os limites da língua e esta língua não inclui o outro, o ruído, o negativo, logo, este “mundo”, segundo o aforismo *wittgensteiniano*, não pressupõe a existência deste “outro”. Uma vez que a língua, o discurso da “política infantilizada”, não pressupõe a existência destes ruídos, ao se apresentarem o fazem assumindo a posição a priori de algo a ser eliminado.

Este fenômeno teórico se faz possível a partir da simbiose da política com a mídia, descrito por Jesper Strömbäck (2008) ao esquematizar as quatro fases da midiaticização da política ocidental depois da segunda guerra. É na quarta fase, a atual, que as lógicas do fazer político e midiático se misturam:

A quarta fase da midiaticização é alcançada quando atores políticos e sociais não apenas se adaptam à lógica da mídia e aos valores predominantes nas notícias, mas também os *internalizam* e, mais ou menos conscientemente, permitem que a lógica da mídia e os padrões de valor de notícia se tornem uma parte interna dos processos de governo. (STRÖMBÄCK, 2008, p.239–240, grifo do autor)<sup>33</sup>

Entende-se então que a lógica do fazer político e seus discursos hoje carregam a lógica da midiaticização e, portanto, da publicidade dentro deste contexto de sociedade da transparência (HAN, 2012). Entendemos como necessária a correlação entre a retórica da Alt-Right estadunidense, de Trump, e sua influência no Brasil para entendermos os fenômenos que se mostram a partir da efetivação de episódios de violência como ocorrido em Suzano-SP.

Ao olharmos, por exemplo, para os discursos de Bolsonaro, especificamente, percebe-se que os sujeitos de seus discursos são essencialmente atomizados, raramente almejando a universalidade ou a recepção de toda uma população, o que sustentaria a ideia de “solipsismo linguístico” que este trabalho traz. São discursos direcionados à realidade e entendimento de mundo de seus apoiadores, de sua base eleitoral, carregando a ilusão de unanimidade, de consenso, totalidade, enquanto que aos grupos excluídos — do discurso — sobra a qualidade de “outros”. Entendemos que os discursos mediados pela metáfora da “Red Pill” funcionem a partir da mesma lógica advinda por discursos institucionais brasileiros e estadunidenses.

Tais discursos, inseridos na lógica da quarta fase da midiaticização da política, carregam em si mais traços do fazer midiático que do fazer político, uma vez que o que está em jogo aqui é, não a *mediação* dos diversos setores da sociedade (a comunhão), mas a *mediaticização* (o intermédio da informação) da experiência de mundo do grupo político hegemônico. A midiaticização, muitas vezes arbitrária, da instância superior de um governo

---

<sup>33</sup> Em tradução livre para “The fourth phase of mediatization is thus attained when political and other social actors not only adapt to the media logic and the predominant news values, but also *internalize* these and, more or less consciously, allow the media logic and the standards of newsworthiness to become a built-in part of the governing process.” Grifo do autor.

pressupõe a manufatura da percepção de realidade de seus interlocutores, como se vê na pandemia de COVID-19. “Em aspectos importantes, a realidade midiaticizada substitui a noção de confiança em realidades objetivas”<sup>34</sup> (STRÖMBÄCK, 2008, p.240). Impõe-se assim o chamado “Solipsismo Linguístico”.

### 3.3 Política da infantilização

O fazer político midiaticizado, nos termos de Strömbäck, encontra apoio nas condições materiais e econômicas impostas pelo atual paradigma da comunicação: o da economia da atenção (WILLIAMS, 2018). Assim como na publicidade, na economia da atenção, os aplicativos que nos cutucam frequentemente para que voltemos a usá-los, nos docilizam ao distrair a atenção do que foge da pura positividade. Esta exclusão do negativo, do ruído, gera por consequência o que James Williams chama de “distração epistêmica” (WILLIAMS, 2018), uma distração atuante na instância da atenção chamada de “*Daylight*”(idem):

Distração epistêmica é a diminuição das capacidades subjacentes que permitem a uma pessoa definir ou perseguir seus objetivos: capacidades essenciais para a democracia, como reflexão, memória, previsão, lazer, raciocínio e definições de metas. É aqui que as distrações da economia da atenção minam mais diretamente os fundamentos da democracia. A distração epistêmica pode dificultar a **‘integração de associações através de muitas experiências diferentes para detectar estruturas comuns entre elas’**. (WILLIAMS, 2019, p.68, grifo nosso)<sup>35</sup>

A distração epistêmica apresenta-se aqui como o a razão pela qual o que chamamos anteriormente de “infantilização da política” se constitui como estratégia consciente de alienação, conseqüentemente, da categorização sistemática do outro como ruído a ser excluído nas relações sociais, uma vez que a distração epistêmica é capaz de minar as capacidades simbólicas de seu sujeito.

Este ataque sistematizado à atenção “*daylight*” (WILLIAMS, 2019), à possibilidade de perseguir seu próprio caminho, seus próprios objetivos a partir de um enfraquecimento

---

<sup>34</sup> Em tradução livre para “In important respects, the mediated realities replace the notion of a belief in objective realities”.

<sup>35</sup> Em tradução livre para “Epistemic distraction is the diminishment of underlying capacities that enable a person to define or pursue their goals: capacities essential for democracy such as reflection, memory, prediction, leisure, reasoning, and goal-setting. This is where the distractions of the attention economy most directly undermine the foundations of democracy. Epistemic distraction can make it harder to “integrate associations across many different experiences to detect common structures across them”.

simbólico da língua seria a base do que podemos aqui chamar de “política da infantilização”, do movimento consciente de distração, da “epistemologia simplista importada do Vale do Silício” (MOROZOV, 2017, p.37) que passa a ser imitada por outras instituições, além das empresas de tecnologia, como na política.

Paradoxalmente ao que James Williams escreve, o cerne da “epistemologia do Vale do Silício” busca sempre trazer novas informações, novos dados que permitam associar-se às informações (dados) já obtidas. O modelo de negócio pelo qual se forma a lógica dos algoritmos que guiam a comunicação e, portanto, a subjetividade, reflete-se nas interações entre os sujeitos de determinados círculos discursivos.

Estes círculos discursivos se formariam a partir dos citados perfis para recomendação de publicidade a partir de interesses e discursos comuns, que, ultimamente, acabariam fomentando a impressão de que o que quer que esteja sendo mostrado e consumido “esteja conectado” (MOROZOV, 2017, p.38). De forma semelhante, os algoritmos de recomendação funcionam associando os metadados de um usuário aos metadados de outros usuários e assim sucessivamente.

Enquanto os algoritmos de recomendação retroalimentam-se – extraindo dados que os ajudam a entender qual tipo de conteúdo faz com que aquele usuário passe mais tempo produzindo dados e metadados – com cada vez mais conteúdo criado para manter o usuário online, o discurso e entendimento daquele usuário limitar-se-á ao que está sendo consumido. A distração faz o usuário perseguir aquilo que o distraiu em primeiro lugar: a repetição do *input* que ofereceu à máquina como algo que chama sua atenção.

Se o usuário pesquisa sobre videogames, portanto, a máquina lhe oferece conteúdo sobre videogames, entendendo que aquele é um tópico de seu interesse. No entanto, a distração epistêmica pode sujeitar o usuário de redes sociais a entender que, o conteúdo apresentado – de forma associada com conteúdo de interesse prévio (como videogames) – lhe é apresentado como objeto ontológico.

Ou seja, se ao redor de um usuário um objeto significante é apresentado como X, fará sentido que o indivíduo entenda/signifique este objeto como algo que se apresenta a priori, ontologicamente, como X. Portanto, qualquer outro entendimento sobre determinado objeto se torna incompatível com sua linguagem e cognição. Este entendimento se articula dentro da lógica da “infantilização da política”, apresentado previamente.

Para o filósofo italiano Remo Bodei (apud MOROZOV, 2017), esta pode ser considerada uma prática de caráter delirante, uma vez que “o delírio não se deve a uma carência de atividade psíquica, como postulam certas teorias psicanalíticas, e sim de seu excesso. O delírio, observa ele, é ‘a incapacidade de filtrar um enorme volume de dados’”( p.38).

Enquanto uma pessoa sã e racional “aprende que a ignorância é mais vasta que o conhecimento, e que é preciso resistir à tentação de encontrar mais coerência do que se pode alcançar atualmente”, **o indivíduo tomado por um delírio não consegue deixar de ver coerência entre fenômenos intrinsecamente incoerentes.** Ele generaliza demais, o que resulta no que Bodei chama de “hiperinclusão”. (BODEI apud MOROZOV, 2017, p.38, grifo nosso)

Captura-se então o produto deste duplo conjunto de sintomas da midiaticização, o efeito de se “dificultar a integração de associações para se detectar estruturas comuns entre elas” (WILLIAMS, 2019, p.68) em associação com o delírio da hiperinclusão (BODEI apud MOROZOV, 2017, p.38), que faz o indivíduo ver coerência onde não existe. Este produto, resultante direto da simplicidade, do positivismo algorítmico e dos falsos consensos que eles trazem, apresenta-se como razão objetiva do que chamamos de “política da infantilização”.

O sujeito da distração epistêmica, sobrecarregado pelas informações que recebe, deverá ter dificuldades em entender fenômenos que ocorrem alheios aos discursos e regimes de verdade nos quais está inserido, uma vez que estes são os objetos mesmos de sua distração. A distração epistêmica bombardeia o sujeito com a informação que os algoritmos de recomendação entenderam previamente que o interessa.

Este “extravasar informacional” vem a “gastar” o bastante de sua “banda larga” cognitiva para que não se preste atenção ao que está de fora, ao diferente. Ao mesmo tempo, este sujeito é levado a buscar mais informações que sustentem suas generalizações: “Para estes, o ‘acidental, que certamente existe no mundo externo, não tem direito de cidadania no mundo psíquico, onde é ‘enviesado’ a determinada explicação’”(BODEI apud MOROZOV, 2017, p.38).

O sujeito então encontra-se preso entre o cansaço da distração epistêmica e a paranoia da hiperinclusão, deixando passar aquilo que lhe é alheio ao mesmo tempo que procura todo tipo de associação, mesmo que inexistente, na pressuposição de que “tudo esteja conectado:

se ainda não conseguimos estabelecer a ligação entre dois dados é porque não procuramos o suficiente – ou, então, porque precisamos de um terceiro dado, a ser coletado no futuro, de modo que tudo acabe fazendo sentido” (MOROZOV, 2017, p.38).

Ao negar a existência do outro em sua convivência com o meio o sujeito da distração epistêmica e da hiperinclusão infantiliza-se segundo os termos de Heller, da publicidade e da própria etimologia da palavra. “Infância” vem do latim *infantia*, do verbo *fari*: falar – dizer, possuir a fala – em seu participio presente *fans*, falante, e da negação *in*.

Portanto, *infans*, o infantilizado, é aquele que não é capaz de falar, aquele cujo fruto de tais processos é a impossibilidade de carregar o sistema simbólico da língua necessário para a devida inserção no social e que, posteriormente, o prepara para a convivência com o próximo. Uma língua que exclui o outro e só é entendida por um nicho não é uma língua social, humanística, mas uma língua do capital, maquínica.

Entende-se que esta colonização da linguagem pelas “linguagens de produção” – as linguagens do Vale do Silício –, segundo os termos de Lazzarato (2014, p.57) e a difusão do entendimento do outro impele o sujeito de língua infantilizada a comunicar-se apenas com seus pares, apagando os entendimentos humanísticos e priorizando os significados maquínicos. Estes significados maquínicos atuam dentro da manutenção do capitalismo de dados. Os eventuais conflitos no âmbito social devem se apresentar a partir da não-significação pelo outro, pela não-inserção numa simbologia comum, simbologia essa que se daria através da língua. E, em linguagem metafórica e meramente ilustrativa, aquele que não fala — o infante –, grita, chora, ao se deparar com o gozo interdito.

É característico deste sujeito, deste *infans* político, o empobrecimento subjetivo (CASARA, 2020) via linguagem, uma vez que

[...] uma linguagem empobrecida antecipa sentidos empobrecidos e estruturalmente violentos, pois se fecham às nuances e à negatividade que é constitutiva do mundo e se faz presente em toda percepção da complexidade. Sentidos empobrecidos que, como se verá, não se prestam à reflexão e que são funcionais à manutenção das coisas como estão. (CASARA, 2020, p.11)

Entendemos que, a partir disto, a credibilidade de uma informação alheia aos regimes de verdade e discursos nos quais o sujeito de linguagem infantilizada está inserido – uma vez que ameaça sua condição de “hiperinclusão” (MOROZOV, 2017, p.38) – será colocada em xeque, posto que esta apresenta-se então como interrupção de seu gozo. Até mesmo os

discursos científicos se tornam passíveis de desdém, como é perceptível pela adesão popular aos discursos negacionistas dos perigos da pandemia de Covid-19 em 2020 e 2021.

Entendemos que o sujeito de língua infantilizada poderá buscar a manutenção de sua condição por meio da cognição protetivo-identitária<sup>36</sup> (IPC) (KAHAN, 2017), uma espécie de raciocínio motivado. “O raciocínio motivado se refere a tendência inconsciente das pessoas de creditar seletivamente e dispensar informações factuais em padrões que promovem algum objetivo ou interesse independente da verdade dos fatos afirmados”<sup>37</sup>(n.p).

Configura-se assim uma espécie de “antipolítica”, que pode naturalmente se encaminhar para a violência ao criar a ideia de que “o mundo é naturalmente como é, logo, outras interpretações dele ameaçam meu entendimento. Portanto, para defender o meu entendimento de mundo, minha identidade e minhas afiliações, o uso da violência é tolerável”.

Entende-se que o apagamento de discursos não hegemônicos e a difusão do entendimento do outro impele o sujeito de língua infantilizada a comunicar-se apenas com seus pares, sendo esta uma dinâmica característica da “pós-verdade” (SANTOS; SPINELLI, 2017). O que se enuncia nos discursos da língua infantilizada é, não o convite à comunhão, mas à eliminação do ruído, do outro. Ao se cortar o ato de mediação da política com os mais diversos grupos e setores sociais tem-se, então, um corte no contrato social; um convite ao solipsismo das próprias visões, dos regimes de verdades que, uma vez que não são comunicados – lembrando que *Informar não é comunicar* (WOLTON, 2010) –, são informados, impostos.

Os sujeitos desta “política da informação”, da imposição, não partilham percepções de mundo comuns com seus determinados “outros”. Portanto, não se faz política, uma vez que o fazer político se pauta no exercício da comunicação, do tornar comum, de criar intermediações diplomáticas. Tem-se, então o simulacro do fazer político.

---

<sup>36</sup> Tradução livre para “Identity-protective cognition” (IPC).

<sup>37</sup> Tradução livre para “Motivated reasoning refers to the unconscious tendency of people to selectively credit and dismiss factual information in patterns that promote some goal or interest independent of the truth of the asserted facts”.

A exclusão dos discursos outros pelo discurso político institucional hegemônico, como é estratégico da retórica da Alt-Right, convidaria o interlocutor à exclusão da ideia de convivência com o objeto de seu discurso. Por exemplo, um sujeito que desacredita na existência do racismo ou mesmo na gravidade da pandemia do novo coronavírus no Brasil pode fazê-lo porque as falas que o representam carecem de legitimação. Assim, o discurso que não permeie seu discurso simplificado, liso, objeto de afecção e afiliação, se torna ruído – um “mimimi”.

Tem-se, então, o produto da individualização da política, sinônimo do que classificamos como “política da infantilização”: o sujeito cujo mundo se resume à percepção solipsista da cotidianidade e que, portanto, é incapaz de “viver por si mesmo sua cotidianidade” (HELLER, 2011, p.33) uma vez que sua cotidianidade esbarra na cotidianidade do outro, a quem tenta silenciar.

Voltando à máxima de Wittgenstein: “Os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo”(WITTGENSTEIN, 19618 p.111) e aplicando-a ao linguajar político, pode-se concluir que a exclusão racional de grupos e simbologias alheias aos interesses de determinado grupo em questão se configurem como estratégia concreta de alienação na conjuntura da quarta fase da midiaticização da política (STRÖMBÄCK, 2008, p.239).

Ao se excluir algo, a partir de uma instância institucional ou social superior – uma instância dotada de capital social (BOURDIEU, 1985, p. 248) e que, portanto, emana discurso de autoridade –, não se pressupõe representação na língua e, conseqüentemente, no mundo do interlocutor. Entende-se então que um objeto não existe no mundo do sujeito se o mesmo não for abarcado pela língua, pelo discurso. “Não existe desigualdade se não se fala nela, não existe racismo se não se fala nele, não existe corona-vírus e fascismo se não se fala sobre”.

Dos discursos do regime de verdade institucionalmente hegemônico das políticas da Alt-Right emerge a força de docilização, de manutenção dos afetos de um grupo cativo que aqui chamamos de “política da infantilização”, que representa via objeto de afecção e afiliação a desarticulação da negatividade, ou seja, o apagamento do outro: aquele(s) que vem a barrar o gozo do grupo dominante amparados pela “epistemologia solipsista” conseqüente da chamada “economia da atenção”.

Entendemos que a “política da infantilização” seja o produto da “infantilização da política”, que, por sua vez, é resultante do atual contexto da quarta fase da mediação política (STROMBACK, 2008), onde a lógica midiática se mistura com a lógica do fazer político, característico do que Han (2012) chama de “Sociedade da transparência”. Hipotetizamos que seja este o caminho retórico pelos quais os discursos de agentes políticos do neofascismo – encarnado na política da Alt-Right – firmem suas vontades de verdade e marginalizem aquelas que representam oposição, instrumentalizando ressentimentos prévios do sujeito a quem se dirige o discurso.

Para os incels, os celibatários involuntários, proponentes de nosso objeto de pesquisa, entendemos esta lógica como a que rege suas filiações. É na instrumentalização de ressentimentos tidos como objetos de filiação que a Alt-Right, como uma nova e ainda pouco explorada face do fascismo, se apoia. Ao classificar as conquistas do feminismo como objeto direto de seus ressentimentos, os incels, a partir mal-estares pessoais, se inserem na linguagem e nos regimes de verdades da propaganda fascista.

## 4. INFILTRADO NO CHAN

### 4.1 Engolindo pílulas vermelhas

Uma vez conceituadas as condições de produção e enunciação da retórica da Alt-Right, bem como as condições materiais que a comunicação digital coloca, podemos nos aprofundar na análise do sujeito no qual apoiamos esta pesquisa: o sujeito incel. Entendemos que os incels, o sujeito do ressentimento pelo celibato, sejam um grupo participante da retórica da supremacia masculina encarnada pela metáfora da “Red Pill”. Entendemos os incels como o produto da economia da atenção (WILLIAMS, 2019) e do que aqui chamamos de “solipsismo linguístico”.

No nosso entendimento, os incels são produtos da economia da atenção na medida em que os algoritmos de recomendação lhes oferecem cada vez mais conteúdo misógino para gerar mais dados e receita publicitária. Os incels seriam, também, produto do “solipsismo linguístico” na medida em que seus discursos buscam o apagamento do outro, significando-os como uma negatividade a ser excluída. Aprofundaremos esta relação.

O *Southern Poverty Law Center*, entidade estadunidense que monitora grupos extremistas, classificou os incels como um grupo pertencente a uma retórica maior de supremacia masculina e enunciação de discurso de ódio promovendo a ideia de que mulheres são geneticamente inferiores:

A supremacia masculina representa erroneamente todas as mulheres como geneticamente inferiores, manipuladoras e estúpidas e as reduz à sua função reprodutiva ou sexual - com o sexo sendo algo que elas devem aos homens e que pode ou mesmo deve ser coagido a sair delas. Impulsionados por uma análise biológica das mulheres como fundamentalmente inferiores aos homens, os supremacistas masculinos difamam as mulheres especificamente por seu gênero. Um desejo velado de dominação das mulheres e uma convicção de que o sistema atual oprime os homens em favor das mulheres são os princípios unificadores da visão de mundo da supremacia masculina. (SOUTHERN POVERTY LAW CENTER, s.d, n.p.)<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> Em tradução livre para “Male supremacy misrepresents all women as genetically inferior, manipulative and stupid and reduces them to their reproductive or sexual function — with sex being something that they owe men and that can or even should be coerced out of them. Driven by a biological analysis of women as fundamentally inferior to men, male supremacists malign women specifically for their gender. A thinly veiled desire for the domination of women and a conviction that the current system oppresses men in favor of women are the unifying tenets of the male supremacist worldview”.

Mais à frente, o artigo qualifica diferentes sujeitos da supremacia masculina:

Existem diferentes caminhos e constituintes nos movimentos de supremacia masculina: entre ativistas dos direitos dos homens cujo foco parece ser a defesa dos direitos dos homens, condenando ao mesmo tempo sua violação por mulheres; **Red Pillers, que afirmam ser os únicos cientes da existência de uma conspiração feminista comandando a sociedade;** artistas de “pick-ups”, cujo objetivo é atrair mulheres para dormir com eles, enquanto constantemente as rebaixa; **celibatários involuntários (ou incels), que, não tendo conseguido encontrar mulheres dispostas a ter ou a serem coagidas ao sexo, transformam sua raiva em manifestos de violência** e os “homens seguindo seu próprio caminho” [Men Going Their Own Way] (MGTOW), que se apresentam como separatistas do sexo masculino e optaram por se afastar totalmente da influência negativa das mulheres. (SOUTHERN POVERTY LAW CENTER, s.d, n.p., grifo nosso)<sup>39</sup>

Este trabalho, então, entende que os Incels estejam inseridos nesta rede discursiva da supremacia masculina e que, portanto, encontram neste círculo discursivo uma forma de significar seus ressentimentos engendrados pelo celibato agenciando-os em torno da ideia de que exista uma “conspiração feminista comandando a sociedade”, encarnada na simbologia da “Red Pill”: uma metáfora que amarra os dispositivos de análise aqui formulados nos capítulos anteriores em direção ao solipsismo discursivo em torno desta suposta “conspiração feminista”.

Nagle explica o simbolismo da metáfora em torno da referência ao filme Matrix (1999):

A metáfora da "pílula vermelha", que tem sido central para a retórica da direita alternativa, também é central para essas subculturas políticas masculinistas antifeministas que constantemente se cruzam com diferentes camadas da direita online. Os muitos sites, subculturas e identificações associadas a este movimento online antifeminista cresceram e se multiplicaram, a um ponto que, sem dúvida, teria sido descrito como uma "revolução digital" se tivesse políticas culturais diferentes. Essas subculturas, entre as quais muitas vezes há animosidade e algumas diferenças políticas e filosóficas importantes, tornaram-se coletivamente referidas por alguns observadores como "a Manosphere" [homem/machosfera]. O termo tem sido usado para descrever tudo, desde

---

<sup>39</sup> Em tradução livre para “There are different paths and constituencies in male supremacist movements: between men’s rights activists whose focus appears to be defending the rights of men, all the while decrying their infringement by women; Red Pillers, who claim to be the only ones aware of the existence of a feminist conspiracy running society; pick-up artists, whose goal is to lure women into sleeping with them, while constantly debasing them; involuntary celibates (or incels), who, having failed to find women either willing to have or to be coerced into sex, turn their anger into calls of violence; and men going their own way (MGTOW), who present themselves as male separatists and have chosen to remove themselves from the negative influence of women entirely”.

ativistas de questões masculinas progressistas lidando com a negligência real da saúde masculina, suicídio e serviços sociais desiguais até os cantos mais desagradáveis da Internet, cheios de obsessão pelo celibato involuntário, ódio e ressentimento e níveis bastante assustadores de misoginia. (NAGLE, 2017, p.75)<sup>40</sup>

Entendemos a “Red Pill” como uma afiliação de diferentes significados, subjetividades e agenciamentos dentro de um só termo, ou melhor, de um só regime de verdade. Logo, a “Red Pill” se apresentaria como objeto dos dispositivos analíticos aqui apresentados de três formas. A primeira delas é como objeto da cultura da transgressão.

A filosofia da “machosfera”, como são chamadas as redes de discursos que rejeitam o feminismo nos Estados Unidos, é precisamente a de negação da percepção de um suposto *status-quo* de hegemonia feminina. Partindo do pressuposto de que estes sujeitos entendem a realidade empírica como uma de hegemonia feminina e de perseguição dos homens e da masculinidade, consideramos que a ideia de transgressão é agenciada pela “Red Pill” ao metaforizar uma “quebra” com estes discursos, uma transgressão da realidade comandada por esta suposta misandria hegemônica.

A segunda forma como a “Red Pill” se apresenta como objeto dos dispositivos analíticos aqui postulados está em seu agenciamento com a economia da atenção (WILLIAMS, 2018), como objeto de pesquisa e qualificação de interesse por seus sujeitos. Segundo Nagle (2017, p. 77), em citação trazida anteriormente, o subfórum do Reddit “The Red Pill” foi “central para o desenvolvimento e ressurgimento da política antifeminista online”, na qual a Alt-Right também faz parte. Entendemos que a “Red Pill” funciona como objeto de filiação de sujeitos que se sintam frustrados com alguma inadequação engendrada pelo feminismo e que, portanto, serve como palavra-chave para algoritmos de recomendação que, conseqüentemente, oferecem mais conteúdo relacionado ao ressentimento engendrado pela inadequação com relacionamentos amorosos.

---

<sup>40</sup> Em tradução livre para “The ‘red pill’ metaphor that has been central to alt-right rhetoric has also been central to these anti-feminist masculinist political subcultures that constantly crosspollinate with different layers of the online right. The many sites, subcultures and identifications associated with this anti-feminist online movement have grown and multiplied, to an extent that would undoubtedly have been written up as a ‘digital revolution’ if it had different cultural politics. These subcultures, between which there is often animosity, and some important political and philosophical difference, have become collectively referred to by some observers as ‘the Manosphere’. The term has been used to describe everything from progressive men’s issues activists dealing with real neglect of male health, suicide and unequal social services to the nastier corners of the Internet, filled with involuntary celibacy-obsessed, hate-filled, resentment-fueled cultures of quite chilling levels of misogyny”.

Pesquisas online sobre dicas de namoro podem, como cita Nagle (2017, p. 77) levar o sujeito a ter contato com fóruns dedicados à misoginia. Entendendo que o indivíduo que pesquisa dicas de namoro online pode, em algum momento da sua vida, estar passando por algum tipo de frustração quanto a relacionamentos, não é difícil imaginar que discursos carregados de misoginia e supremacia masculina possam lhe chamar atenção. Por associação de metadados de usuários com interesses e personalidades parecidas, os algoritmos de recomendação do Youtube ou Reddit podem, com facilidade, acabar recomendando conteúdo relacionado à “Red Pill”.

Por último, a metáfora se apresenta como objeto do que chamamos anteriormente de “solipsismo linguístico” na medida em que impele seu sujeito a adentrar mais fundo em seus discursos e negar discursos alheios. O sujeito profundamente inserido nos discursos das ideias pertencentes à simbologia da “Red Pill”, como os MGTOW (Homens Seguindo Seu Próprio Caminho)<sup>41</sup>, acabam por “infantilizar” sua linguagem e, conseqüentemente, sua capacidade de interação social. Nagle (2017) escreve que

Em praticamente qualquer vídeo do YouTube que aborda questões masculinas, você encontrará adeptos do MGTOW no tópico de comentários descrevendo mulheres como indignas e indiferentes, conduzidas por impulsos biológicos, e dizendo que o casamento deve ser boicotado. **Existem quatro níveis de MGTOW**, e aderentes muitas vezes sinalizam seus estágios de progressão e a quantidade de vez que eles ‘foram mig-tow’. **Nível 0 é onde o membro ‘engole a pílula vermelha’ e rejeita o feminismo.** No nível 1, os MGTOWs rejeitam relacionamentos a longo prazo, no nível 2 eles rejeitam relacionamentos de curto prazo bem como conexões e encontros, o nível 3 requer desligamento econômico das mulheres e o nível 4 é o desligamento social, onde o homem se recusa a interagir com toda uma sociedade envenenada pelo feminismo. (NAGLE, 2017, p.81)<sup>42</sup>

Faz parte da retórica da “Red Pill” o afastamento do sujeito com os discursos de fora de sua vontade de verdade. Tanto os “MGTOW”s quanto os incels, quanto outros grupos dentro da chamada “machosfera”, seguem este mesmo percurso epistemológico de negação consciente do discurso do outro.

---

<sup>41</sup> Tradução livre para “Men Going Their Own Way”.

<sup>42</sup> Tradução livre para “In just about any YouTube video that touches on men’s issues you’ll find MGTOW adherents in the comment thread depicting women as worthless and mindlessly led by biological impulses, and saying that marriage should be boycotted. There are four levels of MGTOW, and adherents often signal their stages of progression and the amount of time they’ve ‘been mig-tow’. Level 0 is where the member ‘takes the red pill’ and rejects feminism. At level 1 MGTOWs reject long-term relationships, at level 2 they reject short-term relationships and hookups, level 3 requires economic disengagement from women and level 4 is societal disengagement, where the man refuses to interact with an entire society poisoned by feminism”.

É neste pressuposto de ressentimento que perpassa os sujeitos da “machosfera” que a retórica da Alt-Right encontra uma base de filiação. Jason Stanley, em seu livro *Como Funciona o Fascismo: A Política do ‘Nós’ e ‘Eles’* (2018), chama atenção para a política da ansiedade sexual como ferramenta do fascismo. No que se refere à Alt-Right, é perceptível como o ressentimento e a frustração sexual são instrumentalizadas para a adesão aos seus discursos.

A masculinidade patriarcal cria homens com a expectativa de que a sociedade lhes permitirá o papel de únicos protetores e provedores de suas famílias. Em tempos de extrema ansiedade econômica, os homens, já preocupados com a percepção de perda de status resultando do aumento da igualdade de gênero, podem facilmente entrar em pânico por conta de demagogia dirigida contra as minorias sexuais. Aqui a política fascista intencionalmente distorce a fonte de ansiedade. (STANLEY, 2018, p.107)

Entendemos que é precisamente o aumento da igualdade de gênero que se apresenta aos sujeitos dos discursos da “Red Pill” como o impedimento de gozo que o chamado “solipsismo linguístico” impele a eliminar. É dentro desta lógica de supremacia de um grupo em questão que se encontra o sujeito incel: um sujeito tomado pelas funções maquinicas da língua infantilizada (individualizada) que tem como função principal a manutenção de suas filiações e a eliminação do outro, a quem elege como ruído a ser eliminado.

Tal condição nos remete às ideias antiedipianas de Guattari (apud LAZZARATO, 2014): “A produção em série e a exportação massiva do sujeito, branco, consciente, macho, adulto, tem sempre por correlação pôr um freio as multiplicidades intensivas que escapam de toda centralização, de toda arborescência significante” (p.53). A seguir, analisaremos os excertos retirados do Dogolachan que compõem o corpus desta pesquisa para ilustrarmos a materialidade dos dispositivos teóricos aqui postulados.

## **4.2 Método de pesquisa**

Para a devida pesquisa, de natureza exploratória com abordagem qualitativa (GIL, 2006), resgatamos um corpus composto por excertos discursivos do site Dogolachan no período compreendido entre 19 de agosto e 01 de dezembro de 2019. Foram feitos cinco recortes a partir de 4 capturas de tela. Em função da insegurança digital do ambiente, foram

tomados cuidados para que dados pessoais do pesquisador não ficassem expostos, tendo sido utilizado o navegador TOR<sup>43</sup> para acesso ao fórum.

Recapitulando o que pontuamos na introdução deste trabalho, buscamos delimitar o corpus da pesquisa em postagens do Dogolachan por três razões: sua infâmia e exposição recentes graças ao ocorrido em Suzano; pelo caráter confessional que o fórum carrega, uma vez que é hospedado na Deep Web – na região da internet não indexada por buscadores comuns como o Google – e seus participantes gozam do anonimato; e pelo *ethos*, pela caracterização, que o próprio site emana: O fórum se autointitula “O maior fórum Alt-Right do Brasil” (ALESSI, 2019).

Para a formulação de um objeto discursivo e posterior análise, seguindo os termos de Orlandi (2003, p.65), buscamos recolher excertos de manifestações que se caracterizassem como discurso de ódio, bem como a página inicial do site para descrição e análise de seu *ethos*. Enquanto método, recorreremos à Análise de Discurso de tradição pecheuxiana, que considera seu objeto, o discurso, como “o lugar teórico em que se intrincam todas suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito” (MALDIDIER, 2003, p. 15). Lembramos que entendemos discurso de ódio como “discriminação e externalidade baseada na dicotomia superior e inferior” (SILVA, 2011).

No corpus, procuramos localizar as formações discursivas (FD) em que as relações de forças (ORLANDI, 2003, p. 39) são suscitadas pelos sujeitos que se manifestam naquele espaço virtual: o Dogolachan. As FDs podem ser entendidas como “aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2003, p. 43). As relações de forças se referem ao lugar do qual “fala o sujeito” (ORLANDI, 2003, p. 39).

Analisando os excertos tirados do Dogolachan identificamos três formações discursivas (FD) que sustentam suas enunciações. As categorizamos como: **Formação Discursiva da Transgressão (FD1)**, **Formação Discursiva do Ressentimento (FD2)** e **a Formação Discursiva da Eliminação do outro abjeto (FD3)**. Uma vez explicitadas as FDs provenientes dos sujeitos que se manifestam no fórum, refletimos a respeito do lugar de seus sujeitos e sua posição na **relação de forças** que se encontram em embate nos discursos analisados. Para tanto, recorre-se ao conceito de memória discursiva – “o saber discursivo

---

<sup>43</sup> Disponível em <<https://www.torproject.org/download/>> Acesso em 31/03/2020.

que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada palavra” (ORLANDI, 2003, p. 31) – e as condições sociais demandadas pelo método para, então, aproximar o fenômeno às categorizações previamente estabelecidas por esta pesquisa: o “solipsismo linguístico”, agenciado pelo símbolo da “Red Pill”, dentro do contexto econômico e comunicacional da economia da atenção.

### 4.3 Formação Discursiva da Transgressão (recortes 1 e 2)

Para o início da análise do corpus da pesquisa é imprescindível que, antes, que se discorra a respeito da estética do Dogolachan: seu estilo. Fiorin (2008, p. 109) escreve que o estilo “configura um *ethos* do enunciador, ou seja, uma imagem dele”, como ele quer ser lido pelo enunciatário na construção de sua retórica.

Na **Figura 3**, capturada em 19 de agosto de 2019, vemos a página inicial do fórum, que se apresenta com um fundo preto, cores vermelhas fortes, contrastantes, e uma imagem do personagem que protagoniza a série animada “*Mr. Pickles*”, que foi ao ar pelo canal estadunidense *Adult Swim* de 2013 a 2019.

Figura 3: O personagem se apresenta em posição análoga à da figura da entidade Baphomet.



Fonte: Captura de tela. Corpus da pesquisa. Captura feita em 19 de agosto de 2019.

O personagem em questão – um cachorro demoníaco que gosta de matar e mutilar pessoas esporadicamente, apesar de seu traço amistoso – em conjunto com o vermelho e preto convocam aqui o efeito de sentido do que chamamos de discurso da transgressão, da reação ao politicamente correto, comunicando a quem quer que acesse o site que os discursos enunciados a partir dali se diferenciam do *status quo*, do ambiente – referenciando a dicotomia luhmanniana de Sistema/Ambiente – dos discursos externos a ele.

As produções do canal *Adult Swim* são conhecidas por seu apelo contrário ao chamado “politicamente correto”. Aqui, o interdiscurso associado à imagem inicial do site abre caminho para comunicar este ideal contra-cultural, estratégia referenciada no trabalho de Nagle (2017), que reflete sobre o *ethos* da Alt-right estadunidense:

Aqueles que afirmam que a sensibilidade da nova direita online hoje seja a mesma da velha direita, e que não mereçam atenção ou diferenciação estão errados. Apesar de estar constantemente mudando, neste importante momento inicial de seu apelo, sua capacidade de assumir a estética da contracultura, transgressão e não-conformidade nos diz mais sobre sua natureza e sobre o *stablishment* liberal<sup>44</sup> no qual se define contrário. Tem mais em comum com o slogan de esquerda “*é proibido proibir!*” do que com qualquer coisa que a maioria venha a reconhecer como parte de qualquer direita tradicional.<sup>45</sup> (NAGLE, 2017, p. 29, grifo nosso, tradução nossa)

É a partir desta diferenciação em relação aos valores da direita tradicional que se caracteriza e se apresenta a Alt-Right: o conjunto ideológico que se diferencia da direita tradicional ao assumir posições mais enfáticas, mais agressivas, mais extremas que seus correlatos institucionais e que, portanto, classificamos aqui como um novo braço do fascismo.

Também na página inicial, o Dogolochan se apresenta como “**O maior fórum alt-right do Brasil**” (sic), anunciando sua filiação aos análogos estadunidenses e, conseqüentemente, com seus discursos. Logo abaixo, observa-se um “**Bem Vindo**”, assinado por um moderador com a alcunha de “**Elliot Rodger**”, seguido pela afirmação “**O**

---

<sup>44</sup> A qualidade de “liberal” no léxico estadunidense se refere aos costumes que no Brasil podem ser pensados como “progressistas”.

<sup>45</sup> Em tradução livre para “Those who claim that the new right-wing sensibility online today is just more of the same old right, undeserving of attention or differentiation, are wrong. Although it is constantly changing, in this important early stage of its appeal, its ability to assume the aesthetics of counterculture, transgression and nonconformity tells us many things about the nature of its appeal and about the liberal establishment it defines itself against. It has more in common with the 1968 left’s slogan ‘It is forbidden to forbid!’ than it does with anything most recognize as part of any traditionalist right.”.

**holocausto é uma mentira**”, enunciado que traz consigo a memória do discurso nazifascista do negacionismo do extermínio de judeus na Segunda Guerra.

Mais abaixo, vê-se a inscrição **“Todas as marcas registradas, direitos de autor, comentários e imagens neste website são propriedade e responsabilidade dos seus respectivos autores e proprietários”**. Lembramos que Eliot Rodger é o nome do responsável pelo massacre de Isla Vista, em 2014. Sua referência é usada como piada interna dentro do discurso dos incels, a quem se referem como “cavalheiro supremo” (BBC, 2018).

No entanto, não podemos aqui tirar a conclusão de que o Dogolachan seja, de fato, um ambiente de cunho nazista, especificamente. Apesar de que permeiam pelo fórum discursos de supremacia racial, a convocação do discurso e da estética nazista cumpre aqui outra função. Faz parte dos discursos da Alt-Right a ironia como medida de ruptura com o *status-quo* e como forma de ocultar sua comunicação. É a partir desta lógica que surgem os “*dogwhistles*”: expressões e símbolos que parecem inócuos mas que são entendidos apenas por seus pares – o que entendemos como uma força que impele seus discursos em direção ao “solipsismo linguístico”. Não é o caso do uso da estética e imaginário nazista.

Neste caso, pode-se inferir que a apresentação dentro da estética nazifascista esteja mais ligada à cultura da transgressão e seu uso irônico. No entanto, a hierarquização racial é bastante presente no fórum, apesar de não ser seu principal agenciador discursivo. Como se verá, o ódio às mulheres e a pautas progressistas são mais frequentes do que a retórica de “invasão racial” da Alt-right estadunidense. No entanto, sua estética e seus discursos remetem à estética e discursos nazistas, porém, almejando mais o choque do que uma inserção propriamente dita em tais ideais.

O uso irônico da estética nazifascista está longe de ocorrer sem precedentes, como escreve Nagle (2017, p. 30) ao lembrar que a banda *Joy Division* chegou a se apresentar sob o nome “*Freudenabteilung*”, como eram chamados os bordeis de campanha alemães na segunda guerra mundial. A expressão significa literalmente “Divisão Prazerosa”, em tradução livre do alemão, fazendo alusão ao imaginário militar das divisões de soldados que cumpriam missões no conflito bélico.

Neste contexto, a memória da estética nazista, do imaginário satânico evocado pela apresentação do site, assume uma performatividade transgressora movimentada, não pela total filiação ao discurso nazifascista, mas pelo caráter carnavalesco do deslocamento de

sentido que a Formação Discursiva transgressora faz da Formação Discursiva nazista, do riso irônico, ambivalente e libertador (BAKHTIN, 2013 p.105).

O carnavalesco, o grotesco, a estética e o discurso do interdito, são uma forma de transgressão radical contra a hierarquia entendida como hegemônica: neste caso, partindo do pressuposto que o Dogolachan entende como hegemônica uma suposta cultura misândrica engendrada pelo feminismo, como anunciam os discursos agenciados pela “Red Pill”. O entendimento de que os homens encontram-se perseguidos pelas políticas progressistas justificariam esta Formação Discursiva da Transgressão onde “O grotesco tende a operar como crítica à ideologia dominante na qual já se encontram definidos os termos que designam o que alto é baixo”<sup>46</sup> (STALLYBRASS; WHITE, 1986, apud NAGLE, 2017, p. 35).

Faz parte da criação da filiação de identidades dos usuários do Dogolachan o deslocamento de sentido de FDs interditadas, que não circulam no dito “senso comum” – ou no “politicamente correto” –, como o nazismo e o satanismo, para a Formação Discursiva transgressora, às quais nos referiremos como FD1. Entendemos que seja este o fator decisivo para que um indivíduo acesse o fórum, uma vez que ele carrega um hipotético coeficiente de transgressão (CT) de nível 3 quando comparado aos outros chans aqui citados: 4chan e 55chan.

O discurso transgressor do fórum pode ser percebido em tom de manifesto em sua descrição (**Figura 4**), pesando mais para a *ethos* do site do que o discurso nazifascista puro.

Figura 4



Fonte: Captura de tela. Corpus da pesquisa. Captura feita em 19 de agosto de 2019.

No segundo recorte, lê-se:

Sobre - O que é o Dogolachan? Ser dogoleiro é a aplicação da ciência natural de um ser que desperta das banalidades e ilusões para canalizar o

<sup>46</sup> Em tradução livre para “The grotesque tends to operate against as a critique of a dominant ideology which has already set the terms designating what is high and what is low”.

**ódio**, e se você sente **ódio** e está insatisfeito com um mundo onde a subversão **sionista** faz com que os justos sejam boicotados, você deve ser dogoleiro. Se você é só mais uma criança vinda de um reduto despreocupado, fútil e retardado e não tem a intenção de mudar, seu lugar não é aqui. **Ser um de nós implica que você pode ter vindo de qualquer lugar, é um espírito universal e democrático**, você só custava a descobrir, se se identificou com a causa, essa é a hora de se juntar aos melhores e mais fortes, e se desprender das mentes débeis fajutas e pequenas que te atrasam de progredir. (sic) ( Grifo nosso).

Ao citar esta suposta “subversão sionista”, é mobilizada uma rede de memória que remete ao discurso nazifascista novamente. No entanto, mais à frente é dito que “ser um de nós implica que você pode ter vindo de qualquer lugar, é um espírito universal e democrático”, ou seja, abre-se uma contradição para a FD nazifascista. Ao pensarmos neste manifesto à luz da FD da transgressão, pode-se supor que o site direciona sua fala não para aqueles que partilham – necessariamente – da ideologia nazista, mas de um “ódio” que vem de insatisfações com o mundo, o que remete à ideia de um espaço de alto Coeficiente de Transgressão (CT) comparado a outros fóruns.

Voltando à **Figura 4**, vemos que o texto de boas vindas é assinado com o nome de uma figura conhecida pela realização do massacre de Isla Vista em 2014: Eliot Rodger, que manifestava frequentemente sua frustração com relação a mulheres e sua inabilidade de se relacionar com elas. Recapitulamos que, antes de realizar o atentado que o deixou conhecido, Rodger publicou um vídeo manifesto no Youtube com o título “Dia da retaliação”, no qual narra como suas frustrações o levaram à realização do massacre.

Apesar de o vídeo ter sido retirado do Youtube, não é difícil encontrá-lo com uma rápida pesquisa no Google. Elliot passou a ser cultuado pelos grupos de homens que partilham das mesmas frustrações, os citados incels (BBC, 2018). O *Los Angeles Times* batiza Elliot Rodger com o título de “primeiro matador da Alt-Right”, de acordo com um relatório da *Southern Poverty Law Center* (POSTON, 2018). Os atos de Elliot Rodger são referenciados por outros terroristas da Alt-Right, como é o caso de Alek Minassian (POSTON, 2018.).

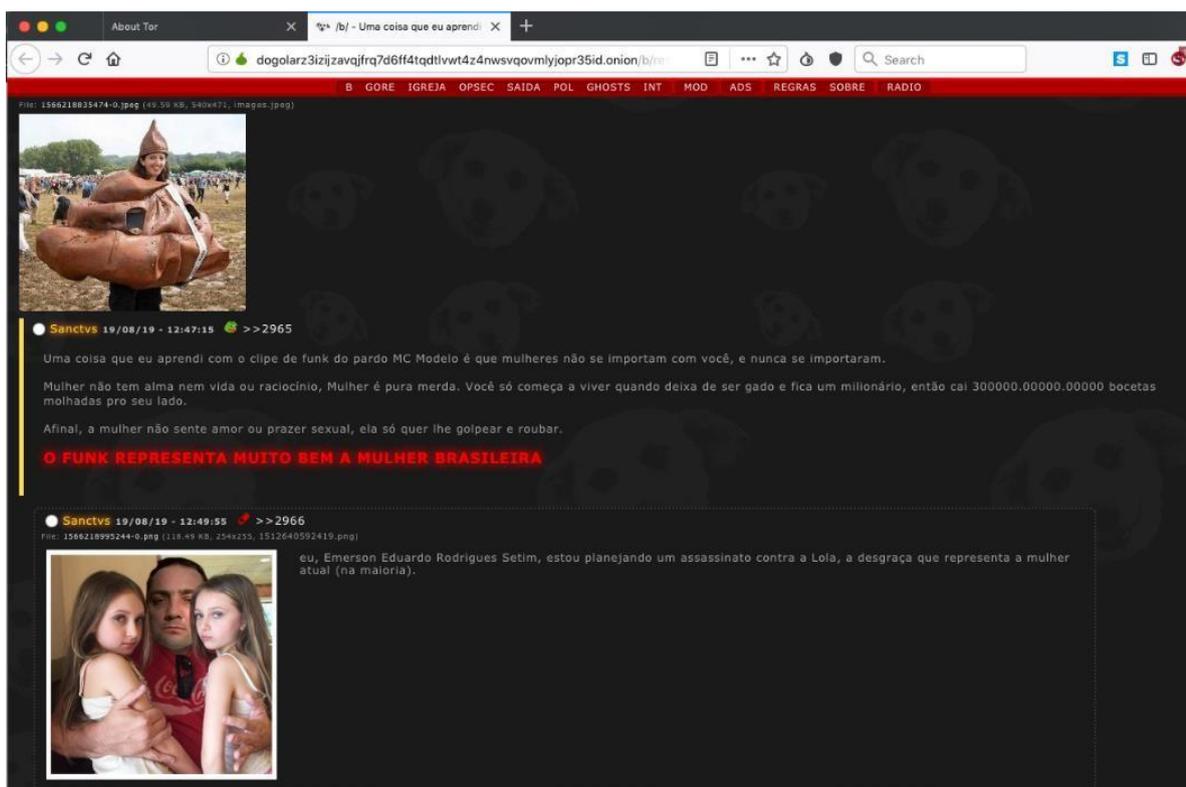
No Dogolachan é comum haver manifestações textuais e imagéticas que também direcionam ódio às mulheres supostamente “indisponíveis” e homens supostamente “bem sucedidos” em se relacionarem com elas. A própria utilização do nome de Elliot Rodger para

o usuário que dá as boas-vindas ao site comporta uma filiação de sentidos que traz à tona o interdiscurso do manifesto do ódio direcionado ao sexo feminino e aos homens “não-incels”.

É a partir deste entendimento; o de que permeiam discursos concernentes à metáfora da “Red Pill” e do entendimento que mulheres – bem como outras conquistas do progressismo – são responsáveis por suas dores que fica claro que se trata de um ambiente voltado (mas não necessariamente exclusivo) para um público que carrega a frustração comum do celibato e/ou alguma não-inserção social. No fórum, também é comum a exaltação de outras figuras associadas à violência direcionada aos grupos tidos como responsáveis por suas frustrações, bem como sua desumanização através da imputação de desqualificadores, como se observam nos recortes a seguir.

#### 4.4 Formação Discursiva do Ressentimento (recortes 3 e 4)

Figura 5:



Fonte: Captura de tela. Corpus da pesquisa. Captura feita em 19 de agosto de 2019.

No terceiro recorte, na **Figura 5**, vemos a imagem de uma mulher em uma fantasia de fezes, o que apresenta o tom de escárnio da postagem, seguido da mensagem do dia 19/08/2019:

“Uma coisa que eu aprendi com o clipe de funk do **pardo** MC Modelo é **que mulheres não se importam com você, e nunca se importaram**. Mulher não tem alma nem vida ou raciocínio, mulher é pura merda. Você só começa a viver quando deixa de ser gado e fica um milionário, então cai 300000.00000.00000 bocetas molhadas pro seu lado. Afinal, a mulher não sente amor ou prazer sexual, ela só quer lhe golpear e roubar. **O FUNK REPRESENTA MUITO BEM A MULHER BRASILEIRA**” (sic), (grifos nossos).

A postagem não deixa claro a qual clipe se refere o comentário, mas, a data e conteúdo de postagem permitem supor que se trata do clipe da música “Eu Sou Modelo”<sup>47</sup>, do já citado MC Modelo com a produção do canal Kondzilla, produtora de artistas periféricos que veio a ser tornar o quinto maior canal do Youtube mundial e maior canal brasileiro da plataforma em 2019 (ESTADÃO, 2019).

No suposto clipe em questão, vemos um homem sem camisa se apresentando de forma caricata, cômica, interpretado pelo próprio MC Modelo, sendo rejeitado por várias mulheres enquanto canta “eu sou modelo e as meninas gostam”. O humor do clipe, pode-se dizer, é o fato de o MC se apresentar como um personagem feio em seus trejeitos, o que se confirma pelas expressões e reações negativas das mulheres que aparecem na produção, enquanto que pela letra da música cantada o mesmo se mostra como alguém com a autoestima elevada, como “modelo”, como ele mesmo se descreve.

Na postagem percebe-se o tom racista dos discursos que permeiam o fórum ao se fazer intrínseca ao comentário a qualificação racial para descrever o trabalho do MC, colocando-o em posição de outro, de algo distante, que não partilha das condições de produção discursivas dos que fazem parte do fórum. Aqui é possível encontrar referência aos discursos de supremacia racial da Alt-Right.

Em seguida, é possível notar a presença de uma FD baseada no ressentimento característico dos incels. Aqui nos referiremos a ela como FD2. Ao escrever, em letras maiúsculas, que “O FUNK REPRESENTA MUITO BEM A MULHER BRASILEIRA”, há uma referência à memória discursiva característica dos incels de classificar como “*chads*” e “*stacys*” (NAGLE, 2017, p.91) os homens tidos como “bem sucedidos” nas relações com

---

<sup>47</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=6qzYSHNntEA>> Acesso em 06/04/2020.

mulheres; e mulheres tidas como fúteis e “inalcançáveis”, respectivamente: aqui representados pela figura do artista e da mulher do universo do funk. Nagle (p. 91) afirma que estes estereótipos qualificam aqueles que estão alheios aos seus discursos, no contexto da Alt-Right estadunidense. Entendemos que seu uso no Brasil não foge da mesma função.

A frase se inscreve numa rede de enunciados que produzem efeitos de sentido referentes ao funk e aos seus adeptos, mais precisamente reiterando um conjunto de formulações que trazem a rede de memória – do senso comum – de que o funk carrega consigo um imaginário permeado exclusivamente pelos jogos sexuais e pela promiscuidade. Portanto, a significação dada aos sujeitos ligados ao funk se encaixa com a significação atribuída aos chamados “*chads*” e “*stacys*” do vocabulário *incel*.

No corpus recuperado é possível perceber que o discurso do ressentimento se faz presente em muitas das manifestações dos usuários do Dogolachan, o que leva à suposição de que, apesar do anonimato, a maioria dos usuários do fórum sejam *incels* e partilhem frustrações em relação a mulheres, o que serve de formação discursiva comum para sua união: a **Formação Discursiva do Ressentimento** (FD2).

Logo abaixo, em resposta à primeira postagem analisada, segue uma montagem de um homem com rosto de outra pessoa colocado por cima do seu, abraçado a duas crianças e os dizeres: “eu **Emerson Eduardo Rodrigues Setim**, estou planejando um assassinato contra a **Lola, a desgraça que representa a mulher atual** (na maioria)” (grifo nosso). O rosto é do já citado Emerson Eduardo Rodrigues Setim, um dos fundadores do Dogolachan e, anteriormente, do blog “Silvio Koerich”, que disseminava ódio direcionado a grupos minoritários e ensinava homens a estuprar mulheres (LADO A, 2018).

Segundo matéria do portal Vice (DECLERQ, 2019a), é comum aos usuários do site assinarem suas mensagens fazendo referência a figuras conhecidas como o próprio Setim e o já citado criador do site, Marcelo Valle Silveira Mello, conhecido como “Psy” ou “Batoré”. Além da referência ao criador do site – uma figura associada a crimes de racismo e de discurso de ódio –, a postagem também faz referência a Lola Aronovich, vítima constante de ataques dos usuários do site. A memória discursiva trazida com a citação do nome do autor dos sites mencionados deixa claro o lugar de fala de quem escreve a mensagem: o de familiaridade com as ações de Emerson Setim. Isto permite supor que o autor partilhe dos mesmos discursos e ressentimentos de Setim, o que reforça um efeito de sentido que reinsere uma negatividade associada à imagem da escritora Lola Aronovich.

Aronovich escreve sobre grupos de ódio direcionado a mulheres desde 2008, desde o chamado “Caso Eloá”. A partir de 2011, ela passou a receber sistematicamente ameaças de grupos antifeministas, quando chamou a atenção da natureza feminicida do Massacre de Realengo, em 2011 (ARONOVICH, 2018). É possível perceber que a figura da escritora, como nos revela a fala “a desgraça que representa a mulher atual (na maioria)”, torna-se aqui um significante que amarra todo um conjunto de imagens que vão de encontro a uma imagem de mulher ideal partilhada pelos usuários do Dogolachan: a mulher submissa.

Para os usuários do fórum, bem como os sujeitos da “Red Pill” em geral, o feminismo, a emancipação da mulher em relação à hierarquia patriarcal, torna-se uma interdição de seus gozos. Vale recorrer ao que avalia Lebrun (2008, p.9): “(...) o ódio é oriundo da opressão, da imposição de um gozo a menos, uma falta, uma restrição”. Portanto, o ódio direcionado a Aronovich se mostra como resultante da interdição vinda do feminismo – canalizado na imagem da escritora – ao gozo do homem, indo de encontro a uma suposta posição hierárquica superior, tradicional de um contexto patriarcal, que engendra as condições de enunciação do discurso do ressentimento (FD2). Esta posição hierárquica se supõe aqui com base na noção de “relação de forças” (ORLANDI, 2003, p. 39), de que “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”.

Na imagem que acompanha a menção à escritora, vê-se um homem com o rosto de Setim abraçado a duas crianças. Dentro do contexto da postagem e do histórico de crimes relacionados à pedofilia<sup>48</sup> pelos criadores do site, é possível – ao atentar-se não apenas para a materialidade da linguagem, mas também para os mecanismos do funcionamento da imagem para produzir sentidos – concluir pela presença do “não-dito” (PÊCHEUX, 1988, p. 291) de que a pedofilia, dentro da Formação Discursiva de ressentimento (FD2) de dentro do fórum, aparece como uma fantasia direcionada precisamente à negação da ideia de emancipação da mulher uma vez que a criança vai, necessariamente, se encontrar em posição de submissão em uma relação.

Esta suposição se confirmaria na observação dos trajetos temáticos que reiteram as redes de memória evocadas pelas figuras de Aronovich e Setim, e, com base nos comentários sobre o clipe do MC Modelo, formando aqui o seguinte efeito de sentido: “As mulheres não me desejam pois, uma vez gozando de liberdade de escolha de seus parceiros, eu não serei

---

<sup>48</sup> Disponível em <[https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/wp-content/uploads/sites/41/2019/01/1\\_DENUNCIA1.pdf](https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/wp-content/uploads/sites/41/2019/01/1_DENUNCIA1.pdf)> Acesso em 07/04/2020.

cogitado como opção. Esta liberdade de escolha é fruto do feminismo, encarnado pela figura de Lola Aronovich. Outros homens, como Emerson Setim, igualmente ressentidos, materializam a passagem ao ato, a violência física ou emocional causada pelo ódio que sinto ao mesmo tempo em que fantasiámos com um ideal de feminilidade completamente passivo, contrário aos ideais do feminismo, materializado aqui pelo discurso da pedofilia, uma vez que a criança não se constituiu como sujeito autônomo”.

Assim como é comum a referência aos criadores do site, nota-se também a frequência com que são feitas referências a personalidades conhecidas por crimes de ódio direcionados à mulheres, como é o caso do já citado Elliot Rodger e de Wellington de Menezes, responsável pelo massacre de Realengo-RJ em 2011, como mostra a **figura 6**.

Figura 6



Fonte: Captura de tela. Corpus da pesquisa. Captura feita em 19 de agosto de 2019.

Na **figura 6** vê-se uma montagem de Wellington Menezes no corpo de Jesus Cristo, com os dizeres “Wellington Sancto” e a mensagem em letras garrafais “MATE 10 MERDALHERES HOJE”. Aqui chama-se atenção para o uso da qualificação “sancto” em referência a Wellington e também à padronização de como é mostrado o nome do usuário que posta a mensagem. Em outros *chans*, o usuário é apresentado como *Anonymous*, embora o recuso varie conforme o *ethos* de cada *chan*.

“Sancto”, neste caso, faz referência ao grupo “Homens Sanctos” (BRANDT, 2019), dos mesmos criadores do Dogolachan, mas o termo pode convocar, também, a memória das cruzadas. O imaginário das cruzadas é um interdiscurso que permeia as manifestações verbais dentro do site, fazendo parte de uma constelação de enunciados que produz o efeito de sentido da valoração de determinado grupo perante ao outro abjeto, subversivo e que, portanto, deve ser eliminado, como a igreja católica tratou a religião islâmica no período referenciado pela escrita grafada em latim.

Dentro desta **Formação Discursiva da cruzada para eliminação do outro abjeto**, – que aqui chamaremos de FD3 – fortemente representado pelo feminismo, podemos imaginar que o culto à imagem de atiradores em massa, dos sujeitos de crime de ódio direcionado às mulheres, liga-se à máxima lacaniana de que “O desejo do homem é o desejo do Outro” (LACAN, 2004, p. 32).

Ou seja, a materialização do desejo do *incel*, da efetiva passagem ao ato diante de sua não conformidade com o mundo, tal como se apresenta, resulta no culto à imagem de assassinos que realizaram os crimes que gostariam de ter cometido ou, ao menos, que sentem vontade de cometer. Pode-se supor que, impulsionado pelas Formações Discursivas da transgressão (FD1) e do ressentimento (FD2), o usuário do Dogolachan vá buscar inserção num discurso que, primeiro, se afaste do ambiente/status que lhe aflige (FD1) e, segundo, que abarque suas frustrações como algo, não a ser repreendido, mas a ser exaltado (FD2).

A partir deste caminho epistemológico de transgressão e ressentimento, os usuários do Dogolachan se encaminhariam em direção a uma terceira Formação Discursiva: a da **eliminação do outro abjeto** (FD3). É dentro da lógica de anonimato dos chans, em que, portanto, um usuário entende-se e é entendido como participante daquele grupo por meio de suas enunciações que se dão as interações dos indivíduos dentro do Dogolachan e pelas quais se formula capital social (BOURDIEU, 1985) dentro do dito espaço.

#### **4.5 Formação discursiva da eliminação do outro Abjeto (recorte 5)**

Na **figura 7**, observa-se uma postagem ilustrada pela imagem de um homem, entendido aqui como homossexual, empunhando a bandeira do estado de Israel e uma bandeira alusiva à comunidade LGBTQI+ no que parece ser um evento direcionado ao público em questão: uma parada gay. Abaixo se lê a seguinte mensagem:

Figura 7:



Fonte: Captura de tela. Corpus da pesquisa. Captura feita em 1° de dezembro de 2019.

“**A real é que eu me sinto fraco, humilhado**, indeterminado e depressivo ao saber que nos, confrades, **falhamos nesta batalha**. Todos os nossos pensamentos, nossa fé, nossa luta, TUDO foi jogado no lixo. O judeu venceu, nos perdemos e agora vivemos neste Colapso. Não duvido muito que daqui a 3 anos ou 2 a raça ariana branca Europeia já não exista mais. **A miscigenação sustentada e influenciada pelos judeus simplesmente vai causar um genocídio, a nossa raça vai deixar de existir**. Nosso sexo também, **heteros não existirão mais**. **Toda população se tornará LGBT**. E tudo isto é culpa do judeu. Bem, ao contrário do movimento progressista, nos pelo menos SONHAMOS EM ALGO MARAVILHOSO e LUTAMOS POR ISTO, mesmo FALHANDO no final. Já eles sonham em fracasso e lutam pelo fracasso vencendo no final. Todos estes anos de luta, de fé e oração para o poder mundial ficar na mão dos outros, dos errados e cruéis, e nos ainda sermos considerados os maus, apenas para o judeu transformar o mundo a merda que ele é hoje.... **Eu pelo menos irei lutar até o último momento de minha vida para renascer os bons costumes, a tradição e a nossa vitória para o bem da sociedade**. Trazendo ao poder a raça ariana católica de bem.” (sic) (grifo nosso).

É perceptível, na expressão deste usuário, que o que move seu desabafo é o movimento a favor da visibilidade da comunidade LGBT, sua não repressão. A partir daí o relato do desconforto com a existência do movimento LGBT se apoia na Formação Discursiva do ressentimento (FD2) e da cruzada para a eliminação do outro abjeto (FD3),

como se pode perceber pelos excertos “falhamos nesta batalha” (FD2) e “Eu pelo menos irei lutar até o último momento de minha vida para renascer os bons costumes, a tradição” (FD3).

É importante ressaltarmos que a escolha do tom do texto não ocorre à toa. Como escreve Nagle (2017),

O tom dramático e sabidamente cinematográfico era típico do estilo online que se esconde da interpretação por meio de uma distância tonal pós-moderna, de modo que, se algum “normie” o interpretasse literalmente, seria motivo de riso. (NAGLE, 2017, p.26)<sup>49</sup>

“Normies” é como são chamados pelos usuários dos chans os indivíduos alheios aos seus discursos. É perceptível, em toda linguagem do Dogolachan, similarmente à Alt-right estadunidense, o tom dramático e irônico que serviria tanto para disfarçar uma interpretação literal do que se diz quanto para agenciar locutores e interlocutores dentro deste discurso, desta **linguagem do ódio**, como podemos assim qualificar. No entanto, o tom irônico das postagens do site não anula o peso de seus discursos.

Em um aprofundamento nas formulações “**heteros não existirão mais**” e “**toda população será LGBT**”, podemos supor que o enunciador parte de uma concepção pré-existente de que os LGBTs tenham como norma a posição de marginalidade e que a mera luta por igualdade, representado pela imagem de uma suposta parada do orgulho LGBT, lhes represente uma ameaça à hegemonia heteronormativa, assim como a ideia de emancipação da mulher. É assim que entendemos que a presença dos LGBTs na convivência da cotidianidade se apresenta como um ruído a ser eliminado pelos usuários do Dogolachan.

Pensando nos movimentos pela igualdade e visibilidade LGBT, supomos ainda que o autor os coloque nesta posição extrema que entra em concordância com os discursos da “Red Pill”, pois ela se mostra como a exceção a uma suposta *normalidade* (onde LGBTs seriam marginalizados). Isto representaria para este usuário um impedimento de gozo a ser eliminado para que seu entendimento de mundo, sua vontade de verdade, não encontre ameaças, ruídos.

É neste sentido que as postagens do Dogolachan funcionam como propaganda fascista, uma vez que

---

<sup>49</sup> Em tradução livre para: “The dramatic and knowingly cinematic tone was typical of the online style that hides itself from interpretation through a postmodern tonal distance, so that if any normie were to interpret it literally they would be laughed at”.

A propaganda fascista normalmente apresenta hinos pungentes diante do sentimento de angústia que acompanha a perda do status dominante. Esse sentimento de perda, que é genuíno, é manipulado na política fascista, transformado em vitimização e ressentimento e explorado para justificar formas de opressão passadas, atuais ou novas. (STANLEY, 2018, p.81)

Se o contexto de normalidade, para um sujeito que busca o regime de verdade da hegemonia patriarcal imerso na linguagem fascista, é a não enunciação de qualquer manifestação contrária à heteronormatividade. É possível entender que a ideia de *anomalía* signifique a não enunciação da masculinidade e o apagamento de sua identidade como “homem branco cristão”. A confirmação desta leitura vem no trecho **“A miscigenação sustentada e influenciada pelos judeus simplesmente vai causar um genocídio, a nossa raça vai deixar de existir. Nosso sexo também, heteros não existirão mais. Toda população se tornará LGBT.”** Aqui vale lembrar que a referência ao povo judeu, apesar de ainda antissemita, tem significância maior dentro do discurso da transgressão (FD1), da enunciação do interdito, apoiando-se no discurso nazifascista para atribuir significância de desprezo (FD3) ao outro simbólico, que, neste caso, vem a ser a comunidade LGBT e os movimentos progressistas.

No entanto, a fuga da normalidade, a exceção à norma, ainda não engendra angústia. “Eu vos faria simplesmente observar que é bem possível que se produzam coisas no sentido da anomalia, e que não é isso que nos angustia” (LACAN, 2004, p. 53). A escolha deste recorte discursivo (**Figura 7**) se deu na hipótese de que o deslocamento de sentido – da questão da *subjetividade contrária à heteronormatividade* (ao se referir dos integrantes de uma parada do orgulho LGBT) para o *campo da teoria da conspiração* – tenha se dado pelo sentimento de angústia, uma vez que **“se subitamente toda norma vem a faltar**, quer dizer tanto o que faz a anomalia como o que faz a falta, se de repente isso não falta, é neste momento que começa a angústia” (LACAN, 2004, p. 53, grifo nosso).

Ou seja, é pela tentativa de dar significação ao ressentimento do autor da postagem que se entende aqui pela presença do não dito, que ele é movido pela “angústia de sentir a perda de um status privilegiado” (STANLEY, 2018, p.80).

Se eu cresci em um país em que minhas festas religiosas eram feriados nacionais, sentiria como marginalização que meus filhos crescessem num país mais igualitário, em que seus feriados e tradições religiosas são apenas um de muitos. Se eu cresci em uma sociedade em que todos os personagens dos filmes que vejo e os programas de televisão a que assisto se pareciam comigo, sentiria como marginalização ter um protagonista ocasional que

não se parecesse. Se cresci vendo homens como heróis e mulheres como objetos passivos que os adoram, sentiria como opressão que meu direito de primogenitura fosse roubado por ter que considerar mulheres [e LGBTs] como iguais no local de trabalho ou no campo de batalha. (STANLEY, 2018, p.80)

Este indivíduo poderia pensar “Porque os gays querem tanto se impor? Só pode ser para nos apagar!”. Portanto, a partir de uma visão de mundo proveniente de um status privilegiado, supõe-se que a anomalia, dentro dessa lógica, seja exatamente o contrário dos valores que se tem como humanistas: a norma seria a invisibilização das vozes LGBTs e femininas, sendo a efetivação deste ato um atestado da perda da hegemonia patriarcal. No Dogolachan, podemos supor que o autor desta postagem vê nas políticas progressistas um impedimento do pleno gozo que sua posição privilegiada outrora lhe permitia.

Isto atestaria o funcionamento do “solipsismo linguístico” dentro do Dogolachan e o apagamento discursivo do outro. Seria natural, então, que ocorra o deslocamento do contexto de enunciação da *subjetividade* para o campo das *teorias conspiratórias*, pois pertencem a um “universo logicamente estabilizado” (GREGOLIN, 2006, p. 29), dentro das normas de seus enunciadores. Ou seja, ao deslocar o “subjetivo” para o “conspiratório”, os usuários do Dogolachan preenchem sua angústia ao mesmo tempo em que afirmam suas identidades como incels ou sujeitos imersos nos círculos discursivos da “Red Pill”. O outro, ao se apresentar como aquilo que foge dos ideais do sujeito do Dogolachan (mulheres ao ter autonomia e LGBTs ao não se reprimirem), apresenta-se como desregrado: como estranho.

É interessante notar que a mulher, dentro do universo dos incels e do Dogolachan, ao mesmo tempo que lhes desperta desejo, também os castram deste desejo à medida em que não assumem uma posição de objeto, mas sim de sujeito desejante. E, por não supor o desejo da mulher – esta que goza de um modelo de subjetividade que vai de encontro às fantasias de hegemonia patriarcal – o sujeito incel entra em angústia.

Esta angústia é agenciada pelos discursos da “Red Pill” e são recomendados para outros sujeitos com as mesmas angústias a partir dos mecanismos de recomendação, por meio de vídeos com discursos antifeministas e fantasiando em torno da hegemonia patriarcal como solução para todos os seus problemas. É a partir deste percurso discursivo que, segundo Stanley (2018, p.82) “A experiência de perder uma dignidade outrora inquestionável e estabelecida [...] é facilmente capturada por uma linguagem de vitimização branca”.

Esta angústia, esta dor agenciada pela “Red Pill”, é perceptível na FD2, do ressentimento, sendo aquilo que engendra a FD3, da cruzada para a eliminação do outro

abjeto, representadas pelas figuras dos LGBTs, das feministas, dos progressistas. É o caso também dos modelos de masculinidade não hegemônica, aqueles cujas subjetividades lhes escapam à língua infantilizada/individualizada, lhes escapam ao discurso, ao entendimento coletivo da sociedade.

Em outras palavras, não é de se surpreender que homens que criaram imagens ideais de si com base em um modelo e entendimento de mundo misógino e excludente – impulsionado por lógicas de recomendação de conteúdo online baseadas em fazê-los passar o máximo de tempo possível consumindo conteúdo e gerando dados – venham a classificar os movimentos de igualdade e emancipação de gêneros como responsáveis diretos pela interdição de seu gozo, e, portanto, como alvos de seu ódio.

São estes, então, os produtos de uma economia que instrumentaliza o ódio como objeto agenciador do lucro da venda de publicidade direcionada e, conseqüentemente, de uma linguagem que apague o outro e priorize um tipo de relação maquínica, priorizando a manutenção dos grandes capitais da comunicação digital. A linguagem do ódio, fruto da economia do ódio, torna-se o produto principal do atual paradigma da comunicação que, em última instância, precede manifestações de atos de ódio.

É neste aspecto que o terrorismo estocástico, como ocorrido em Suzano, em São Paulo; em Christchurch, na Nova Zelândia; em Isla Vista, na Califórnia; se mostra como uma nova força do fascismo, encarnada nas estratégias retóricas da Alt-Right, tanto no exterior quanto no Brasil. É neste aspecto, também, que as grandes empresas de comunicação, como o Google, Facebook, Twitter e Reddit estão contribuindo para tal conjuntura.

Entendemos, portanto, que a atuação desregrada destas empresas se caracterize como sintoma de um tempo de ingenuidade quanto ao poder delegado aos grandes conglomerados de tecnologia. A superação deste problema, portanto, pressupõe a superação deste espírito do tempo: regido pela ilusão de objetividade plena dos dados e pelo fantasma do “fim da história”.

## **CONCLUSÃO**

Nosso trabalho buscou ampliar o conhecimento a respeito do produto da economia da atenção (WILLIAMS, 2018) quando tem como objeto de agenciamento o discurso de

ódio. Seguindo a lógica do extrativismo de dados (MOROZOV, 2017), onde o usuário precisa passar o máximo tempo possível em uma plataforma, entendemos que este usuário encontrará condições propícias para seu aprofundamento no discurso que lhe cativar. Independente de que o discurso que cativa o sujeito seja a hierarquização negativa de um outro grupo, concluímos que a lógica do capitalismo de dados pouco se importa com as consequências da distração epistêmica (WILLIAMS, 2018) no mundo real. O foco da economia da atenção é a maior obtenção de dados e receita publicitária, ainda que o que esteja agenciando esta extração de dados com discursos de ódio, como é o caso dos discursos antifeministas que se reúnem em torno da metáfora da “Red Pill”.

O indivíduo que se atomiza, cujo mundo se reduz a seus discursos, buscará a exclusão dos ruídos que lhe separam do pleno gozo, sendo essa a lógica dos algoritmos de recomendação: que excluem aquilo que não lhes convém mostrar. Os sistemas de recomendação das empresas de tecnologia resultariam, então, em um apagamento da coletividade da linguagem, na qual o sujeito de língua infantilizada busca apagar a negatividade em seus discursos, o que lhe afasta da devida inserção no social, na cotidianidade (HELLER, 2011). Trouxemos a ideia de “solipsismo linguístico” para ilustrar este apagamento das complexidades pela língua quando a língua é tomada pela lógica da publicidade.

Portanto, a base de nosso trabalho está nas relações entre o mecanismo de produção de valor da sociedade de controle; o extrativismo de dados e o sujeito desavisado deste contexto que consome informação pelas redes sociais, partindo do pressuposto de que o que se apresenta é uma reflexão ontológica da realidade (de que a realidade é como se mostra nas redes sociais). Neste aspecto pontuamos que o atual paradigma da comunicação, pautado na publicidade que coloniza a lógica das interações sociais, só é possível a partir da ideia de objetividade da tecnologia. Foi a partir desta ideia que pautaram as últimas duas décadas em que o capitalismo de dados pôde, sem resistência, colonizar nossa subjetividade numa instância cognitiva e personalizada: através da língua.

Mostrando a importância deste tipo de discussão, utilizamo-nos do sujeito incel para apontar as consequências na fé cega com a tecnologia. Em última instância, sujeitos em posições previamente tidas como privilegiadas: homens brancos, jovens e de classe média encontram-se deslocados, desprovidos de identificação e, portanto, para alguns, sobra a filiação com os discursos atribuídos à chamada “Red Pill”. Utilizamos a simbologia da “Red

Pill” como mecanismo que amarra os agenciamentos destes jovens com suas frustrações em comum dentro da economia da atenção. Esperamos, no entanto, que o caminho aqui traçado sirva para entender outros grupos que se subjetivam a partir do que definimos previamente como discurso de ódio.

São estas, então, o que podemos chamar aqui de linguagens do ódio, que são mediadas pela lógica neoliberal do extrativismo de dados. O extrativismo de dados, no entanto, precisa constantemente atizar o trabalho atencional (WILLIAMS, 2018), que funciona como seu motor. Motor este que adentra o cotidiano e se configura como biopolítica (FOUCAULT, 1999), como manifestação última da sociedade de controle (DELEUZE, 1992) no momento em que gera riqueza com nossa utilização corriqueira da tecnologia, configurando assim uma espécie de trabalho característica da sociedade de controle: o trabalho difuso. Se geramos riqueza ao capitalismo de dados sem que o percebamos, sem que estejamos cientes, o extrativismo de dados – algo que causa sequelas profundas a partir da distração epistêmica – nos parece análogo a uma situação precária de trabalho, mas que nos afeta sem que estejamos cientes.

Utilizamos a metáfora do rio poluído por mercúrio, que ilustra as consequências do extrativismo mineral: o extrativismo de dados, para gerar riqueza, nos transforma simbolicamente em um rio devastado pela mineração, porém, em nível cognitivo. Entendemos a atuação das grandes empresas de tecnologia, que entram em conflito com nossa própria liberdade de atenção e, conseqüentemente de escolhas de vida, como uma afronta às liberdades individuais, à integridade física e mental humana e, ultimamente, à democracia. Neste aspecto a lógica comercial do extrativismo de dados serve de apoio para a propagação de discursos fascistas.

É importante também ressaltar que não colocamos os chans em si como únicos responsáveis pela violência que se mostra neles. O 4chan existe desde 2003 e só em 2014 passou a ser associado à Alt-Right, quando Elliot Rodger executou o atentado que o tornaria famoso. Propomos aqui que o sentimento de novidade e de transgressão gerados pelo ambiente anônimo são as condições nas quais se permitiu florescer tais discursos, mas não são os únicos responsáveis por subjetivar, por radicalizar, um indivíduo com base em suas frustrações. É preciso o agenciamento destas frustrações por parte dos algoritmos de recomendação para que as mesmas adentrem por vias difusas à vida do sujeito. O sujeito, uma vez subjetivado pelos discursos que se interligam pelas redes sociais, se encaminhará

para o ambiente online buscando transgredir sua realidade. É a respeito desta busca que esquematizamos o chamado Coeficiente de Transgressão (CT).

Entendemos que um sujeito não participa *apriori* de um fórum como o Dogolachan. O Dogolachan é apenas a última instância de um extenso processo automatizado de subjetivação que pouco se importa com o destino final de seus sujeitos, desde que a venda de publicidade direcionada e a retroalimentação dos algoritmos por meio de *deep learning* sejam mantidas. Os algoritmos de recomendação, uma vez produzidos dentro de uma ideologia neoliberal, de transparência e aceleração (HAN, 2012), num contexto pós-ideológico – de plena objetividade e confiança na tecnologia – não pressupõem suas “sequelas” em seus usuários.

Entendemos também que as condições que causam tantos episódios de terrorismo estocástico ao redor do mundo não são meros “ruídos da comunicação”, mas a própria condição *sine-qua-non* pelas quais o capitalismo de dados opera. Um tiroteio em massa, com manifesto divulgado online, feito para ser visto, gera engajamento, que atrai mais pessoas ao seu discurso, posto que gera mais clicks, que gera mais tempo de visualização em vídeos que falam sobre; e que, enfim, gera mais receita publicitária, mais dados e metadados ao Google ou à plataforma em questão. Seus produtos não são nenhuma exceção, mas regra, uma vez que estes geram mais engajamento, mais métricas de sucesso para a economia da atenção e o extrativismo de dados.

O que aqui identificamos é, justamente, o extenso canal de divulgação de todo tipo de conteúdo anti-humanista, violento, antidemocrático, que o Youtube, Facebook, Twitter e Reddit permitem. É justamente na extensa liberdade que têm as maiores empresas do mundo que identificamos seu problema, que se reflete em ambientes anônimos, como os chans. Esperamos que, com o trabalho aqui produzido, possamos ajudar a entender outros efeitos, outras subjetividades, que a comunicação mediada por grandes empresas em plena liberdade possa ter.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O sacramento da linguagem: arqueologia do juramento**. trad. Bras. De Selvino Assman. Belo Horizonte: editora UFMG.

ALESSI, Gil. MP investiga papel de grupos radicais da Internet no ataque em Suzano. **El País**, São Paulo, 15 mar. de 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/15/politica/1552684730\\_810514.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/15/politica/1552684730_810514.html). Acesso em: 21 out. 2020.

ARONOVICH, Lola. 'O DIA EM QUE O CARA QUE QUIS ME DESTRUIR FOI CONDENADO A 41 ANOS DE PRISÃO'. **The Intercept**, [s.l.] 21 dez. de 2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/12/21/prisao-do-misogino-marcelo-mello/>. Acesso em: 6 abr. 2020.

BENELLI, SJ. O lugar das instituições disciplinares na sociedade contemporânea. IN **A lógica da internação: instituições totais e disciplinares (des)educativas**. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 13-22.

BOURDIEU, P., "The forms of capital", in J. G. Richardson (org.), *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*, Nova Iorque, Greenwood, 1985, pp. 241-58.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papirus Editora, 1996.

BRANDT, Ricardo. Leia a denúncia da Operação Bravata, que levou à condenação de homem que ameaçou Jean Wyllys. **Estadão**, São Paulo, 28 jan. de 2019. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/leia-a-denuncia-da-operacao-intolerancia-que-levou-a-condenacao-de-homem-que-ameacou-jean-wyllys/>. Acesso em: 7 abr. 2020.

CANNING, Andrea. 'JESSI Slaughter' Says Death Threats Won't Stop Her From Posting Videos on the Internet. **Abc News**, [S. l.], 22 jul. 2010. Disponível em: <https://abcnews.go.com/GMA/Technology/jessi-slaughter-viral-tweens-violent-online-rant-spurs/story?id=11224731>. Acesso em: 25 jan. 2021.

CASARA, Rubens. **Bolsonaro: o mito e o sintoma**. 1. ed. São Paulo: Contracorrente, 2020.

CHAVES, Wilson Camilo. **Considerações a respeito do conceito de real em Lacan**. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 14, n. 1, p. 41-46, Mar. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722009000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000100006&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 23 Abr. 2020.

CRARY, Jonathan. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

DE SOUZA, Francisca. **TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS DE PRODUÇÃO DE ÓDIO: 55CHAN E OS DISCURSOS DE RAÇA E GÊNERO NA INTERNET**.

Orientador: Neuza Maria de Fátima Guareschi. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Psicologia do Instituto de Psicologia, Serviço Social) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre. 2019.

DECLERQ, Marie. Ameaças feitas por membros de chan brasileiro seguem confundindo a Polícia Federal. **Vice**, [s.l.], 13 jun. 2019. Disponível em:

<https://www.vice.com/pt/article/3k34bn/ameacas-feitas-por-membros-de-chan-brasileiro-seguem-confundindo-a-policia-federal>. Acesso em: 6 abr. 2020.

DECLERQ, Marie. Nos chans, se celebra o massacre na escola de Suzano. **Vice**, [s.l.], 13 mar. 2019. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/qvya87/nos-chans-ja-se-celebra-o-massacre-na-escola-de-suzano>. Acesso em 20/010/2020.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, v.4, 1997.

DELEUZE, Gilles. Controle e devir. in. DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DERRIDA, Jacques. **O monolinguísmo do Outro: ou a prótese da origem**. 1. Ed.: Campo das letras, Porto, 2001.

DINIZ, Débora. Terrorismo estocástico pela porta dos fundos. **El país**, [S. l.], 29 dez. 2019. Disponível em <https://brasil.elpais.com/opiniao/2019-12-29/terrorismo-estocastico-pela-porta-dos-fundos.html>. Acesso em: 21 out. 2020.

ELLIOT Rodger: How misogynist killer became 'incel hero'. **BBC**, [s.l.] 25 abr. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-43892189>. Acesso em: 20 out. 2020.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: o nascimento da prisão**. 20ª ed. São Paulo: Vozes, 1999.

FUKUYAMA, Francis. **The End of History and the Last Man**. 1st ed. New York: Free Press, 2006.

GARVEY, Megan. Transcript of the disturbing video ‘Elliot Rodger’s Retribution’. **Los Angeles Times**, Los Angeles, 24 mai. 2014. Disponível em <https://www.latimes.com/local/lanow/la-me-ln-transcript-ucsb-shootings-video-20140524-story.html>. Acesso em 19/10/2020.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **AD: Descrever – interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história**. In: NAVARRO, Pedro (org.). Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos. São carlos: Claraluz, 2006. p. 19-34.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAN, Byung-Chul. **A Sociedade da Transparência**, trad. Miguel Serras Pereira, Lisboa, Relógio D’Água, 2012.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HOLCOMBE, Madeline. New Zealand PM's office received shooter's 'manifesto' minutes before attack. **CNN**, [S. l.], 16 mar. 2019. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2019/03/16/asia/christchurch-new-zealand-mosque-shooting/index.html>. Acesso em: 25 jan. 2021.

ITO, Aki. A Former Anonymous Hacker's Search for Redemption. **Bloomberg**, [s.l.], 6 mar. 2018. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/features/2018-03-06/a-former-anonymous-hacker-s-search-for-redemption>. Acesso em: 28 set. 2019.

KAHAN, Dan. Misinformation and Identity-Protective Cognition. **Yale Law & Economics Research Paper**, [s. l.], n. 587, 2 out. 2017. Disponível em: [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=3046603](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3046603). Acesso em: 25 jan. 2021.

KEATS, Jonathon. Jargon Watch: The Rising Danger of Stochastic Terrorism. **Wired**, [S. l.], 21 jan. 2019. Disponível em: <https://www.wired.com/story/jargon-watch-rising-danger-stochastic-terrorism/>. Acesso em: 21 out. 2020.

KONDZILLA alcança 50 milhões de inscritos no YouTube. **Exame**, [S. l.], 25 jun. 2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/kondzilla-alcanca-50-milhoes-de-inscritos-no-youtube/>. Acesso em: 6 abr. 2020.

KUNZLER, Caroline de Moraes. **A TEORIA DOS SISTEMAS DE NIKLAS LUHMANN**. Estudos de Sociologia, Araraquara, ed. 16, p. 123-136, 2004.

LACAN, J. Introdução do grande outro. In: **O SEMINÁRIO: Livro 2**. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. **Le séminaire: Livre 10: L'angoisse**. Paris: Seuil, 2004.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: J. Lacan, **Escritos**. (V. Ribeiro, trad.; pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. 1998.

LAZZARATO, Maurizio. **Signos, Maquinas, Subjetividades**. São Paulo: SESC, 2014.

LEBRUN, Jean-Pierre. **O futuro do ódio**. (J. F. C. Corrêa, Trad.). Porto Alegre: CMC, 2008.

LORENA, Sofia. Al-Qaeda e Jihad Internet é a nova a base de operações. **Público**, 14 ago. 2005. Disponível em: <https://www.publico.pt/2005/08/14/jornal/alqaeda-e-jihad-internet-e-a-nova-a-base-de-operacoes-34676>. Acesso em: 24 mar. 2021.

LUHMANN, N. **La sociedad de la sociedad**. México/Barcelona, Universidad Iberoamericana/Herder, 2007.

LUHMANN, N. O conceito de sociedade. In: NEVES, C. B. ; SAMIOS, E. M. B. (Org.). **Niklas Luhmann: a nova teoria dos sistemas**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1997.

LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 15.

LUSTOZA, Rosane. A angústia como sinal do desejo do Outro. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza, p. 44 - 66, 2006.

MALDIDIER, D. (2003). **A inquietação do discurso**. Campinas: Pontes

MALE Supremacy. **SOUTHERN POVERTY LAW CENTER**. [s.l.], [s.d]. Disponível em: <https://www.splcenter.org/fighting-hate/extremist-files/ideology/male-supremacy>. Acesso em: 25 mar. 2021.

MANOVICH, L. Novas mídias como tecnologia e idéia: Dez definições. In: **O chip e o caleidoscópio: Reflexões sobre as novas mídias**. Lúcia Leão (org.). São Paulo: Senac, 2005.

MATURANA, H. The neurophysiology of cognition. In: GARVIN, P. (org.). **Cognition: A multiple view**. Nova York: Spartan, 1969, p. 3-23, 1969

MAXOURIS, Christina et al. El Paso vigils bring together a city in mourning after mass shooting. **CNN**, El Paso, 6 ago. 2019. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2019/08/05/us/el-paso-shooting-monday/index.html>. Acesso em: 19 jan. 2021.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg**. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem – (Understanding media)**. Tradução: Décio Pignatari. São Paulo. Editora Cultrix, 1964.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech. A ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

NAGLE, Angela. **Kill All Normies: Online Culture Wars from 4chan and Tumblr to Trump and the Alt-Right**. Reino Unido: John Hunt Publishing, 2017

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª ed. 2002.

OPPENHEIM, Maya. Jessi Slaughter on becoming a meme and falling victim to trolls after infamous YouTube video. **Independent**, 30 mar. 2016. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/people/jessi-slaughter-youtube-video-viral-troll-damien-leonhardt-2010-myspace-a6959436.html>. Acesso em 06/01/2021.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5 ed. Campinas: Pontes, 2003.

PASOLINI, Pier Paolo. **Empirismo erético**. Milão: Garzanti, 1972.

PEREIRA, Felipe José de Xavier. **A produção de sentido nas redes sociais efêmeras e anônimas: o 4chan e a sua lógica de funcionamento**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estética, Redes e Tecnocultura) Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppgcom/files/2015/05/PEREIRA-Felipe-Xavier.-APRODU%C3%87%C3%83O-DE-SENTIDO-NAS-REDES-SOCIAIS.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2021.

POLÍCIA Federal prende em Curitiba homofóbico por disseminar mensagens de ódio e ameaças na internet. **Lado A**, Curitiba, 14 mai. 2018. Disponível em: <https://revistaladoa.com.br/2018/05/noticias/policia-federal-prende-em-curitiba-homofobico-por-disseminar-mensagens-de-odio-e-ameacas-na-internet/>. Acesso em: 6 abr. 2020.

POSTON, Ben. Killer who committed massacre in Isla Vista was part of alt-right, new research shows. **LA Times**, Los Angeles, 6 fev. 2018. Disponível em: <https://www.latimes.com/local/lanow/la-me-isle-vista-massacre-alt-right-20180206-story.html>. Acesso em: 5 abr. 2020.

SCHWARCZ, Lilia. **Quando acaba o século XX**. São Paulo: Companhia das letras, 2020. p. 36.

SHERMAN, D.K.; COHEN, G.L. The Psychology of Self-defense: Self-Affirmation Theory. **Advances in Experimental Social Psychology**, [s. l.], v. 38, p. 183-242, 2006.

SILVA, Rosane Leal et al. DISCURSOS DE ÓDIO EM REDES SOCIAIS: JURISPRUDÊNCIA BRASILEIRA. **REVISTA DIREITO GV**, São Paulo, p. 445-468, jul 2011.

SIQUEIRA, Filipe; GUIMARÃES, Caíque. Em fórum extremista, atiradores pediram 'dicas' para atacar escola. **R7**, São Paulo, 13 mar. 2019. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/em-forum-extremista-atiradores-pediram-dicas-para-atacar-escola-13032019>. Acesso em: 25 jan. 2021.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: A política do “nós” e “eles”**. 1. ed. São Paulo: L&PM, 2018.

STANOVSKY, Derek. **Remix Racism: The Visual Politics of the “Alt-Right”**. *Journal of Contemporary Rhetoric*, [s. l.], v. 7, n. 2/3, p. 130-138, 2017.

STRÖMBÄCK, Jesper. Four Phases of Mediatization: An Analysis of the Mediatization of Politics. Göteborg: **The International Journal of Press/Politics**, 2008.

STRYKER, Cole. **Epic Win for Anonymous: How 4chan's Army Conquered the Web**. Nova York: Overlook Press, 2011.

THE World's Most Influential Person Is .... **Time**, [S. l.], 27 abr. 2009. Disponível em: <http://content.time.com/time/arts/article/0,8599,1894028,00.html>. Acesso em: 27 set. 2019.

UDOBANG, Wana. Uncool to use English: the rise of 'dialectal' rap. **The Guardian**, [S. l.], 25 fev. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/cities/2016/feb/25/clicks-dips-and-double-consonants-dialectal-rap-makes-a-comeback>. Acesso em: 27 set. 2019.

VELHO, Gabriel. **Análise das apropriações do anonimato nas subculturas dos imageboards**. Dissertação (Mestrado em PROCESSOS E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS) - Universidade Feevale. Novo Hamburgo. 2018.

VIANNA, José et al. PF prende uma pessoa em operação contra racismo, ameaça, incitação e terrorismo praticados na internet. **G1**, Curitiba, 10 maio 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/pf-faz-operacao-contr-crimes-de-racismo-ameaca-e-incitacao-e-terrorismo-praticados-na-internet.ghtml>. Acesso em: 31 mar. 2020.

WILLIAMS, James. **Stand out of our Light: Freedom and Resistance in the Attention Economy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

WITTENSTEIN, Jeran. What Is Trump Worth to Twitter? One Analyst Estimates \$2 Billion. **Bloomberg**, [S. l.], 17 ago. 2017. Disponível em:

<https://www.bloomberg.com/news/articles/2017-08-17/what-is-trump-worth-to-twitter-one-analyst-estimates-2-billion>. Acesso em: 25 jan. 2021.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

ŽIŽEK, Slavoj. Como Marx inventou o sintoma?. In: **Um mapa da ideologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. cap. 14, p. 42-81.

ŽIŽEK, Slavoj. Problemas no Paraíso: artigo de Slavoj Žižek sobre as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. **Boitempo**, 2013. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2013/07/05/problemas-no-paraiso-artigo-de-slavoj-zizek-sobre-as-manifestacoes-que-tomaram-as-ruas-do-brasil/> . Acesso em 06/01/2021.